

5 REINADO: OS MODELOS DE REPRESENTATIVIDADE DO MISS T BRASIL

5.1 Produzindo e promovendo a representatividade trans

Brazil Hosts First Transgender Beauty Pageant

Posted: 11/01/2012 11:22 am EDT | Updated: 11/01/2012 11:22 am EDT



451 196 0 207

Recommend Share Tweet LinkedIn Comment



"This contest is key for the visibility of us. We transgender woman suffer a lot from prejudice and discrimination, whether we are pretty or not, rich or poor."

That's how one contestant describes Brazil's first transgender beauty pageant, staged Oct. 30 in Rio de Janeiro. The event is particularly historic in the Latin American nation, where transgender citizens **have been targets of violence** in recent months. As **Perez Hilton pointed out**, "The contestants all strutted their stuff for the judges, but the pageant was about so much more than just winning."

Last month, a transgender woman known simply as "Madona" died after being stoned by a group of unknown assailants in Aracaju, the capital of the state of the Brazilian state of Sergipe, **Gay Star News reported**.

It's been quite a year for transgender beauty queens worldwide. In May, Jenna Talackova **became one of 12 finalists to compete in the Miss Universe Canada Pageant** and while she didn't win, the story of her struggle was certainly embraced by the international media.

ADVERTISEMENT

Figura 73 - Matéria sobre a primeira edição do Miss T Brasil no site do jornal norte-americano *Huffington Post* (01 nov 2012).



Figura 74 - Foto das candidatas do Miss T Brasil 2012 em galeria no site do jornal italiano *La Repubblica* (30 out 2012).



Figura 75 - Galeria de imagens da primeira edição do Miss T Brasil no site chinês de moda masculina *Yoka Men* (30 out 2012).



ACTUALIDAD EL MUNDO DEPORTES CULTURA VISTO & OÍDO OPINIONES LO QUE HAY QUE LEER TURISMO Y GASTRONOMÍA CIENCIA Y TECNOLOGÍA ESPECTÁCULOS

PROGRAMA
**CONSTRUYENDO
JUNTOS**

**MÁS QUE
CASAS
DE
CEMENTO
Y
LADRILLOS**

INTERNACIONALES.

Eligen por primera vez a "Miss Transexual" de Brasil

Figura 76 - Matéria sobre o Miss T Brasil 2012 no site do jornal argentino *La Gaceta* (31 out 2012).

No final de dezembro de 2013, após a realização das duas primeiras edições do Miss T Brasil e da vitória de Marcela Ohio no mundial *Miss International Queen*, ASTRA-Rio e Majorie Marchi foram premiadas na categoria Visibilidade Trans do 12º Prêmio Arco Íris de Direitos Humanos¹¹¹. Premiação de acordo com a visibilidade pretendida pelo concurso, que reforça desde o nome da categoria de tal prêmio a relação entre visibilidade e algo concebido como cidadania. Reproduzo na íntegra o discurso de agradecimento de Majorie Marchi, no qual faz uma espécie de síntese do projeto Miss T Brasil, em uma noite de gala no Teatro Laura Alvim, em Ipanema, onde sua figura elegante em vestido dourado e, neste momento, comedida em suas palavras e críticas, parecia personificar o modelo ditado e construído pelo Miss T:

Bom, boa noite. É inegavelmente com muita emoção que pela segunda vez eu recebo o Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos. A primeira vez em 2006 na categoria Ativismo LGBT talvez tenha sido um marco porque eu já tinha recebido algumas premiações fora, mas foi a primeira premiação no meu estado. E voltar 6 anos, 7 anos depois, na categoria Visibilidade Trans trazendo um projeto em que as pessoas não acreditavam quando você dizia que podia

¹¹¹ De acordo com Júlio Moreira, presidente do grupo Arco-Íris à época, este prêmio se caracteriza como “uma celebração onde reconhecemos a importância de indivíduos, representantes do Poder Público e organizações da sociedade civil, privadas ou estatais, que se destacaram no corrente ano com ações de visibilidade ou benefícios para a comunidade LGBT” (Grupo Arco-Íris, 2011).

transformar uma coisa que é tão comum no universo cultural LGBT, como os concursos de beleza e o amor que nossa comunidade tem por estes concursos, numa importante ferramenta de transformação social. Muito tivemos que escutar: enquanto as travestis estão morrendo, ela tá pensando em concurso de miss. Uma música dos Titãs define bem como nós desenhamos o nosso trabalho: “A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. O projeto Miss T Brasil objetiva mais do que trazer a cidadania, afirma a nossa identidade de uma forma positiva e, se concurso de beleza é fútil, se concurso de beleza é bobo, nós também temos direito ao lúdico, ao fútil, ao bobo. Chega da imagem de travestis e transexuais ser cotidianamente ligado à marginalidade, às suas mazelas – que estão presentes – mas também temos orgulho de viver, também temos força e temos carisma. E é inegavelmente um prazer muito grande poder exportar a beleza, a identidade e a feminilidade do Brasil. E (pausa com reação de satisfação) em dois anos no concurso internacional o nosso resultado é: nós temos um vice-campeonato, temos a coroa deste ano, um top 10 e um melhor traje. E somos a potência da militância LGBT na América Latina reconhecida em quase todos os jornais do mundo. Foi muito bacana a gente poder ver o concurso de beleza na capa do New York Times, na Índia, na Ásia, em todos os continentes. Agradeço à minha equipe, que é a melhor equipe do mundo: Almir França, Aureliano, Cláudia Celeste, Felipa Tavares, Roberta Brandão, Franz... toda essa galera que me acompanha e que me ajuda a construir esta louca engrenagem de vender sonhos e exportar identidade. Agradeço aos patrocinadores, ao Rio Sem Homofobia. Aos patrocinadores internacionais, a *Kamol Cosmetic* e a *Facial Team*. À Gerfield Produções, todos que acreditaram e ajudaram a gente a chegar neste patamar internacional. Inegavelmente tudo isso se deve à coragem, à dignidade de todas as participantes que tiveram a generosidade de acreditar na metodologia do Miss T Brasil, aonde obviamente eu vou destacar Jéssika Simões, Marcela Ohio e Roberta Holanda, como três belas representantes que honraram a beleza trans e muito mais, a educação e a inteligência que também é comum à travestis e transexuais, que não nos dão oportunidade de mostrar. Vida longa à nossa identidade, vida longa ao Grupo Arco-Íris e muito obrigada [palmas] (Majorie Marchi no 12º Prêmio Arco-Íris, 2013).

Desde o início da preparação da edição de 2012 do Miss T Brasil, a ideia da visibilidade positiva foi constantemente reiterada como o grande objetivo do concurso. Em seções anteriores já mencionei o que o Miss T concebe como visibilidade positiva e aqui destaco a forma como esta pode ser quantificada neste contexto: matérias jornalísticas em sites, blogs, jornais, etc. O meio preferencial desta quantificação foi via virtual, pois estas são em maior número – se não exclusivamente online – e também seriam mais fáceis de serem replicadas pela organização do Miss T.

No agradecimento acima Majorie menciona o destaque no NY Times (que infelizmente não consegui localizar) e diversos outros países que noticiaram o Miss T Brasil (Figuras 72-75). Tanto na edição de 2012 como na de 2013, a AFP – *Agence France-Presse* – produziu uma pequena reportagem em vídeo e fotos de bastidores e do espetáculo que foram replicadas mundo afora. Outras agências também cobriram pessoalmente o evento, mas nenhuma foi tão divulgada como o material da AFP. Este

material se alinhava com o objetivo do concurso e foi replicado em países como Rússia, Bulgária, Tailândia, Estados Unidos, Portugal, Espanha, Croácia, Itália, Eslováquia, Canadá, China, Polônia, Argentina, Bolívia, entre outros. Deste modo, estava cumprido o objetivo da visibilidade positiva, pois o concurso foi considerado pela organização como sendo divulgado como nenhum outro evento trans do Brasil e as travestis e transexuais foram visibilizadas por sua beleza e elegância e não por algum escândalo ou marginalidade.

No Brasil, o concurso também foi bastante divulgado, com destaque para o Portal G1 que, em 2012 e 2013, deu matéria de capa para este certame. Em 2012 uma matéria (reproduzida em partes no Capítulo 3) caracterizava o Miss T Brasil, com falas de Majorie Marchi e algumas candidatas, acompanhada de sessão de fotos de biquíni realizada na Praia do Arpoador, no Rio de Janeiro (Figura 76). Já em 2013, outra sessão de fotos (realizada no próprio hotel onde estavam hospedadas) também de biquíni, acompanhada de um perfil das candidatas, foi parar novamente na capa do Portal G1. Outros portais e sites divulgaram o evento, muitas vezes exibindo uma galeria das mencionadas fotos feitas pela AFP (Figura 77).

30/10/2012 06h00 - Atualizado em 30/10/2012 06h41

Transexuais encaram o preconceito e o biquíni em concurso de miss no Rio

Vencedora será classificada para o Miss International Queen, na Tailândia. Candidatas foram confinadas em hotel e desfilam com trajes de gala e banho.

Tássia Thum
Do G1 Rio

180 comentários

Tweetar 233

Recomendar 954

Dispostas a mostrar suas formas femininas e a encarar o preconceito, 23 candidatas disputam nesta terça-feira (30) o Miss T Brasil 2012, concurso no Rio de Janeiro que vai eleger a mais bela transexual do país. Além da faixa e da coroa, elas querem ser reconhecidas como mulheres e sonham em se tornar a nova Lea T, a filha transex do ex-jogador Toninho Cerezo e estrela da grife francesa Givenchy. A vencedora garante uma vaga no Miss International Queen, na Tailândia, país referência em drogas de mudança de sexo.



Izabely Luca, Fantiny Almeida e Bianca Soares concorrem no Miss T Brasil 2012 (Foto: Tássia Thum/G1)

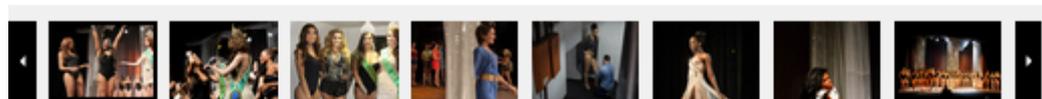
Figura 77 - Matéria que foi capa do Portal G1 em 2012.

Concurso elege Miss Transex 2013 no Rio

Três primeiras colocadas são premiadas com cirurgia de troca de sexo

[Recomendar](#) 39
 [Tweetar](#) 1
 [G+1](#) 1
 [Pin it](#)
 RECEBA NOTÍCIAS NO SEU CELULAR

 Texto: [-A](#) [+A](#)



O concurso de beleza Miss T Brasil 2013 coroou Raika Ferraz, candidata de São Paulo, na noite de segunda-feira (21) no Teatro João Caetano, centro do Rio. Em segundo lugar, ficou Gisela Andrade e, em terceiro, Isabella Coimbra. O campeonato, que chega à sua segunda edição, escolheu a mais bela travesti ou transexual do País. As três foram premiadas com cirurgia para mudança de sexo. A disputa contou com 28 candidatas de 11 Estados brasileiros. As eleitas também receberão auxílio para preparação para os próximos concursos a serem realizados na Tailândia (novembro de 2014) e Espanha (agosto de 2014). Conheça as outras candidatas

Foto: Agência O Dia/Márcio Moraes

Figura 78 - Matéria sobre o Miss T Brasil 2013 no site do jornal O Dia.

No ano de 2014 o concurso não teve a mesma cobertura midiática dos anos anteriores, talvez pelo ineditismo que as primeiras edições representavam ou mesmo questões de logística em sua cobertura, já que aquelas ocorreram no Teatro João Caetano, no Centro da cidade do Rio de Janeiro, e a terceira edição ocorreu em um clube no bairro da Tijuca, a Casa das Beiras. Também o ano de 2014 não contou com a cobertura da AFP nem da equipe jornalística do Portal G1, que tiveram grande peso na divulgação dos anos anteriores por suas coberturas terem sido a base de diversas outras matérias publicadas, em especial o material da AFP que, como afirmado acima, foi replicado em diversos outros sites e jornais.

Matéria interessante foi a da coluna de Bruno Astuto em dois de novembro de 2012, na versão online da Revista Época, que dava destaque à matéria sobre o Miss T Brasil no jornal francês *Liberación* (Figura 78). Era a divulgação da divulgação do Miss T Brasil, na qual Astuto destacava alguns trechos presentes no *Liberación* e afirmava que a matéria francesa tinha ficado entre as cinco mais lidas no dia de sua publicação em tal jornal.

20 115

BRUNO ASTUTO Com *Acyr Méra Júnior e Dani Barbi*

Crônicas Festa Internacional Moda Pessoas Poderio Sem categoria

Concurso de transexuais brasileiro é notícia em jornal francês

2 DE NOVEMBRO DE 2012 | 11:00 | INTERNACIONAL, PESSOAS | MISS T BRASIL

[Twitter](#)
[Curtir](#)
[Compartilhar](#)
41
g+1
2



As tranças do Miss T. /Foto: Reprodução

O concurso Miss T Brasil, que elegeu a transexual mais bonita do país na última terça-feira (30), no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, foi parar no jornal francês *Liberación* e ficou entre as cinco notícias mais lidas do site da publicação.

Marcela Ohlo foi a grande vencedora, representante do Distrito Federal, e vai defender o país no Miss International Queen, na Tailândia. "Vou me preparar bastante este ano e fazer de tudo para conquistar o título lá", disse Marcela, que concorreu com 23 colegas.

"Determinadas a superar os preconceitos e orgulhosas em mostrar suas formas femininas, aconteceu no Brasil o concurso Miss T", escreveu o jornal, que conversou com Bárbara Aires, diretora da Associação de Travestis e Transgêneros do Rio. "Nós sabemos o quanto os transexuais são fascinantes e, como as feministas fizeram topless para atrair atenção, queremos ganhar mais visibilidade e lutar como cidadãos. Queremos escolher uma profissão como qualquer outra pessoa e não sermos excluídas nem forçadas à prostituição", disse Bárbara à publicação, que citou um dos nomes mais emblemáticos do gênero: Lea T.

"Como um concurso de Miss tradicional, as candidatas desfilaram em seus biquínis e vestidos de noite. Vindas de todo o canto do Brasil, essas transexuais desejam o reconhecimento como mulher e têm o sonho de se tornar a nova Lea T., modelo transexual brasileira da grife francesa Givenchy", escreveu o jornal francês.



Figura 79 - Reprodução da coluna de Bruno Astuto no site da Revista Época (02 nov 2012).



Figura 80 - Trecho da coluna de Ancelmo Góis no Jornal O Globo de 19 de outubro de 2013, no qual noticia a ida das candidatas ao Miss T Brasil daquele ano à Quadra da Estação Primeira de Mangueira.

Alguns eventos que circundavam as atividades do Miss T Brasil e sua grande noite de eleição da Miss T também foram dignos de nota na mídia, como a recepção feita no Programa Rio Sem Homofobia mencionada no capítulo anterior e as duas idas das candidatas à Quadra da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira (Figura 79), nos anos de 2013 e 2014. O convite para visitarem a Quadra da Mangueira, com direito a acessarem um de seus camarotes, foi bastante valorizado pelas candidatas, que viam este momento como uma das atividades oficiais do concurso e uma oportunidade única de desfrutarem o que viam como um importante evento da noite carioca (em especial para as candidatas de fora do Rio de Janeiro).

Reproduzo abaixo trecho de diário de campo relatando a ida à Mangueira em 2013:

Diário de campo, 19 de outubro de 2013¹¹²

¹¹² Apresento aqui o relato da ida das candidatas à Quadra da Mangueira no ano de 2013, já que em 2014 eu me sentia tão exausto na noite em que elas iriam que achei mais produtivo descansar e “estar inteiro” para o próximo dia e o restante do meu trabalho de campo junto às atividades do Miss T Brasil 2014.

O grande comentário do jantar do dia 19, sábado, após uma cansativa sessão de fotos foi de que as candidatas tinham sido convidadas para o camarote na quadra da Mangueira naquela noite. Esta ida foi nota na coluna do Anselmo Góis no Jornal O Globo, o que foi tido pela organização como uma divulgação e visibilidade muito grande, ao contrário da maioria das candidatas que não sabiam quem era o colunista e de que sua coluna se tratava.

Apesar de um grande cansaço causado pelas atividades que haviam durado o dia inteiro, cheguei um pouco antes das meninas na quadra da Mangueira. Fiquei esperando pelas candidatas por alguns minutos, quando logo elas chegaram em vários taxis, quase simultaneamente. Aproveitei para tentar ouvir os comentários dirigidos a elas de quem estava ali aguardando para entrar na quadra ou curtindo festa funk que acontecia no viaduto em frente. Não consegui ouvir o que os pequenos grupos conversavam, mas possivelmente comentavam sobre as candidatas já que todos os olhares eram direcionados para aquele grupo de mulheres despojadas como o ambiente pedia, mas elegantemente produzidas. Só pude ouvir um comentário ou outro, a maioria bastante elogiosos, apesar de vários risos com ar de deboche também terem sido por mim notados.

Ao entrar na quadra, as candidatas foram logo direcionadas para o camarote e a pulseirinha de identificação que ganharam dava acesso à toda a quadra, de modo que em muitos momentos elas preferiram dançar e aproveitar a noite no chão da quadra. Além da presença do grupo ter sido anunciada pelo locutor/mestre de cerimônias, aquele grande grupo de meninas chamava a atenção e elas experimentaram uma noite de muito samba como celebridades. Nesse espaço, sambaram bastante e, ao estarem na quadra, tinham o espaço aberto pelo público para que dançassem, além de serem muito elogiadas e terem tirado muitas fotos com quem ali estava e alegremente se aproximava do grupo.

Diversas meninas comentaram sobre um cara em especial que estava com o que parecia ser sua esposa ou namorada, a quem, por muitas vezes, abraçava somente para poder olhar para a bunda das meninas sem que sua acompanhante notasse. A situação gerou risos e comentários entre elas sobre o quanto estavam satisfeitas com isso ao mesmo tempo em que diziam que “homem é tudo igual” e que “nenhum presta”.


G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE
MANGUEIRA
1928
☰

Miss T Brasil 2013

Início / Notícias



Miss T Brasil 2013

Incluído em: 20/10/2013 por: Rubem Machado

A

As candidatas a Miss T Brasil 2013, participaram neste sábado (19) do ensaio da Estação Primeira de Mangueira, no Palácio do Samba. São 27 travestis, uma de cada unidade da federação mais a representante do Distrito Federal.

O concurso que elegerá a representante brasileira no Miss T Universo na Tailândia, será realizado no Teatro João Caetano nessa segunda (21) a partir das 19 horas. A Rainha de Bateria da Mangueira, Evelyn Bastos, será uma das juradas que será composto ainda pela atriz Antônia Fontenelle, A Miss Brasil Marcia Gabriele, o carnavalesco e apresentador Milton Cunha, a atriz e ex-paquita Cátia Paganotte, o repórter Amin

Figura 81 - Nota no site oficial do G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira sobre a participação das candidatas do Miss T Brasil 2013. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/candidatas-ao-miss-t-brasil-2013-na-mangueira/>



Figura 82 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013 na Quadra da Mangueira. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 83 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013 na Quadra da Mangueira. Foto: Aureliano Lopes.

to transfer affect, from the moment of their production to the moment of their reception” (2015, p.02) e por isso tais imagens estariam livres para qualquer tipo de apreensão da plateia (ou plateias) ali presente¹¹³, como de todos aqueles e aquelas que quiçá viriam a se deparar com tais imagens em momento posterior. Como também postula tal autora, imagens operam racionalidades diferentes daquelas possíveis através de palavras, de modo que talvez por aquelas justamente não serem palavras em um sentido estrito, possam ir além ou aquém de um discurso que apregoa determinada direção para sua inteligibilidade. Por isso, talvez o que estivesse sendo construído através de imagens no Miss T Brasil fosse diferente – e deve ser diferente – de um discurso político formal ou tido como mais inteligível.

Uma política das imagens, ou “a partilha do sensível [que] fixa, portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas” (Rancière, 2009, p.15, grifos no original), é aberta ao público que as vê. E podemos conceber o Miss T Brasil como um projeto que tinha como um dos objetivos povoar o imaginário social com modelos imagéticos alternativos àqueles relacionados à vitimização e marginalidade, reiterados pela grande mídia brasileira. Ainda que este regime de visibilidade tivesse que ser construído em torno da produção de corpos e imagens condizentes com certo padrão social de beleza para mulheres cisgênero em geral e lançasse mão do formato concurso de beleza como estratégia – historicamente consagrado pelo mesmo imaginário social que define o que é a beleza feminina universal – o que era destacado era o sentimento de protagonismo na forma como estavam sendo retratadas pela mídia, associado à uma imagem positiva em matérias que mereceram destaque longe de qualquer associação com a marginalidade ou a um humor que buscava torná-las ridículas e/ou risíveis.

Outra cena que ilustra bem esta imprevisibilidade da resposta à visibilidade dos modelos imagéticos do Miss T foi quando, em um de seus anos, todas as candidatas estavam jantando em um restaurante. Olhares de quem também estava ali eram percebidos a todo momento, mas nada parecia indicar algum tipo de reprovação mais explícita. Olhares eram dirigidos a elas, àquele belo coletivo de misses que não deixavam de estar tendo, naquele jantar, um evento público e coletivo do concurso. Deste modo, seria impossível passar-se incógnita e isso nem era o desejado. Vários funcionários do

¹¹³ Apesar de aqui estar me referindo ao espetáculo do Miss T Brasil quase como que igualando-se a uma imagem ou fotografia, cabe mencionar a discussão de Jacques Rancière (2012) sobre a impossibilidade de uma plena previsão de sentido na relação entre espectador e obra artística, ainda que esta tenha um claro e direcionado objetivo político.

restaurante se mostravam animados com a presença das Misses T e não posso assegurar se esta animação era por considerá-las bonitas e apoiarem tal evento ou um suposto exotismo com o qual poderiam estar lendo a figura daquelas travestis e transexuais. Praticamente todos os funcionários da cozinha saíram para vê-las e alguns tiraram fotos, sem que nenhuma candidata se incomodasse. No momento em que todas finalizaram o jantar e saíamos em um grande grupo do restaurante, alguns funcionários da cozinha novamente apareceram para as candidatas e, mais uma vez demonstrando animação, elogiaram a beleza delas e apoiaram a realização do concurso. Um deles disse que tinham gostado muito delas e tirado muitas fotos, ao passo que outro exclamou: “e eu inclusive fiz um vídeo!”.

As candidatas sorriam sempre, disseram algumas amenidades, agradeceram e seguimos de volta ao hotel. No caminho, uma das candidatas brincou: “amanhã vai ter vídeo da gente no [website] youtube dizendo: ‘grupo de travestis jantando em restaurante carioca’”. Neste momento, outra candidata respondeu: “Que nada, vão colocar é assim: ‘bando de viados jantam no restaurante tal’, ‘eles [destacando o uso do pronome masculino] estavam no restaurante’...” e, encerrando os comentários “jocosos” que neste momento ganhavam tons de desabafo sobre a forma como um jantar festivo em prol da dita visibilidade positiva poderia ser reapropriado de uma forma preconceituosa, outra candidata disse: “vão dizer é que ‘tal restaurante não é mais o mesmo e é mal frequentado, olha lá o tanto de ‘viado’ jantando junto lá...”.

O termo ‘viado’, que, em momentos de brincadeiras entre elas, pode parecer divertido e carinhoso, como muitas vezes o são no uso intragrupal de termos tidos como pejorativos quando usados por outros – como também acontece entre muitos homens gays, lésbicas, etc – aqui ganhava um caráter de preocupação como algo que poderia ferir e invalidar toda aquela feminilidade ali belamente construída e visibilizada. Todos esforços para se constituírem como belas e celebrarem suas belezas em um concurso de beleza poderiam cair por terra ao serem nomeadas no masculino e reconhecidas como gays ou “viados”. A imprevisibilidade da resposta à visibilidade poderia ganhar tons diversos do esperado e uma preocupação maior poderia ser com a forma como isto poderia ser sentido subjetivamente por cada uma das candidatas, em relação às suas experiências de preconceito e discriminação e trajetória pessoal.

Neste sentido, nas entrevistas que realizei perguntava se o concurso poderia trazer algo de negativo para elas. A grande maioria respondia que não via nada negativo, destacando a importância do certame em questões mais relacionadas à imagem que a sociedade tem das travestis e transexuais e que poderíamos nomear como políticas: “Eu não vejo lado negativo no concurso não. Tipo, eu acho que o que ele vem é pra agregar valores, conhecimento, uma causa em si. Não vejo nada negativo não”; “É muito bom, porque que a nossa imagem vai ser mudada. Tá mudada já, gente. Tá mudada no site, Facebook, revista, tá agora no G1 da Globo. Então o que acontece? Pras pessoas, pra sociedade, tão mudando a cabeça sobre a nossa imagem. Acho muito bom, muito bom, né?”.

Outras respondiam negativamente à minha questão e destacavam tópicos tidos como mais subjetivos e relacionados às suas vidas e experiências pessoais, como nos diversos exemplos a seguir: “Algo negativo? Não, sempre tem os prós e os contras [da experiência], mas algo negativo que venha junto com esse título eu acho que não tenha não. Eu acho que não tem não. Crítica sempre tem, é óbvio”; “É [risos], nunca imaginei. Também acho que não”; “Nenhum. Esse concurso ele só tem a agregar coisas maravilhosas no nosso currículo. Então, assim, de jeito nenhum. Em hipótese alguma”; “Negativo pra mim nenhum. Nenhum ponto negativo, muito pelo contrário. Não tem como um sonho que eu tô realizando se tornar um fator negativo pra mim”; “Nenhum, não vejo nada negativo. Sou super assumida, sou uma trans mega assumida e eu acho que não vai ter algo negativo não. Pelo contrário, fiz mais amigos aqui e vim pro Rio de Janeiro, adoro o Rio. Tá sendo uma oportunidade novamente de ter vindo. Ai, eu tô adorando. Não tenho o que falar, não imagino ter pontos negativos”.

Ao contrário da candidata que não via pontos negativos em sua participação no Miss T Brasil por ser “assumida” em seu cotidiano ou para pessoas de seu círculo pessoal mais direto, outras candidatas pareciam demonstrar certo receio acerca da forma como esta participação poderia afetar suas vidas ou a de alguma candidata “não assumida”, ainda que não nomeassem isso como ponto negativo:

Aureliano: Você acha que tem algum ponto negativo que o Miss poderia te trazer?

Talvez pelo lado de algumas pessoas não saberem que eu sou trans. Mas isso, hoje em dia já pra mim não importa mais. Mesmo que eu perca o afeto, a amizade, o carinho de algumas pessoas. Não importa. Isso já foi muito mais importante pra mim querer passar despercebida, querer passar por uma cirurgia. Até uma coisa assim... [...] eu não tenho interesse de fazer a cirurgia de redesignação sexual. Acho que o máximo que eu queria que colocasse fosse

silicone. Mas nada além disso, assim. Eu já superei. Eu não tenho vergonha de ser trans. Tenho meu orgulho de ser diferente. Acho até por um lado fascinante assim, essa diversidade. O problema é a questão no dia a dia, quando você encara a sociedade na hora de trabalhar ou mesmo ter os seus direitos como cidadão. Então você vê barreiras, mas pra mim a opinião alheia já não é algo... já não tem poder sobre mim, entendeu? (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Aureliano: E pra você, você acha que pode ter algum ponto negativo pra você?

Não, pra mim não. Nenhum... assim, porque eu sou [assumida], graças a Deus eu tenho uma família muito unida. Tenho um companheiro também que eu acho maravilhoso. Ele, assim... conheço a minha sogra, conheço todo mundo da família dele. E por isso não me traz nenhum lado negativo, só me traz coisas muito, muito positivas (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Assim como a explicação dada sobre o caso da “operada louca”, que “surtou” em um concurso pela visibilidade proporcionada pelo certame tê-la tirado do armário (como discutido na última seção do Capítulo 3), as duas candidatas a seguir também desmonstraram preocupação com aquelas que mais facilmente “passam por” e, possivelmente por isso, poderiam viver sem se assumir como trans em diversos âmbitos de suas vidas. Se isso pode ser positivado em alguns contextos, como “passar por” em uma via pública, em outros que envolvem vínculos afetivos, a não revelação da travestilidade ou transexualidade pode causar problemas ou ser motivo de censura, já que isso denotaria certa vergonha em se ser trans, ao contrário do orgulho tão valorizado e promovido pelo Miss T Brasil:

Aureliano: E vocês acham que tem algum aspecto negativo que o concurso possa trazer pra vocês?

Candidata 1: Não, eu... pro concurso, pra nós trans, tem pra algumas meninas. Por exemplo, existem meninas, eu não vou citar nomes, por exemplo, que [...] ela se passa por mulher aonde ela passa. Então no momento em que ela se joga num concurso desse, que ela sai na G1, que ela vai passar no canal tal como trans, as pessoas que estão na cidade dela que vê que ela tá participando de um concurso trans vão descobrir que ela na verdade não é uma mulher. Então, assim, eu tô vendo alguns pontos negativos aqui no caso pra ela. Mas é sempre bom esclarecer...

Candidata 2: É, mas agora eu lembrei de um ponto que é sempre importante ressaltar: sabe o que rola? Tipo, eu tenho amigas que, por exemplo, ficam se passando, né, de mulher. Aí inclusive o namorado sabe, mas a família dele não sabe. Eu acho que é motivo da gente bater no peito, sabe. Se a gente consegue, não é enganar, né, omitir que a gente não é, né? Se você pra aquelas pessoas você é uma mulher, qual o problema de você chegar se já tá ali anos e anos convivendo com aquelas as mesmas pessoas, elas sabem da sua índole, elas sabem do seu, né, do seu perfil. Elas sabem da sua vida, de repente você chega e fala assim: “Gente, mas não era bem assim. Eu nunca falei pra ninguém e eu nunca escondi de ninguém porque ninguém nunca me perguntou, mas, assim, eu sou trans”. Acho que isso não tem que mudar nada porque a pessoa não vai mudar. [...] E eu acho que a gente tem que ver por essa lado aí, se você é trans você tem que bater o peito e dizer: “Sou trans sim, sou tão capaz quanto homens, sou tão capaz quanto mulheres, sou tão capaz quanto gays, travestis, negros... sou tão capaz quanto qualquer ser, sabe, quanto qualquer pessoa da comunidade e sei fazer de tudo o que eu quiser fazer”, entendeu? Boas escolhas

ou más escolhas, tudo eu sei fazer porque eu sou pessoa como todo mundo, entendeu? E eu acho que é isso aí. Eu tenho o maior orgulho de ser eu. Adoro, sabe, causar, chegar assim, a purpurina, sabe, a diferente. Eu acho isso um escândalo, apesar de, tipo assim, de não chegar com faixa de A travesti, mas eu gosto quando as pessoas reconhecem: “Caraca, ela é, mas não parece”. Esse tipo de comentário me agrada, entendeu? [...] Mas, assim, eu acho que é uma coisa muito lúdica, uma coisa muito... no caso, muito gloss, muito atraente, entendeu? Essa vida muito purpurina, né? Mas assim, pra quem quer conselho, pra quem quer manter a vida no anonimato, acho que é se entregar e bater no peito e dizer: “Sou trans sim, e daí, né?” (Candidatas Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Não haveria no Miss T Brasil uma exigência de que a candidata deveria possuir um tipo de feminilidade que a possibilitasse “passar por” uma mulher cisgênero, porém esta ideia de certo modo encontra-se implícita no certame no momento em que este valoriza a beleza trans, mas inserida na “beleza feminina brasileira”, como muitas vezes foi repetido publicamente pela organização do concurso. Há um padrão de beleza nomeado como universal sendo reiterado, porém aqui este padrão é tido como estratégico por conseguir produzir certa aceitação social para mulheres trans.

Esta ideia da Miss T Brasil como representação de uma causa social também está (ou esteve presente) no concurso Miss Universo, como destaca Ana Maria Batista (1997). Em 1982, por exemplo, “enquanto a vencedora faz seu desfile sua antecessora lê o *credo* do Miss Universo (*Miss Universe Creed*)” (Batista, 1997, p.120, grifos meus): “Nós, as jovens de todo o Universo, acreditamos que os povos estão procurando muito pela paz, a tolerância e a compreensão mútua. Nosso intento é difundir esta mensagem de todas as maneiras que possamos por todos os lugares que formos” (Batista, 1997, p.120). O termo “credo” aqui parece fazer jus à ideia de representatividade que o concurso pretende, pois traz para o “ambiente mundano” um termo do campo religioso, reapropriando-se da ideia de algum tipo de oração norteadora que estaria acima de tudo e de todos. E tornar-se “embaixadora desta causa” (Batista, 1997, p.120) maior constitui-se seu objetivo final, ainda que tal “causa” seja descrita em termos vagos e não tão propositivos – característica atribuída por Pierre Bordieu (2004) a uma representação política, como anteriormente mencionado – e possa variar de acordo com o concurso no qual se insere.

Assim, o credo do Miss T poderia ser algo próximo da combinação da fala de duas candidatas de anos diferentes ao afirmarem que “[...] a Miss T Brasil é representante de uma classe inteira. Ela representa a beleza trans nacional, [...] Ela é simbologia da cultura trans no âmbito nacional”, e seu principal objetivo seria “mostrar que a gente não é só

uma pessoa que nasceu homem, que se transformou. Que a gente tem o nosso valor [com a voz um pouco embargada]. Que a gente trabalha, a gente estuda, a gente tem família, a gente tem sonhos”. Se há a valorização de determinado padrão normativo de beleza feminina, ao mesmo tempo este se coloca em benefício daquelas travestis e transexuais que não se encaixariam neste modelo (“uma classe inteira”), sendo finalizado com um clamor pela ordinariedade da humanidade de travestis e transexuais.

A Miss T Brasil tanto competiria de igual para igual com o ideal de beleza feminina cisgênero como traria de algum modo encarnado em si todo o histórico da transgeneridade presente no meio social. Ilustrativo desta representação dupla e dúbia foram os *castings* formados para os três anos do Miss T Brasil, conforme discutido anteriormente. Os *castings* tinham em sua maioria candidatas jovens e brancas, mas que mostravam certa diversidade ao serem relacionadas às suas localidades geográficas tidas como “regionais”. Todas apresentavam qualificativos pessoais e/ou determinados traços de beleza que poderiam ser estrategicamente explorados como um tipo: “a modelo alta e extremamente magra”, “a beleza amazônica”, “a mais baixinha *bombshell*”, “a negra alta e de cabelos alisados”, “a curvilínea gostosona”, a “beleza nordestina”, “a negra favelada”, “a loira do Sul do país”, “a bela que possui curso superior”, “a travesti com orgulho de ser prostituta”, “a bela aceita pela família que lhe ‘deu o peito’ [no caso, a prótese de silicone]”, entre muitos outros perfis/tipos.

Esse discurso acerca da diversidade trans que de alguma forma estaria representada no palco do Miss T Brasil também foi exemplificado em 2013, quando Majorie convidou ao palco Cláudia Pantera, figura histórica na cidade do Rio de Janeiro e que muitas vezes tem sido alvo de risos, deboche e mesmo exclusão por ser considerada feia, de acordo com o modelo de beleza reiterado pelas camadas médias: “Uma festa que a gente celebra beleza eu vou brindar vocês com minha amiga, minha irmã, Cláudia. [...] Vem mona, babado, vem Cláudia, vamos tomar. Aproveitar a imprensa internacional, fotógrafos, vem Cláudia Pantera”. Cláudia atendeu ao chamado de Majorie e ao microfone reiterou a amizade das duas advinda de muitos anos atrás, além de rememorar momentos de seu passado artístico e de “ferveção”: “E esse baile funk daquela época era babado e coisa. E comecei fazendo o Talento Boêmio e tal, aquelas coisas toda, Majorie me conheceu em Copacabana” como também por seu atual trabalho “todo domingo lá no quiosque Rainbow, às 20h30 da noite [...] todo domingo 20h30 da noite faço um show maravilhoso, eu, Magaly [Penélope], Xaxu e Paulette Goddard, tá bom?”.

Cláudia Pantera também discorreu sobre uma boneca criada em sua homenagem, que foi chamada de “Vodu” por alguém da plateia e desta forma reiterada por Pantera, além de agradecer uma reportagem que o carnavalesco Milton Cunha, presente ali no júri, havia feito com ela durante o Carnaval. Antes de sair do microfone, Cláudia Pantera voltou a lembrar o “meu passado, do meu momento, que naquela época meu apelido era Caquico, ai que saudade daquele apelido, aquele baile funk que todo mundo...” e emendou cantando alguns versos que provavelmente foram cantados no ritmo do funk naquele seu saudoso passado enquanto Majorie fazia algumas coreografias: “Eu criei um pássaro e um piriquito/ O Tom está beijando a boca do Caquico/ Eu criei um pássaro e um piriquito/ O Tom está beijando a boca do Caquico”.

Durante a presença de Cláudia Pantera no palco do Miss T, diversas piadas e possíveis xingamentos podiam ser ouvidos com referência à sua pessoa e o que nela consideravam feiúra, de modo que quando esta saiu do palco, Majorie voltou a afirmar a importância de Cláudia Pantera ali naquele espaço, sendo então muito aplaudida pela maioria do público presente:

Cláudia Pantera representa o que eu desejo pro mundo LGBT. Eu desejo aonde gays, lésbicas, travestis não precisem se autodiscriminar. Aonde o belo não seja a norma, aonde o caráter seja a norma. Onde mais do que uma roupa de marca [palmas e gritos da plateia] o caráter da pessoa seja valorizado. E essa é, foi e sempre vai ser a perspectiva que a Associação de Travestis e Transexuais do estado do Rio vai trabalhar. Porque todo nosso quadro e, principalmente, quem protagoniza este quadro, veio das calçadas como a Cláudia bem disse. Na minha juventude ou agora no calçadão de Copacabana, ou hora dos bailes funks e dos guetos do subúrbio. E é de onde eu tenho o maior orgulho de ser quem eu sou e de conservar amizades que eu fiz ao longo dessa história, mas principalmente que respeitavam e a gente dividia o pão, passava junto na roleta, com aquela Majorie lá atrás vinda da favela, pobrezinha e que ama seus amigos e que você sempre vai ter vez e voz, Cláudia Pantera (Majorie Marchi no MISS T BRASIL, 2013).

A sequência desta cena, além dos aplausos à fala de Majorie, foi a sua provocação à plateia: “mas agora eu sei o que todo mundo quer, ver bumbum! Quem quer ver bumbum?”. As candidatas desfilariam agora em biquíni (Figura 83) e o palco do Miss T voltaria a ser povoado pela beleza tida como universal e ao mesmo tempo diversa que seu *casting* representava. Além de mostrar a beleza e uma sensualidade encarnada que talvez pudesse ser entendida como própria deste grupo de travestis e transexuais, no mesmo sentido mencionado anteriormente de Banet-Weiser (1999) acerca de uma maior exposição de marcadores sociais inscritos no corpo desfilando seminú, o desfile de biquíni também colocava à prova, segundo Majorie Marchi, as fantasias e curiosidades

da sociedade em geral, e dos homens heterossexuais em especial, acerca do corpo trans: “se eles querem ver a gente de biquíni, então temos mesmo é que mostrar pra verem que passamos muito bem por isso, muito obrigada”. O biquíni aqui talvez seja o símbolo máximo do desnudar-se desta feminilidade trans dentro do Miss T Brasil, já que nenhuma outra nudez seria permitida em um projeto que pretende criar modelos de representação e identificação para travestis e transexuais.



Figura 84 - Candidatas ao Miss T Brasil 2013. Foto: Franz Borborema para Divulgação Miss T Brasil.

5.1.1 *Role models*

“A beleza sempre foi a tônica principalmente pra travestis e transformistas, né? O povo gosta de beleza. A verdade é essa. O povo gosta de luxo e beleza. Como dizia o famoso poeta, né, o Vinícius de Moraes, “beleza é fundamental”. As pessoas gostam de beleza, entendeu? Você é obrigada a ser bonita. Então na época era obrigada a ser bonita. [...] A primeira transexual, a francesa, a Coccinelle, era belíssima. Todas eram lindas”. (Cláudia Celeste em entrevista a Aureliano Lopes, 05 de outubro de 2012).

Se, em alguns momentos, pode não ser possível precisar quais os objetivos mais concretos em torno da construção da chamada visibilidade positiva, além daquele de oferecer um regime de visibilidade alternativo à forma como comumente travestis e transexuais são representadas, talvez da produção de modelos (de beleza) para travestis e transexuais seja o objetivo mais direto do Miss T. Como afirmado anteriormente, o discurso do Miss T Brasil visa tanto atingir o público externo como a própria “comunidade trans”, em especial aquelas meninas que não estão em nenhum circuito de militância e/ou discussão trans, mas que terão acesso a estas imagens e quiçá venham a ser empodeiradas por tais modelos nos processos de construção de suas feminilidades.

A ideia de oferecer modelos para a comunidade trans foi reiterada por diversas candidatas nestes três anos aqui analisados, em falas como: “eu vi a divulgação do primeiro concurso, aí eu vi a repercussão que o concurso deu, gostei e decidi me inscrever esse ano”; “Olha, eu vi que o Miss T Brasil não escolhe só meninas que têm só beleza. Vi que buscam um algo mais que a beleza. Então como eu tenho outros pontos, é... [...] Que sejam positivos porque eu acho que seja isso”; “A partir do momento em que eu vi a divulgação do concurso por meio da internet, em 2013 ainda, eu li o regulamento do concurso e por esse motivo eu me senti contemplada em todos os requisitos, todos aqueles dez requisitos: beleza, carisma, simpatia, inteligência, vontade. Enfim, todos...”; “Eu vim... pra poder ajudar a causa, né? Divulgar mais, trabalhar, ajudar mesmo, entendeu? Com a minha imagem, não sei. O que eu posso ajudar, né? Acho que por isso”; “Aí esse concurso eu vi ele, no título que eu vi dele foi depois que a Marcela ganhou em 2012, se eu não me engano, né? Eu vi, achei interessante [...] Aí eu assisti o vídeo umas trinta vezes, né? [risos] Aí gostei muito e falei: ‘Vou tentar me inscrever’; “[...] assim, quando você vê uma pessoa que você se espelha, sempre você pensa: ‘Nossa, ela é...’. Não se sentir, assim, inferior, mas como uma fã, sabe, uma tiete. [...] Tô falando da Rafa, da Marcela, a Holanda eu vi ela hoje, a Raika eu conheci ela antes de ontem, mas a três são as que eu mais, assim, sempre tô tietando no Facebook, no Instagram, essas coisas”; “[Seu eu não ganhasse] Ficaria feliz, porque conheci você que eu vi na TV [Marcela], você, você [indicando algumas meninas]. Ela eu não conhecia. Por tá aqui vivenciando... [se emociona]”.

Ainda que a ideia de representação e modelos ideais possa ser considerada de antemão falha, já que seria impossível reduzir determinado grupo ou tópica a uma única figura e vice-versa, modelos e personas tidas como representativas de um coletivo são criados a todo momento e, acredito, são exigidos por um público ávido por talvez se sentir

representado naquela suposta coerência exemplar. Porém, a imagem criada como a representante de algo – como a figura de uma Miss – trará sempre aquela abertura na forma como poderá ser vista, sentida e significada, como discutimos acima.

Exemplo interessante sobre a possibilidade de diversas leituras e significações de uma imagem pelo público, mesmo aquelas construídas com um direcionamento quíçea estreito naquilo que se pretendia com tal representação, é a reflexão de Kobena Mercer (1993) sobre a obra *The Black Book*, livro de fotografias de homens negros nus lançado por Robert Mapplethorpe no fim dos anos 1980. Neste livro, vemos diversas imagens de homens negros evocando todo o erotismo e sensualidade presente em um corpo nu fotografado em preto e branco, as quais foram lidas por parte do público como sugerindo que “*sexuality, and nothing but sexuality, is the essential 'nature' of the black man*” e, como Mercer (1993) apontava em relação à fotografia *Men in Poliyester Suit*, de Mapplethorpe, “*the cheap and tacky quality of the polyester suit confirms his failure to gain access to 'culture'. The camouflage of bourgeois respectability fails to conceal the fact that the black man, as the whiteman's racial Other, originates, like his dick, from somewhere anterior to civilization*” (Mercer, 1993, p.101).

Estariam, neste mesmo sentido, as imagens das Misses T sendo produzidas dentro de um esforço falho de reconhecimento de sua humanidade? O Miss T Brasil estaria estabelecendo, ao final, o ridículo e o exótico para a imagem de travestis e transexuais (em especial naquelas imagens de biquíni) ainda que isso fosse combatido pelo discurso oficial do concurso? Talvez sim, ou melhor, sim e não, dependendo do público e das infinitas formas com as quais cada pessoa pode se relacionar com estas ou quaisquer outras imagens. E foi justamente esta imprevisibilidade na leitura de uma imagem, que muitas vezes se supõe um modelo representativo de algo por quem a produz, que fez Kobena Mercer (1993) sair daquela crítica inicial – e necessária, visto que aquelas mesmas imagens poderiam significar em um contexto social e político de desigualdade racial – para uma honesta e impiedosa reflexão sobre o seu lugar de espectador daquelas imagens feitas por Mapplethorpe:

[...] there was another axis of identification – between white gay male author [Mapplethorpe] and black gay male reader [Mercer] – that cut across the identification with the black men in the pictures. Could it not be the case that my anger was also mingled with feelings of jealousy, rivalry or envy? If I shared the same desire to look, which would place me in the position of mastery attributed to the author, the anger in the initial critique might also have arisen from a shared, homosexual identification, and thus a rivalry over the same unobtainable object of desire. [...] My point here is not confessional, but to use my own experience as a source of data about the complex operations of identification and desire that position us in antagonistic and contradictory

relations of race, gender and power, which are themselves partly constituted in representations. In revising my views, I have sought to reopen the question of ambivalence, because rather than simply project it on to the author (by asking whether he either perpetuates or challenges racismo) one needs to take into account how diferente readers derive diferente meanings not only about trace, but about sexuality and desire, in Mapplethorpe's work (MERCER, 1993, p.104-105).

Assim como os modelos de Mapplethorpe, as candidatas ao título de Miss T Brasil oferecem seus corpos à produção política deste projeto que pretende lançar tais imagens ao grande público, esperando transformar certo imaginário social (o que esta tese também acaba reificando). Este desnudar-se perante o grande público e deixar-se ser fixada em imagens inicialmente tingidas com o tom do Miss T Brasil foi visto pela imensa maioria de candidatas como algo não problemático. Estavam ali justamente para isso, para a produção daquelas imagens que também correspondiam a diversos de seus interesses pessoais, como a validação social de seu gênero feminino, como explicitado por algumas candidatas:

Equipe Miss T: Qual a importância que você vê no título, de carregar o título de Miss T Brasil?

Eu acho que tem um peso muito grande esse título. Um peso de bondade, de representar milhões de transex do Brasil todo num só lugar. Ali você tá representando não só a mim, mostrando o meu rosto e o meu corpo, representando várias do Brasil todo. [...] Então, eu carregando esse título tá sendo também um exemplo pra outras que vão ter esse sonho de chegar lá um dia. Acho que esse é o peso bom de carregar o título de Miss T Brasil (Candidata Miss T Brasil em entrevista à equipe, 2014).

Aureliano: Então... por que você quis participar de um concurso de beleza?

Como fazia pouco tempo que eu era transexual, já fazia acho que dois anos, dois anos e pouco, e eu sempre quis participar, então, assim, eu vi como uma oportunidade de participar do primeiro. Assim, sem intenção de ganhar e nada, só queria participar pra saber assim, pra ficar feliz comigo mesma que eu tava apta a participar de alguma coisa relacionada à beleza transex. Então pra mim era mais isso, uma realização mesmo mais que pessoal do que de competitiva e tudo mais. Por este fato de ser... faz pouco tempo trans (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2012).

Apesar disso, e após também reconhecer o desejo desta aprovação social, uma candidata que participaria de um dos anos do concurso e que acabou desistindo algumas semanas antes, reiterou em entrevista o quanto a produção de um modelo de beleza trans para travestis e transexuais pode ser pernicioso para tal coletivo, sendo este o motivo de sua desistência. Segundo ela, haveriam ideais de beleza e feminilidades cisgêneros que se colocam à sombra de construções de gênero trans, sendo aqueles tanto mercedores de crítica como sua reiteração passível de produzir violência contra muitas pessoas trans que não se encaixariam em tais ideais:

Meu interesse inicial foi bastante egocêntrico – eu queria ter minha beleza avaliada. A pessoa trans, quando define sua transição como terminada, adquire uma curiosidade por sua aparência e pela opinião dos outros sobre a mesma de uma forma que uma pessoa cis nunca entenderia, tendo esta sido, digamos, ‘o que queria’ desde o nascimento. Tem toda uma questão de aprovação externa de sua nova identidade social. No entanto, com o encontro da minha vida com uma quantidade grande de mulheres cis e trans e minha adoção do feminismo, muita coisa no concurso passou a me parecer fútil ao ponto de ser nocivo. Por exemplo, é exigido que se faça o tucking nos dias de desfile, ou seja, a colagem de fitas no pênis e no escroto para disfarçar toda a genitália masculina. Que mensagem isso passa em um concurso de beleza trans? Que a mulher trans pode até ser bonita, desde que não tenha, finja não ter ou simplesmente tenha vergonha de ter um pau. Dada a afirmação ridícula de tantos homens sobre um suposto direito pessoal de ser informado sobre a existência ou não de um pênis na mulher com quem saem, eu que não ia estar em cima da passarela reforçando essa ideia. Ideia essa que mata, por exemplo, quando o homem eventualmente não sabe disso previamente e espanca, estupra e/ou assassina a menina trans com quem saiu. De fato, toda a questão de beleza ali reforça estereótipos sobre pré-requisitos da aparência trans feminina para a pessoa ser considerada uma “mulher de verdade”.

Acabei saindo antes mesmo de começarem preparativos ou ter maior contato com as candidatas ou a organização. Portanto, não saberia falar melhor sobre isso. Sei somente que me sentiria um objeto representativo de todas as ideias erradas, machistas e heteronormativas que regem nosso mundinho ferrado, então ó: ‘tô fora’ (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Se em um momento inicial poderíamos comparar estas suas palavras àquele movimento ambíguo afirmado por Kabena Mercer (1993), talvez do desejo de participar de algo que já via como potencialmente contrário aos seus valores feministas, ao fim esta potencial candidata desiste de participar do certame com uma justificativa que parece ecoar a crítica de Naomi Wolf anteriormente mencionada, para quem a beleza é um poderoso e perverso instrumento de dominação do gênero masculino frente o feminino. Porém, além de todas as críticas que possam ser feitas ao estabelecimento do que seria o belo ou a beleza para o feminino e as possíveis relações de poder que estariam envolvidas aí – relações de dominação masculina segundo Naomi Wolf (1992) e relações de trocas estratégicas, como a ideia rapidamente citada de Denise Sant’ana (2014) –, no contexto do Miss T Brasil esteve bastante presente a noção de que uma mulher trans percebida como modelo de beleza foi o grande referencial no momento em que, muitas vezes na infância e sem entender o que se passava, se descobriam trans.

Se nas falas acima citadas das candidatas ao título de Miss T Brasil elas reconheciam as vencedoras ou participantes de anos anteriores como exemplos que, de alguma forma, as inspiravam naquilo que elas concebiam para si, Cláudia Celeste,

participante da organização e mais velha do grupo, elegeu Valéria¹¹⁴ (Figura 84) como seu grande modelo.

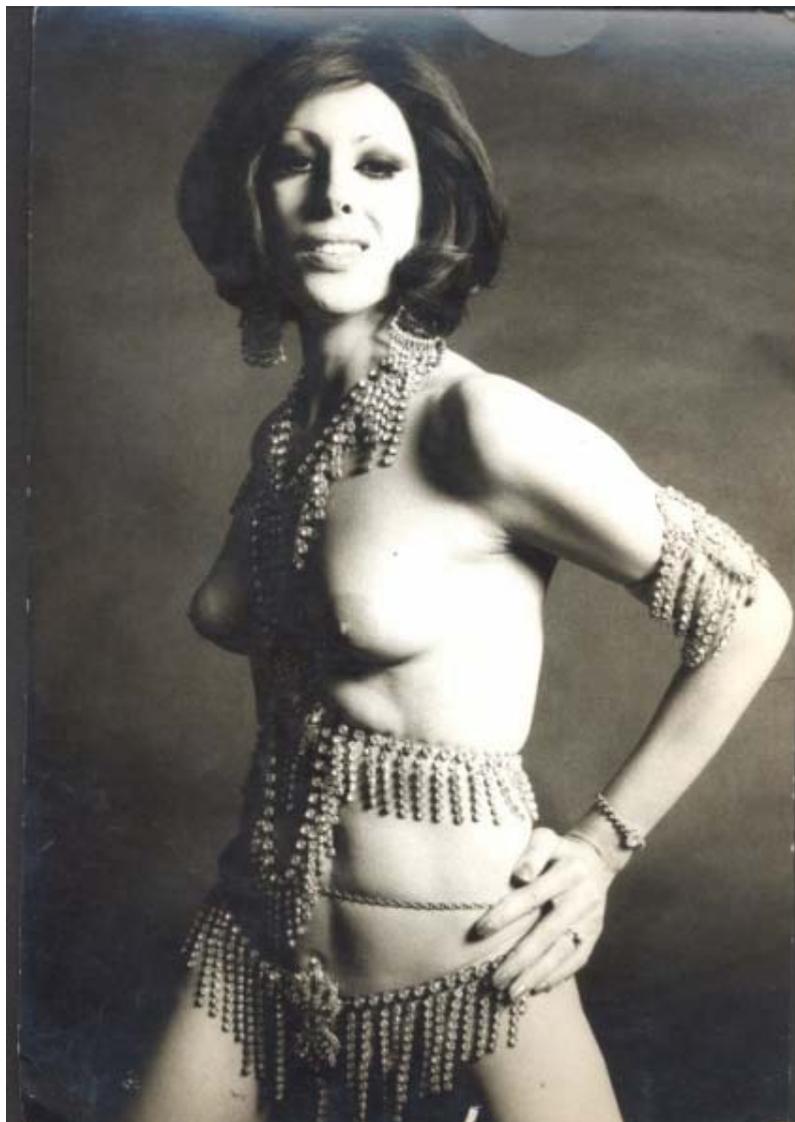


Figura 85 - Valéria em foto de Antônio Guerreiro, dez/1993. Disponível em: https://www.mozartleiloeiro.com.br/imagens/img_m/165/36357.jpg

¹¹⁴ Valéria, ou Divina Valéria, foi uma das artistas pioneiras dos shows de espetáculo de travestis dos anos 1960. Assim como Rogéria, outra artista travesti icônica, teve considerável inserção no mundo do espetáculo, especialmente por cantar ao vivo no palco. Valéria também foi um exemplo de beleza, a qual foi mitificada na história de que Di Cavalcanti a haveria pintado um quadro com seu retrato, nos moldes de suas conhecidas obras que retratam mulheres brasileiras. A história é tida por muitos como verdadeira, apesar desta pintura ser dada como perdida.

Nas palavras de Cláudia Celeste:

Quando eu vi a Valéria a primeira vez, foi a primeira que eu vi, na capa da Manchete, ela tava chegando de Paris e que montaram um espetáculo pra ela e ela se hospedou no Hotel Glória. Que era o auge, ela chegou no auge. A Marlene, a cantora, trouxe ela de Paris e apresentou não sei a quem e tudo: “Vamos trazer Valéria”, porque ela já saiu daqui famosa. [...] Eu ainda não tava de travesti, eu era maquiador num salão em Copacabana. Nunca tinha visto um show na minha vida, de travestis. Nunca tinha visto isso, homem vestido de mulher. Nem ouvir falar. Quando eu vejo a capa que eu olho aquilo, Válder ou Valéria, que eu não entendi o que era aquilo. Porque que Valter ou Valéria, aquilo mexeu comigo. Eu tava com dezoito anos e tudo e era no [Teatro] Princesa Isabel que ela ia se apresentar. Aí eu comprei pra sentar na primeira fila [risos]. Eu queria ver aquilo de perto, quando eu vi ela com vestido de Clodovil, ela magrinha, chiquíssima, nova, belíssima, entendeu? Com uma peruca morena, entendeu? Peitinho assim que ela tava botando, que ela chegou de Paris... elas foram tudo sem peito e voltaram tudo de peito [risos] (Cláudia Celeste em entrevista ao autor, em 05 de outubro de 2012).

Já Majorie Marchi afirmou ter tido Cláudia Celeste como seu ícone e exemplo, principalmente por sua participação na novela Olho no Olho, nos anos de 1988-1989. Ao relatar esta exemplaridade de Celeste em seu processo de encarnar uma identidade trans, ela lembrou uma cena de infância na qual um primo, ao ver Cláudia Celeste como Dinorá e Beth Goulart como Paula na novela as elogiou e as qualificou como “gostosas”, ao passo que outro primo replicou: “Mas essa aqui é homem!”. Majorie disse que aquele ambiente que elas viviam na novela já a fascinava, porém “ficou louca” no momento em que descobriu que aquela “gostosa” era um homem – ou que um homem poderia vir a ser uma “gostosa”. Ainda contou que Cláudia Celeste desde então foi sua grande referência, porém só a conheceu pessoalmente no início dos anos 2000 quando passeava com Hanna Suzart e esta disse: “Ali a Cláudia Celeste com seu marido naquela lanchonete”. Foram então apresentadas e Majorie relatou que só conseguiu dizer: “Eu queria falar com você porque eu sou sua fã, eu via você na novela” Segundo ela, Cláudia a olhou com cara de espanto por aquela abordagem tantos anos depois do fim da novela, mas que para Majorie tinha sido o veículo pelo qual aprendeu pela primeira vez a ser travesti.

Esta cena foi lembrada nas atividades dos ensaios da peça “Todas as mulheres em nós”, matéria do Capítulo 2 desta tese. Ali, naquele momento em que a memória se fazia presente, uma outra travesti que estava naquele encontro também afirmou que o momento em que “ficou louca” e descobriu que era aquilo que ela queria – no caso, a travestilidade – foi quando viu uma capa da extinta Revista Manchete com Valéria “linda na capa” e seu nome masculino escrito logo abaixo. Segundo ela, seu pai questionou-a do porquê estar vendo revista de “viado”, ao que teria respondido “Ah, não, só estou vendo a revista”, apesar de sua nomeada fascinação por aquela figura. Foi através das revistas

que ela teve acesso a uma figura pública travesti e então “descobriu” quem ela própria era.

Cláudia Celeste, grande modelo para Majorie, talvez até pudesse vir a ser um modelo para as candidatas ao Miss T. Talvez um modelo de um envelhecer travesti. Durante o coquetel preparado para as candidatas ao Miss T Brasil 2013 na SUPERDir/SEASDH, Cláudia também esteve presente e causou surpresa em várias meninas que não a conheciam e não sabiam que ela era travesti. O momento da surpresa ao saberem que aquela animada e sorridente senhora era uma travesti também foi experimentado em 2012, durante as caminhadas das candidatas de volta do ensaio para o hotel em companhia de Cláudia. Em todos estes anos, Celeste foi uma pessoa elogiada e em conversa com um grupo de candidatas naquele coquetel de 2013, teve sua trajetória pessoal e profissional ouvida atentamente. No momento em que eu voltava para o hotel com algumas candidatas, ouvi o comentário de uma delas: “Nossa, eu me senti envergonhada porque eu não conhecia nada disso [da Cláudia Celeste]. E eu quero conhecer”. Outra candidata prontamente respondeu: “Eu conhecia, porque quando eu vi o nome dela no Miss eu joguei no Google e descobri tudo!”.

Sobre modelos de beleza para travestis e transexuais, Cláudia Celeste traz uma importante reflexão ao afirmar que Roberta Close (Figura 85) representa um ponto de inflexão neste processo, pois antes, ainda que a beleza fosse almejada e valorizada, o foco das travestis e para as travestis estava no show. Depois de Roberta Close e sua enorme popularidade no país, o foco recaiu na beleza: “Antes quando tava os ‘viados’ no palco, todo mundo nos amava. Depois que surgiu a Roberta Close, a gente foi vista como competindo com elas [mulheres] e não fomos mais tão apoiadas pelas mulheres” (Cláudia Celeste, 2012).

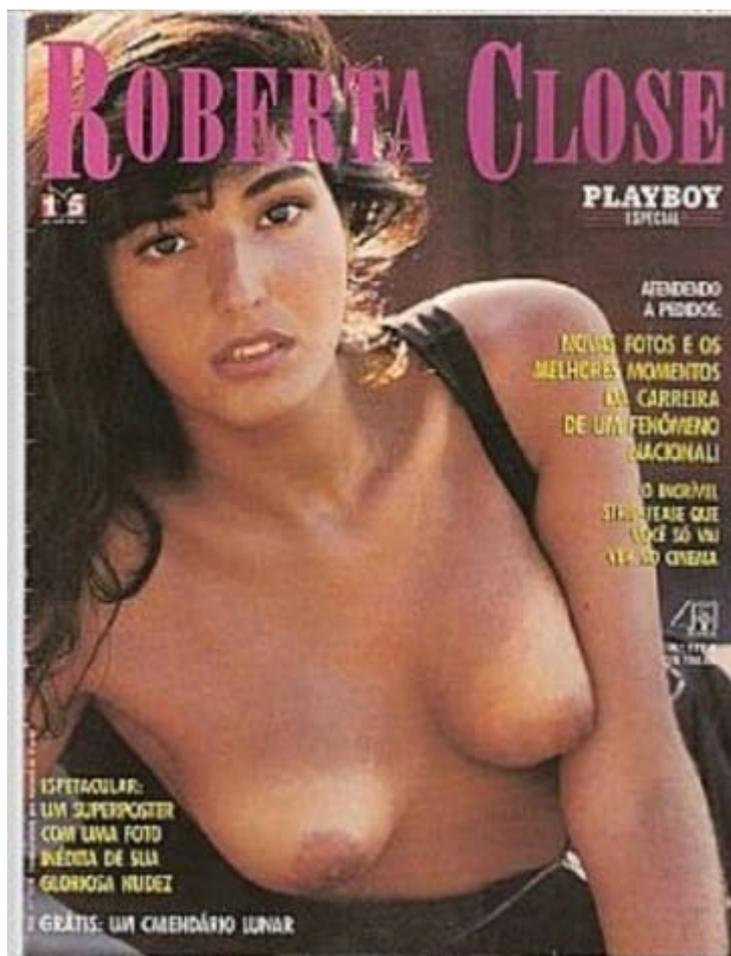


Figura 86 - Roberta Close na capa de um número especial da revista Playboy de maio de 1984, publicação que foi por muitas décadas a grande referência de beleza e sensualidade feminina, voltada especialmente para o público heterossexual masculino.

Talvez desde modelos anteriores que gozaram de bastante popularidade e foram reconhecidos como belas, como as já referidas Coccinelle e Valéria, diversas travestis e/ou transexuais tenham sido inseridas na “beleza feminina brasileira” apregoada pelo discurso do Miss T, porém parece que, com Roberta Close, a beleza de travestis e transexuais tenha ganhado outro status: o de um verdadeiro modelo de feminilidade tido como universal, como cantou Erasmo Carlos na controversa canção “Close” ou “Dá um close nela”, sucesso de 1984, a qual Erasmo nega ter sido feita para Roberta Close, grande modelo de beleza da época e protagonista do videoclipe desta canção (Figura 86). Se a música foi ou não feita para Roberta Close, é fato que seus versos poderiam muito bem ser lidos em homenagem à Close ou às belas desta “população trans”: “Não fosse o gogó e os pés/ a minha mente tava na dela/no conto da mulher nota 10/dá um close nela. Fêmea pra ninguém botar defeito/ exemplar perfeito/ um tesouro de mulher dourada/ com sua

tanga que pra mim e nada. Esse inenarrável monumento/ num dado momento/ faz a praia inteira levantar/ numa apoteose à beira mar”¹¹⁵.



Figura 87 - Imagens do videoclipe da música “Close”, de Erasmo Carlos, 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xr0MjJ5PXBI>

Este regime de visibilidade construído pelo Miss T Brasil em suas três edições aqui analisadas, acabou projetando em suas vencedoras, três figuras de certo modo exemplares do tipo de imagem que o certame pretendia divulgar. Em 2012, foi eleita uma miss cujo “pai deu o peito” (no caso, pagou por suas próteses de silicone nos seios); em 2013, uma miss que afirma que “adoro ser puta”; e, em 2014, uma negra “da favela para o mundo”. Porém, antes de discorrermos sobre estas três *personas*, cabe mencionarmos o quanto, mesmo antes da realização efetiva de cada edição do Miss T Brasil, foi-se criando uma visibilidade para travestis e transexuais através de notícias acerca da participação de algumas candidatas em veículos midiáticos tidos como mais relacionados aos seus contextos locais.

¹¹⁵ Para uma maior discussão e informações sobre o “fenômeno Roberta Close”, ver o trabalho de Caroline Rosa (2012) e a biografia *Muito prazer, Roberta Close*, de Lúcia Rito (1998).

Sarah Lins, Dávila Medeiros, Nathalie Oliveira, Bianca Soares, Isabelle Coimbra, Natália Molina, Bianca Novaes, Viviane Bezerra, Larissa Bertucci, entre outras (em relação às quais não encontrei o mesmo material de divulgação), ganharam destaque em diversas mídias regionais que orgulhosamente as localizavam como a representante daquela localidade (Figuras 87-89):





Figura 88 - Matérias mais locais divulgando a participação de candidatas no Miss T Brasil.





Figura 89 - Matérias mais locais divulgando a participação de candidatas no Miss T Brasil.



Figura 90 - Matérias mais locais divulgando a participação de candidatas no Miss T Brasil.

Estas matérias foram produzidas desde portais tidos como mais oficiais daquela localidade, por exemplo o portal de uma prefeitura, como colunas e blogs. Na maior parte dos exemplos, eram veículos não voltados a questões LGBT, o que denota o quanto tais candidatas ganharam certo prestígio e tiveram suas imagens vinculadas a suas regiões/cidades de origem, de modo que havia um certo orgulho em apresentar que determinada candidata daquela cidade ou estado estaria indo representar toda esta região em um concurso de beleza nacional. Geralmente estas matérias traçavam um breve perfil da candidata, dando destaque para sua pertença à cidade ou estado, e também uma sucinta caracterização do Miss T Brasil. Poucas destas matérias discutiam temas como preconceito ou discriminações, focando apenas na celebração e orgulho daquela “comunidade” ter uma candidata num certame nacional, de modo que dava-se a entender que a candidata vivia extremamente integrada à sociedade local que agora representava no Miss T.

O discurso de uma representatividade local também era afirmado pelas candidatas ali apresentadas por seus estados de origem ou pelos estados pelos quais concorriam (com grande destaque para o primeiro caso), como Sarah Lins que afirmou em sua entrevista ao Portal TCM do Rio Grande do Norte que “Eu vou participar de um concurso pra defender o nosso estado, o Rio Grande do Norte”; ou Natália Molina, representante de Andradina e estado de São Paulo no Miss T Brasil 2013, mesma cidade que no ano anterior havia “levado o título” com sua representante, Marcela Ohio: “Eu falo que a

Marcela foi a porta de entrada pra toda transex que por vezes não acredita no seu potencial. A gente tem muito daquele negócio que no interior nada dá certo, que as coisas que acontecem aqui não vão pra frente. Aí a Marcela entrou pra quebrar esse tabu mesmo” (Hoje Mais, 2014).

Nathalie Oliveira é outro exemplo de quem ganhou destaque regional logo após sua participação no Miss T Brasil de 2014, sendo matéria da edição regional do jornal televisivo SBT Cidade sob o título “Moradora de Bom Jardim [RJ] supera o preconceito e participa do Miss T Brasil. Nesta reportagem, Nathalie contou sobre sua participação e aspectos de sua vida pessoal, como o desejo da cirurgia de transgenitalização que a levou a participar do Miss T Brasil, já que esta possibilidade era um dos prêmios para a vencedora. Nathalie, inclusive, tem uma interessante história acerca desta sua participação. Objetivando arrecadar fundos para a viagem ao Rio de Janeiro e participação no Miss T Brasil, foi feito em Bom Jardim/RJ um almoço beneficente para Nathalie. Também Dávila Medeiros, representante de Caicó, no Rio Grande do Norte, teria promovido uma rifa em sua cidade para trazê-la ao palco do Miss T Brasil.

A rifa de Dávila foi bastante valorizada nos bastidores do Miss T, história contada e recontada com suas próprias palavras:

Aureliano: E vocês receberam algum tipo de apoio, seja apoio financeiro ou apoio de amigos, familiares...

Dávila: No meu caso é complicado dizer isso [risos]. Não, não. Assim o que aconteceu foi: quando eu fui eleita lá pelo concurso, vamos levar você como o Rio Grande do Norte. Minha cidade toda disse que era mentira, que eu tava inventando. Então meses foram se passando e ninguém queria ajudar. O que foi que eu fiz? Quando eu vi que faltava dois meses, que eu tava desesperada que eu queria vir por cima de... a qualquer custo. Eu peguei, fui numa gráfica, mandei imprimir, fazer, imprimir mil bilhetes de uma rifa de um tablet, que seria. E aí caí na batalha, vendi trezentos e cinquenta bilhetes. Deu o valor de 4 mil, com esses 4 mil eu fiz um milagre! Comprei passagem, comprei tudo. Fiz todo o conjunto e guardei um pouco o dinheiro pra vim. E tô aqui. E as lojas da cidade também ajudaram: “Ah, vamos dar um vestido pra ela levar, vamos dar isso, vamos dar aquilo”...

Aureliano: E aí você vendeu na rua mesmo?

Dávila: Na rua, nas cidades vizinhas, nas festas. Eu vendia pra acredito que eu nem dormia. Mas consegui vender e consegui estar aqui. Nunca tinha andado de avião, foi tudo muito novo, achei super natural. E pra mim tá valendo a pena demais tá aqui (Candidata Miss T Brasil em entrevista ao autor, 2013).

Como vimos acima, o Miss T Brasil acabou provocando a construção de um perfil que vinculava determinada candidata ao seu contexto regional. No que tange as suas vencedoras, estas poderiam já chegar com algum tipo de construção similar a estas vistas acima, mas sua figura pública seria efetivamente construída pela organização do Miss T Brasil após sua vitória, através da formatação de um perfil estratégico e seleção das

informações e dados desta vencedora que seriam divulgados na grande mídia. Não pretendo aqui reduzir tais misses a uma simples figura ou papel, porém é necessário reconhecer que o discurso público construído sobre suas vitórias e tais características pessoais promovia tal estereotipia.

Este movimento que poderíamos chamar de estereotipia tanto constitui-se como aquela forma como diversas pessoas podem ser reiteradamente apresentadas em um ambiente público, como destacou Mario Carvalho (2015) ao atribuir “papéis” a algumas figuras de seu campo, como também é um tipo de estratégia comum no mundo dos concursos de beleza. O que determinada candidata tem que poderia ser estrategicamente potencializado de modo a ser considerado como sua marca? Novamente recorro a Ana Maria Batista (1997) e sua análise do concurso Miss Universo que nos traz ilustrativos exemplos desse processo de estereotipia, entendida positivamente pelo campo dos concursos de beleza como a marca e força competitiva de determinada candidata: “a beleza pode vir de qualquer lugar do globo, no ano seguinte, ‘vem da Ásia’. E no seguinte da América, ‘Sylvia, a maravilha americana’. [...] Em 76, a ex-soldado, estudante de aerodinâmica. Finalmente em 77, uma negra [...], aliás ‘cidadã negra de Trinidad-Tobago” (1997, p. 141-142). Ainda segundo Ana Batista, “[...] a beleza é naturalizada. E é naturalizada como uma beleza universal (‘o trono da beleza universal’, etc.), que se expressa em tipos (‘a beleza latina’, ‘A Glória do Oriente’, ‘a beleza que veio do frio’, ‘a maravilha americana’, etc.), particularizados no local, isto é nos países participantes e mesmo em regiões destes” (1997, p. 143). A mesma lógica faz-se presente no Miss T Brasil, porém não caracterizada como tipo nacional, mas sim como exemplo de perfis femininos talvez presentes em um imaginário social nacional conjugado principalmente com o estado ou região de origem da candidata.

Neste sentido, apesar de toda complexidade que pudesse ter as vidas de Marcela Ohio, Raika Ferraz e Valesca Dominik Ferraz, foram construídos papéis que logo de cara as pudessem identificar com determinada imagem e discurso político. Marcela Ohio, a primeira vencedora do Miss T Brasil, foi enaltecida por ser jovem, bela e extremamente feminina, o que era presumido do apoio que recebeu de sua família desde muito cedo, e o que possibilitou que iniciasse seu processo transexualizador ainda na adolescência. Após a vitória no Miss T Brasil em 2012, ainda com 17 anos, a imagem de Marcela ganhou certa projeção e ela foi tema de algumas reportagens, como a intitulada “Uma garota diferente” da Revista TodaTeen, voltada para um público feminino adolescente (Figura 90):

Uma garota diferente

Valente é como ela se define. E é mesmo, pode acreditar

• Texto e entrevistas: Carolina Firmino • Design: Fernanda Yamazato
• Consultorias: Alessandra Diehl, psiquiatra e especialista em Sexualidade Humana pela Universidade de São Paulo (USP), Denise Leite Vieira, psicóloga e terapeuta sexual pelo Centro de Sexologia de Brasília (CESEX), Elioio Alexandre da Silva, urologista e autor do livro Transsexualidade - Princípios de Atenção Integral à Saúde • Fotos: Flávia Staut F5photostudio • Ilustrações: Shutterstock Images

Quem conhece Marcela, 18 anos, não percebe que ela não é como qualquer garota. "Tudo começou quando eu não queria mais viver como menino, ser o que eu não era", conta. E foi o que aconteceu quando Marcos Ohio Júnior teve certeza de que seria Marcela para o resto da vida.

Eu, menina?
"Desde pequena, eu amava maquiagem e sempre pegava as coisas da minha irmã", revela Marcela. Segundo a psiquiatra Alessandra Diehl e a psicóloga Denise Vieira, é a partir dos dois anos que a criança começa a se perceber pertencente ao gênero* masculino ou feminino, e notar as diferenças entre o corpo do homem e da mulher. Marcela lembra que, no início, não gostava de ouvir que seria uma garota, já que não entendia o que era ser transexual. Este é um dilema comum, já que o "transexual fica preso a um corpo que não condiz com o que ele sente, é como se o corpo fosse de um sexo e a alma de outro", afirmam as especialistas.

A hora de mudar
Demorou muito até que chegasse o momento de se tornar a "Marcela". "Antes, eu me assumi como homossexual, mesmo sabendo que seria mulher", conta. Ela lembra que levou um tempo até a família aceitar, mas o apoio logo chegou. "Meu pai me ajudou muito, pagou pela prótese de silicone nos seios, além dos hormônios femininos que eu preciso tomar", revela. Para mudar a aparência, o transexual passa por essa hormonização, que deve ser constante.

Um novo mundo
Depois de colocar o mega hair e passar a se apresentar como

Marcela Ohio, modelo e...
Miss Brasil T 2012! Ela foi eleita a mais bonita transexual brasileira e, este ano, vai para a Tailândia representar o Brasil na etapa mundial do concurso. Aqui, Marcela concorreu pelo Distrito Federal, pois era a única cidade que ainda não tinha uma representante (a família vive em Andradina, SP, e atualmente ela mora em São Paulo, capital). Aliás, é também na Tailândia que Marcela pretende fazer a transgenitalização**. De acordo com o urologista Elioio da Silva, no Brasil, o procedimento é permitido só a partir dos 21 anos. "Quando o transexual chega para a a cirurgia, já fez o acompanhamento psicológico (exigido pela legislação Brasileira) e o tratamento hormonal, que deverá ser seguido por toda a vida", explica.

"As vezes, quero apagar meu passado de menino, mas isso me levou onde estou hoje"

*O gênero foi impulsionado pelas convenções sociais e culturais, no topo, com uma mulher ou um homem deve se sentir ao se comportar.
** NUNCA CORTAR PARA A CIRURGIA DE MUDANÇA DE SEXO

Figura 91 - Marcela Ohio em perfil na Revista TodaTeen, em 2013.

Curiosamente ilustrada com borboletas – símbolo bastante ligada à feminilidade e também à transgeneridade, como já discutido neste trabalho – a matéria traçava um breve perfil de Marcela Ohio, que poderia bem ser considerado como o relato e caracterização de um “transexual verdadeiro”, segundo os preceitos de Harry Benjamin e

dos manuais psiquiátricos (Murta, 2014), mas em uma linguagem *teen* e de fácil compreensão pelo público leigo nesta temática. O sentimento de inadequação na infância, a incompreensão inicial da família, as fases pelas quais passou em seu processo de transformação e o desfecho que a transformou em uma bela Miss T Brasil estão todos ali nesta imagem de Marcela Ohio que inicialmente se estabeleceu, a de uma “garota diferente”, uma jovem e bela transexual¹¹⁶.

Após sua vitória no *Miss International Queen* de 2013, Marcela ganhou ainda mais notoriedade e destaque em alguns canais midiáticos, tendo feito um ensaio fotográfico para o site EGO, em 2013 (Figura 92), e participado do programa de entrevistas comandado por Marília Gabriela, à época no canal televisivo SBT, “Gabi Quase Proibida”, em 2014 (Figura 91), de modo que a imagem da jovem e bela Miss transexual ganhou públicos ainda mais amplos (Figura 93). “Uma linda mulher que nasceu em corpo de homem”, como ela foi caracterizada por Marília Gabriela em seu programa, Marcela foi sempre enaltecida pela sua juventude, beleza e feminilidade e estas foram as características que forjaram sua imagem pública.



Figura 92 - Divulgação da entrevista com Marcela Ohio no perfil público de Marília Gabriela na rede social Instagram, 2014.

¹¹⁶ Não questiono a veracidade dos sentimentos e processos vivenciados por Marcelo Ohio ou qualquer outra transexual, porém não há como negar que este é um script clássico que cria certa imagem legítima para pessoas trans e que, performativamente, tal imagem também cria aqueles sentimentos, processos e possibilidades de se identificar como uma travesti e/ou transexual.

publicada em 23/12/2013 | atualizada em 23/12/2013

'Vivemos em um país hipócrita', diz transex que virou miss

Marcela Ohio, que ganhou o título de Miss Internacional Queen, reclama do preconceito e pretende passar 2014 na Ásia trabalhando como modelo.

Carol Marques
do EGO, no Rio

195 comentários

Tweetar 27

Recomendar 255



Figura 93 - Chamada da matéria e ensaio fotográfico com Marcela Ohio no site EGO, 2013.

O TEMPO Super FC Cidades Diversão

Belo Horizonte 21 Maio 12h9

Super
NOTÍCIA

LOJA DO SUPER
LIVRETO + PELÚCIA URSO POLAR R\$7,95

HOME MENINA NEM TE CONTO VOCÊ NO SUPER SUPER FC RECEITAS

MARCELA OHIO

Miss transexual

Fontes Normal Mais Notícias

Facebook Curftr 3 Twitter Tweet 0 Google+ 0

PUBLICADO EM 27/12/13 - 03h00

Dona do título Miss Internacional Queen, a brasileira **MARCELA OHIO** sempre se viu como uma menina e, durante a infância, não entendia porque deveria gostar de futebol e não de balé. Ela mudou, se transformou e mostrou que é linda e glamourosa. Agora, a transexual sonha em trilhar um caminho belo e cheio de boas colheitas – assim como a colega Lea T. “Já recebi alguns convites. No Japão, as transexuais também são bem vistas, e o que quero é poder desfilhar, fotografar... Quero a oportunidade que qualquer modelo tem. Até de levar um não por não estar de acordo com determinado casting. Mas não por ser uma transex”, alegou ela, em entrevista ao site Ego. Caso aceite as propostas, Marcela, que tem apenas 18 anos, ficará um ano fora do Brasil e, como consequência, viverá longe do namorado, Felipe Ávilla. “Conversamos muito, o Felipe é meu companheiro e me incentiva na carreira. Se tivermos que ficar separados, paciência. Preciso focar no meu futuro, na carreira que escolhi e quero ter”, garante a gata.



Figura 94 - Matéria do jornal mineiro “Super Notícia” replicando o ensaio feito por Marcela Ohio para o site EGO, 2013.

Apesar de também ser jovem e bela, Raika Ferraz, a vencedora do Miss T em 2013, não teve seu perfil construído da mesma forma que sua antecessora. Por seu corpo ser tido como dotado de formas curvilíneas, diferente do corpo de Marcela Ohio, que é mais magro e próximo daquele de modelos profissionais, a imagem de Raika foi construída como a da *bombshell* travesti. “Atordoante, surpreendente ou devastadora”, conforme definição de *bombshell* no Dicionário Michaelis (2015), Raika evocava toda a sensualidade da “mulher brasileira” ou de “uma amante latina”, qualificativos frequentemente dados a ela.

Momentos após sua vitória no Miss T Brasil 2013, Raika foi entrevistada pela equipe do Portal G1 e, como um dos prêmios era um voucher que poderia ser utilizado para a cirurgia de redesignação sexual no *Kamol Cosmetic Hospital* (patrocinador do concurso), na Tailândia, esta era a curiosidade da entrevistadora. Curiosidade não só desta jornalista, como de um grande público que quer e muitas vezes exige saber se tal travesti/transsexual é “operada ou não” e/ou se deseja fazer a cirurgia de transgenitalização ou não. Então, esta pergunta foi feita à Raika que calmamente respondeu que: “Estou feliz assim, gosto de mim assim. É muito difícil. Conheço trans que são depressivas. Gosto de ser assim, amo ser assim e não quero operar” (Cardoso, 2013). Esta foi a chamada de capa da matéria com Raika Ferraz, a qual iniciava ali esta sua trajetória e perfil da travesti feliz com seu corpo e orgulhosa de tudo que é (Figura 95).

Raika também ganhou destaque na mídia (Figura 94), em especial, com este seu discurso de orgulho travesti (Figuras 95 e 96):



Figura 95 - Raika Ferraz participando de um jogo em quadro do Programa Domingão do Faustão, da TV Globo, 2014.

22/10/2013 12h28 - Atualizado em 22/10/2013 12h30

'Amo ser assim e não quero operar', diz vencedora do Miss T, no Rio

Cirurgia era um dos prêmios do concurso de beleza Miss Transex 2013.

Vinte e oito travestis de 11 estados participaram da disputa.

Cristiane Cardoso
Do G1 Rio



A vencedora, Raika Ferraz (esq.), é coroada por sua antecessora como a Miss T Brasil 2013 (Foto: Yasuyoshi Chiba/AFP)

Muito feliz e emocionada. É assim que se descreve a vencedora do Miss T, Raika Ferraz, de 21 anos, nesta terça-feira (22), um dia após a noite da segunda edição do concurso de beleza Miss Transex 2013, realizado no Teatro João Caetano, no Centro do Rio. Em entrevista ao G1, ela contou que não fará a cirurgia que muda a aparência física e características sexuais para o sexo oposto, um dos prêmios da competição de beleza.

saiba mais

GALERIA DE FOTOS: Veja imagens da final do concurso Miss T

Travesti de São Paulo vence o concurso Miss T, no Rio

Veja as fotos das candidatas ao Miss T, no Rio de Janeiro

Além de coroa, concurso de miss no Rio oferece troca de sexo a travestis

"Estou feliz assim, gosto de mim assim. É muito difícil. Conheço trans que são depressivas. Gosto de ser assim, amo ser assim e não quero operar", garantiu a jovem.

Esta foi a primeira vez que Raika participou de uma competição de beleza. "Primeira vez e totalmente despreparada. Quando é pra ganhar, não tem jeito. Estou muito feliz".

PUBLICIDADE

SAIBA MAIS

*O NINHO ZERO LACTOSE INFORMA O ALTO NÍVEL DE PROTEÍNAS E VITAMINAS E ALERGENOS E É RECOMENDADO ATÉ OS 36 MESES DE IDADE OU MAIS. CONTÉM LACTOSE COM MULTIDEXTRINA PARA DETALH COM RESTRIÇÃO DE LACTOSE. NÃO CONTÉM GLÚTEN.

Rio de Janeiro

veja tudo sobre >



Mãe entrega menor suspeito de matar médico em assalto no Rio

HÁ 4 HORAS



Prefeitura dá prazo para consórcio do Centro de Tênis...

HÁ 4 HORAS



Rio entra em estágio de atenção pelo terceiro dia seguido

HÁ 4 HORAS



Protesto contra aumento de tarifas fecha vias do Centro do...

HÁ 4 HORAS

Rio de Janeiro



PUBLICIDADE

PATROCÍNIO

G1 primeira página

Janot pede que Collor e Delcídio percam mandatos no Senado

Figura 96 - Matéria do Portal G1 dando destaque à eleição de Raika Ferraz como Miss T Brasil 2013.

Tudo Miss & Tudo Mais



Publicado em 13/11/2013 às 12h00

Fotos: nova miss Brasil trans tenta bicampeonato do País em concurso internacional

[Recomendar](#) 10
[Tweetar](#)
[G+](#) 0

Tags: marcela ohio, miss t brasil, raika ferraz, trans, transexual, transgenero 2 Comentários



Raika Tavares venceu concurso de Miss Brasil voltado para transgêneros e transexuais

Raika Ferraz, 21, foi **eleita no último dia 21** a mais bela trans do País no concurso Miss T Brasil.

Curta o Tudo Miss no Facebook!

O concurso premia a vencedora com uma cirurgia de mudança de sexo. Mas Raika já declarou que não está interessada no prêmio.

A bela agora vai representar o Brasil no próximo Miss Internacional Queen e tem pela frente uma difícil missão, já que sua antecessora, **Marcela Ohio, venceu neste mês o concurso internacional**, sendo consagrada assim como a trans mais linda do mundo. Será que Raika consegue o bicampeonato para nosso País? Um repeteco é sempre difícil, mas não impossível, né?

Nas fotos abaixo, a nova miss T Brasil posa na praça da Sé, em São Paulo.

Perfil

Sou Gabriela Quintela, jornalista. Moro em São Paulo desde 2007 e nasci em Itapeva (SP), mas já vivi em Ribeirão Preto, Fortaleza e Salvador. Trabalhei no Grupo A Tarde, no Grupo Folha e faço parte do R7 desde a estreia, em 2009. Estou sempre ligada no que acontece nos bastidores e nas passarelas dos concursos de beleza. Contato: gabrielaquintela@r7.com

LEIA MAIS

[Recomendar](#)
[Seguir](#)
[G+](#)

Publicidade



Seus amigos no R7

Veja o que eles estão lendo

[Conecte-se com Facebook](#)

Conecte-se com seus amigos e saiba o que eles estão lendo. Veja mais

Busca

OK

Twitter


[@gabiqintela](#): Pena q ser pobre, não é tão legal quanto essa foto faz parecer #colors #summer #salvador #bahia_
<https://t.co/3u2MUHYGd9>


[@gabiqintela](#): Cenas da Recoleta, dezembro de 2010. #mibuenosairesquerido #recoleta #argentina #arg #baires_
<https://t.co/ukhuCMgk1>


[@gabiqintela](#): #domingonoparque...
[@gabiqintela](#): #smile #unicom #chicorei
 de Lorraine... #waaaa! Mia!
 #brasil #veja motivos para não
 perder <https://t.co/hM43zo4DNA>
 23/Nov - 12h14
 17/Nov - 18h34

Top 10 comentaristas

1 ANÍBAL DOS SANTOS FILHO
 411 comentários

R7 PONTOS
Entre e participe
CADASTRE-SE, ganhe pontos e troque por prêmios

Figura 97 - Raika Ferraz figurando na coluna Tudo Miss & Tudo Mais, do Portal R7, 2013.

Se Marcela Ohio representava a perfeita e feminina transexual, Raika era a bela travesti que tem orgulho de si e também do que faz para viver. Talvez apenas naquele momento inicial da entrevista para a referida matéria do Portal G1 Raika não tenha dito que era prostituta, ou melhor, *escort*, tendo se afirmado como “autônoma”. Após afirmar nos bastidores do concurso que tinha orgulho de ser *escort*, Majorie Marchi lhe autorizou a dizer isso publicamente onde ela quisesse, já que, como mencionado anteriormente, ela seria a representante de um coletivo no qual a prostituição é tema corrente e atividade de muitas.

O auge deste discurso do orgulho de ser prostituta de Raika Ferraz foi em uma edição de outubro de 2014 do Programa Superpop!, da apresentadora Luciana Gimenez na RedeTV!. Logo na apresentação das participantes no início do programa, Raika foi questionada pela apresentadora se era operada ou não, respondendo prontamente que não. O programa discutiu temas como trabalho e preconceito e também teve certo tom que promoveu um escrutínio dos corpos das trans ali presentes, seja discutindo questões relacionadas às suas corporalidades e performances sexuais (com a presença, inclusive, de um médico urologista), seja na identificação se elas eram “mulheres ou não”, como em um quadro no mesmo programa em que Raika Ferraz pedia informações para homens na rua e então recebia olhares e/ou cantadas destes mesmos homens.

As participantes convidadas do programa reforçaram seus trabalhos fora do mercado sexual, menos Raika que, à pergunta “O que você faz no mercado de trabalho?”, respondeu: “Sinceramente, eu sou acompanhante. Sim, não tenho vergonha, falo mesmo”, surpreendendo todas as pessoas presentes. Raika ainda disse que “É difícil arrumar emprego. Portas não abrem, é bem difícil, difícil mesmo”, momento em que o programa tentou colocá-la em um lugar de quem foi para a prostituição porque não teve outras oportunidades de trabalho. Mesmo que Raika tentasse argumentar contra tal discurso – “Mas assim, Lu, pra ti ganhar. Ninguém quer ganhar um salário mínimo, né?” – ela acabou não tendo espaço para abordar da forma afirmativa com que geralmente trata a prostituição.

Já Valesca Dominik Ferraz, a vencedora do Miss T Brasil 2014, chegou tímida ao concurso e saiu com o título de Miss T Brasil e o slogan “da favela para o mundo”¹¹⁷. Uma menina negra vinda de uma favela da cidade de Betim, MG, desbancou na final uma

¹¹⁷ O trecho completo publicado por Valesca em redes sociais quando da sua vitória foi: “Sim, sonho em andamento. Vou representar o Brasil na Tailândia. Sou negra. Sou cria da comunidade. Sou Valesca. Da favela para o mundo” (citado por Lucon, 2014).

bela loira do Rio Grande do Sul, estado visto, segundo o imaginário dos concursos de miss como o grande celeiro de modelos e misses do Brasil. Algumas pessoas questionaram a eleição de Valesca com justificativas de cunho racista – como “aquela” candidata teria desbancado uma loira extremamente feminina, magra e tida como o padrão ideal, além de ser gaúcha. Porém, Valesca era tida por muitas candidatas como uma forte concorrente ao título.

Logo após sua vitória, ainda parecendo não acreditar no que tinha acabado de acontecer, Valesca afirmou: “Eu não estou nem acreditando. Várias meninas me disseram que se elas não ganhassem, queriam que eu ganhasse”. Não parecia haver um clima de rivalidade entre as candidatas e a torcida por Valesca não significava que as que a apoiavam estavam contra a segunda colocada. O que parecia haver era o apoio a uma candidata negra, e que era muito amável e querida por todas. Diferente de candidatas que vieram acompanhadas de familiares, maquiador etc, Valesca chegou sozinha, vinda “diretamente” de uma favela. Tímida e sem saber se seria bem recebida pelo grupo, mas sua simpatia acabou conquistando todas as participantes e a organização. Ela não tinha só beleza, mas um “it”, como se dizia das misses do passado que tinham um “algo mais”, um jeito de ser que as tornava especiais.

Diferente das vencedoras dos anos anteriores do Miss T Brasil, Valesca trouxe para a cena um preconceito diferente daqueles passíveis de serem vivenciados por Marcela Ohio e Raika Ferraz: o racismo. Como afirmou na matéria abaixo ilustrada (Figura 97) e em seu vídeo de inscrição para o *Miss International Queen* 2015, “quando eu cheguei eu confesso que eu fiquei com medo porque eu olhei pro lado e só existia eu de negra. Para mim isso foi muito importante para mostrar pra outras meninas negras... é muito difícil ser transexual e negra, o preconceito vem de dois lados. [...] A minha visibilidade nesse concurso ajuda de uma certa forma para que outras negras possam sonhar”.

ORGULHO

Betinense ganha concurso de beleza

Valesca Dominik, representante de Minas Gerais, foi eleita Miss T Brasil, em evento realizado no domingo (30)



PUBLICADO EM 04/12/14 - 22h03

Mais uma betinense teve sua beleza coroada e poderá representar o Brasil nas passarelas do mundo afora. A transexual Valesca Dominick, representante de Minas Gerais, foi eleita Miss T Brasil, em evento realizado no último domingo (30).

Nascida em Betim e moradora da região do Citrolândia, a jovem não esconde o orgulho de representar a cidade. Além de comemorar o título de mais bela trans do Brasil, Valesca Dominik Ferraz comemorou também o fato de ser a primeira negra a ser miss trans.

“É com muito orgulho que falo que sou a primeira Miss T Brasil negra. Sou betinense, e minha felicidade não tem palavras”,



Figura 98 - Matéria do jornal mineiro O Tempo sobre a vitória da betinense Valesca Ferraz no Miss T Brasil 2014.

Uma trans negra, pobre e oriunda da favela, e que, com seu discurso e sua vitória denunciava o racismo, também era uma figura representativa para a “população trans” e para a própria população brasileira em geral. Após sua vitória no Miss T Brasil 2014, Valesca participou do *Miss International Queen* 2015 e conquistou o segundo lugar (Figuras 98 e 99), fato que foi muito comemorado por todas as pessoas do entorno do Miss T Brasil e deu maior visibilidade midiática para a Miss Valesca Ferraz. Esta vitória na Tailândia significou ainda a legitimidade da escolha de uma candidata negra no Miss T Brasil 2014 e, se no momento de sua eleição diversos comentários racistas foram ouvidos¹¹⁸, agora após sua conquista no certame tailândes Valesca ganhou todos os elogios e foi reinserida por aquelas que a criticavam como uma legítima representante da “população trans”, ou melhor, “da beleza feminina brasileira”.

¹¹⁸ A maioria dos comentários de cunho racista contrários à eleição de Valesca tiveram lugar em grupos de discussão e sociabilidade de missólogos e fãs de concursos de beleza como também em grupos análogos de travestis e transexuais em redes sociais, como o Facebook. Não observei nenhum comentário feito diretamente a ela durante seu desfile e eleição, pois como já afirmado, as outras candidatas a apoiavam e a plateia presente naquele ano na Casa das Beiras em nenhum momento foi desrespeitosa com nenhuma das candidatas. Comentários pejorativos direcionados às candidatas no momento de seus desfiles pode ser comum em competições de beleza em geral, como aqueles também racistas dirigidos à Vera Lúcia Couto, candidata negra do Clube Renascença que havia sagrado-se Miss Guanabara em 1964, no Miss Brasil do mesmo ano: “No dia do concurso eu estava muito nervosa. Quando cheguei na passarela, no Maracanãzinho, que era na forma de uma ferradura, eu lembro que quando nós entramos em conjunto, tinha uma mulher bem ali no meio da ferradura onde ficavam umas mesas, e essa mulher corria enlouquecida entre as mesas gritando: ‘Sai daí sua crioula, seu lugar é na cozinha. Sai, sai daí sua crioula’. E eu fiquei tão nervosa com aquilo” (in Giacomini, 2006, p.114). Assim como nas participações de Valesca Ferraz em 2015 e Jéssika Simões em 2012 no *Miss International Queen*, Vera Lúcia Couto conquistou o segundo lugar no Miss Brasil de 1964, perdendo a coroa para uma candidata branca e absolutamente dentro do ideal racial dos contextos locais (que se pretendem universais). Ressalto que Valesca e Jéssika perderam a coroa para duas candidatas filipinas que se enquadravam dentro do padrão de beleza asiático (que discutirei melhor no Capítulo 6). Estes segundos lugares coincidentemente dados a candidatas negras pode não ser tanta co incidência assim, já que é informação corriqueira nos bastidores de concursos de beleza (para pessoas trans ou cisgênero) que há uma espécie de “cota” para negras, ou seja, uma candidata negra pode possuir de antemão grandes chances de chegar ao Top 3 do certame, porém quase sempre ficará em segundo lugar, de modo que o concurso então afirmará seu caráter inclusivo ou que preza por uma diversidade étnico-racial, mas ainda elegerá uma candidata branca em primeiro lugar. Este lugar construído para uma candidata negra (ou mesmo indígena) no imaginário dos concursos de beleza femininos pode ser utilizado como estratégia para participação de tal representante negra de um coletivo e/ou nação (Rahier, 1998).

globo.com g1 ge gshow famosos videos ENTRE

EXTRA 🔍 ☰

Famosos

📅 06/11/15 18:02 🕒 06/11/15 20:44

Brasileira de 23 anos é eleita a segunda transexual mais bonita do mundo em concurso na Tailândia



Aos 23 anos, Valesca Dominik Ferraz é a segunda transexual mais bonita do mundo após o ficar em segundo lugar no concurso Miss Internacional Queen 2015, realizado na tarde desta sexta-feira, na Tailândia. A campeã foi a representante de Filipinas, e no terceiro lugar ficou a miss Tailândia.

Natural de Belo Horizonte, em Minas Gerais, Valesca é cabeleireira e foi a única negra a disputar o título nesta edição do concurso. Num vídeo publicado pela organização antes da final, ela fala que ficou com medo quando se juntou às outras candidatas. “Para mim, isso é importante para mostrar como é difícil ser transexual e negra, porque o preconceito vem de dois lados”, lamentou. “Sonhar é para todo mundo.

Independente da cor da pele, do sexo, somos seres humanos e sonhar faz parte da vida”.

Figura 99 - Conquista de Valesca Ferraz na Tailândia sendo divulgada pelo Jornal Extra, 2015.

09/11/2015 19h34 - Atualizado em 09/11/2015 19h34

Brasileira é vice em concurso mundial de miss transgênero

Valesca Dominik Ferraz ficou em 2º lugar no Miss International Queen 2015.

Filipina Trixie Maristela, de 29 anos, venceu concurso realizado na Tailândia.

Do G1, em São Paulo



A brasileira Valesca Dominik Ferraz posa com seu troféu de segunda colocada no Miss International Queen 2015, em Pattaya, na Tailândia, na sexta (6). (Foto: AFP Photo/Pornchai Kittiwongsakul)

A brasileira Valesca Dominik Ferraz ficou com a segunda colocação no Miss International Queen 2015, considerado o mais importante concurso mundial de beleza para mulheres transgênero. O evento aconteceu em Pattaya, na **Tailândia**, na última sexta (6).

A vencedora foi a filipina Trixie Maristela, de 29 anos, e o terceiro lugar ficou com uma tailandesa, Sopida Siriwattananukoon.

O concurso, que teve sua primeira edição em 2004, reuniu 26 participantes de 17 países, com idades entre os 18 e 36 anos.

Podem participar da disputa

mulheres transgênero que tenham ou não se submetido a cirurgias de redesignação sexual.

Assim como no concurso de Miss Universo, as participantes desfilam em trajes de gala e de banho e se apresentam ainda com roupas típicas de seus países de origem.

No ano passado, a vencedora recebeu um prêmio de US\$ 12.500 e uma cirurgia plástica.



PUBLICIDADE



Mundo

veja tudo sobre >



Últimas notícias

Filipinas

Tailândia

PUBLICIDADE



G1 primeira página

Figura 100 - Desempenho de Valesca Ferraz no *Miss International Queen* novamente em destaque, agora no Portal G1, 2015.

PARTE III

FASHION FORWARD

6 RUMO À ESTAÇÃO TAILÂNDIA: O CONCURSO MISS INTERNATIONAL QUEEN E A LEGITIMAÇÃO MUNDIAL DA “BELEZA FEMININA BRASILEIRA”

Sonhar é preciso, sonhar nos engrandece, sonhar nos fortalece.

Quando não sonhamos estamos mortos.

Lutar pelos nossos sonhos e conseguir realizá-los são para poucas, mas vitoriosas, disciplinadas, corajosas, determinadas e abençoadas.

Agradeço muito a Deus em primeiro lugar por toda proteção e por sempre estar no comando da minha vida, aos meus Pais e Irmãos pelo carinho, apoio e amor incondicional desde sempre. A todos amigos, familiares, fãs e patrocinadores que me ajudaram nesta longa e bela caminhada. Ao povo Brasileiro, especialmente as minhas irmãs Travestis e Transexuais. Ao povo tailandês pelos mais lindos momentos da minha vida, agradeço por todo carinho, respeito e acolhida que me fizeram amar este país e sua gente maravilhosa, sua cultura, sua arte e sua gastronomia. À Tiffany's e a todos desta fábrica de sonhos o meu obrigado muito mais que especial, por permitir a uma simples menina da América do Sul viver o sonho de ser uma Princesa e pela sua competência em realizar um evento que faz com que muitas transexuais pelo mundo possam esquecer dos seus sofrimentos e por um momento sonhar... Sonhar com este mundo de respeito, igualdade de direitos, cidadania e fraternidade entre os povos que acredito vamos construir.

Espero que o meu coração não embargue a minha voz e as minhas mãos não tremam ao me despedir. Desejo à nova Miss International Queen um reinado de luz, paz e representatividade positiva e a todos desejo o privilégio de sonhar...

Eu sigo sonhando com um mundo de mais amor entre as pessoas,

Muito obrigada! *Thank you so much!*

Estas foram as palavras proferidas pela *Miss International Queen* 2013, a brasileira Marcela Ohio, na noite do dia 07 de novembro de 2014 em seu *farewell* – tradicional despedida de seu reinado como a Miss deste concurso mundial de beleza para travestis e transexuais, realizado anualmente, desde 2004, na Tailândia (sediado na cidade litorânea de Pattaya, mas com parte de suas atividades realizadas na capital Bangkok). Em um cenário etéreo de conto de fadas, Marcela desfilava delicada e glamorosamente, fazendo gestos de agradecimento e acenando para a plateia e as câmeras que transmitiam o evento ao vivo para um considerável número (sempre superlativo) de países¹¹⁹ (Figuras 100-102).



Figura 101 - Farewell de Marcela Ohio no *Miss International Queen* 2014. Foto: Lionel Corchia. Disponível em: <http://www.lionelcia.book.fr/galleries/miq-2014-tiffany-s/744837>

¹¹⁹ Segundo informantes, são 95 países, outros dizem 155, mas como o evento é transmitido ao vivo pelo site da emissora tailandesa MCOT, este número pode ser realmente bastante grande.



Figura 102 - *Farewell* de Marcela Ohio no *Miss International Queen 2014*. Foto: Lionel Corchia. Disponível em: <http://www.lionelcia.book.fr/galleries/miq-2014-tiffany-s/673516>



Figura 103 - *Farewell* de Marcela Ohio no *Miss International Queen 2014*. Foto: Lionel Corchia. Disponível em: <http://www.lionelcia.book.fr/galleries/miq-2014-tiffany-s/012669>

Como podemos ler na epígrafe desse capítulo, Marcela fez uma despedida clássica e emocionada de uma Miss, agradecendo o próprio concurso, sua família, amigos, patrocinadores, apoiadores, seu próprio país e à Tailândia, lugar que a acolheu ao lhe dar tal título de Miss. Marcela também agradeceu ao “povo brasileiro”, coletivo e nação que ali representava, além de afirmar a importância do *Miss International Queen* por permitir “que muitas transexuais pelo mundo possam esquecer dos seus sofrimentos e por um momento sonhar... Sonhar com este mundo de respeito, igualdade de direitos, cidadania e fraternidade” e, principalmente, construir um “reinado de [...] representatividade positiva” perante o mundo, já que o *Miss International Queen* se coloca e é reconhecido por muitas como o grande concurso mundial de beleza para mulheres trans.

O *Miss International Queen* é uma superprodução que busca principalmente realizar um grande espetáculo midiático, um show como os que já realizam em 3 ou 5 sessões diárias, há 40 anos, para os muitos turistas internacionais que frequentam a cidade balneária de Pattaya. Busca-se, portanto, a promoção do turismo em Pattaya e na Tailândia. Também destacam a finalidade de “escolher a mais bonita e bem apresentada (*well-presented*) travesti (*transvestite*) ou transexual para atuar como uma embaixadora humanitária para elevar a consciência e aceitação, e para promover os direitos humanos e a igualdade de travestis e transexuais em um nível internacional” (MIQ, 2014). Enumera-se ainda como objetivos do concurso “construir e trocar ideias entre as comunidades LGBT internacionais” e “promover o *Tiffany’s Show Pattaya* como uma ponte entre as comunidades LGBT e o público em geral, em um nível internacional”¹²⁰.

Estes objetivos poderiam ser considerados como políticos, como diversos outros momentos deste concurso e outros similares, quando procuram destacar que não se trata “apenas” de um concurso de beleza, já que dão destaque à promoção dos direitos humanos de travestis e transexuais. Mas esta não é a tônica principal deste concurso, ao contrário do Miss T Brasil, que se constrói a partir de um discurso entendido como político, afirmando como seu objetivo principal a construção de visibilidade positiva para este segmento. O Miss T Brasil teve seu ápice na eleição internacional de Marcela Ohio como

¹²⁰ No original: “4. To select the most beautiful and well-presented transvestite or transgender to act as a humanitarian ambassador to raise the awareness and acceptance, and to promote human rights and equality of transvestites and transgender at an international level”; “6. To build and exchange ideas among international LGBT communities”; “7. To promote Tiffany’s Show Pattaya as a bridge between LGBT communities and the general public at an international level” (MIQ, 20014).

“a mais bela trans do mundo” e também no seu discurso de despedida que divulgou para “o mundo” o discurso do concurso brasileiro.

Neste sentido, mais do que analisar o *Miss International Queen*, importa aqui pensar o que o Miss T Brasil produziu acerca de tal certame, principalmente porque ele foi construído como o palco mundial no qual se desenvolvia a etapa final do ritual Miss T Brasil. No palco tailândes, o certame brasileiro recebia sua coroa definitiva. A participação das vencedoras nos anos de 2012, 2013 e 2014 do Miss T Brasil nas edições de 2013, 2014 e 2015 do *Miss International Queen* – bem como Jéssika Simões, que saiu do *casting* do Miss T 2012 para sagrar-se *1st runner up* no *Miss International Queen* do mesmo ano – representava o sucesso do concurso brasileiro e da “beleza feminina brasileira”¹²¹. Parecia ser a plena realização daquele sonho a que as participantes do Miss T Brasil tanto se referiam nos bastidores das edições que acompanhei e que foi encarnado, legitimado e transformado em realidade por Marcela Ohio em sua trajetória no *Miss International Queen*. As “sonhadoras”, “corajosas” e “abençoadas” de que falava Marcela Ohio em seu discurso de despedida, poderiam ser qualquer uma das poucas já de antemão selecionadas para o *casting* do Miss T Brasil, local em que seriam disciplinadas e tornadas ainda mais belas, ou seja, preparadas para o palco da beleza nacional e também mundial.

Ilustrativo deste lugar que o Miss T assumiu no palco mundial do *Miss International Queen* foi a matéria intitulada *More than a CROWN*, que ocupou uma página inteira da versão tailandesa do jornal *The Nation*, em sua edição de 05 de

¹²¹ Como afirmado anteriormente, Jéssika Simões foi selecionada entre as candidatas da primeira edição do Miss T Brasil, em 2012, para representar a ASTRA-Rio e o Brasil no *Miss International Queen* daquele ano, já que não haveria tempo hábil de eleger a Miss T e enviá-la para participação no certame tailândes. No ano de 2013, já com a Miss T Brasil 2012 eleita, o concurso brasileiro enviou Marcela Ohio e Roberta Holanda, respectivamente primeiro e segundo lugares. Em 2014, Raika Ferraz, Miss T Brasil 2013, e Rafaela Manfrini, terceiro lugar no Miss T 2012, foram as representantes no *Miss International Queen* 2014. Acompanhei etnograficamente as edições de 2013 e 2014 do concurso tailandês, auxiliando nos bastidores estas e outras candidatas brasileiras que se inscreveram de forma independente, como tradução do inglês para o português, cuidado com suas roupas e bagagem, auxílio na montagem dos *looks*, etc. No ano de 2015, estava no período do doutorado sanduíche na *UC Berkeley*, Estados Unidos, quando o *Miss International Queen* ocorreu, de modo que não pude acompanhar a participação da brasileira Valesca Ferraz, vencedora do Miss T 2014, nas atividades na Tailândia. Deste modo, não estive junto às representantes do Miss T Brasil na Tailândia nos anos de 2012 e 2015, momentos em que estas duas representantes brasileiras eram negras e conquistaram o segundo lugar, chamado de *1st runner up*. Não possuo informações sobre os bastidores destas edições de 2012 e 2015, porém talvez possamos supor que a segunda colocação para duas candidatas negras possa se enquadrar na famosa questão da cota (racial) como discorrido na nota de rodapé 117 na última seção do Capítulo 4.

novembro de 2013. Tal matéria mereceu uma chamada de capa com a foto de Marcela Ohio, que havia vencido a nona edição do *Miss International Queen* alguns dias antes:

Winning The Miss International Queen 2013 crown was a significant milestone in Brazilian Marcelo [sic] Ohio's mission: to bring an end to discrimination against transgenders. The 18-year-old from Sao Paolo [sic] says that winning the title will spur her on in her efforts to raise greater awareness about the transgender community and champion equal rights for them.

"I want to put an end to the perception that transgenders are all criminals and prostitutes. We are not. We are normal people who deserve to enjoy the same rights as everyone else," she says firmly.

Still looking slightly dazed from her win over the USA's Shantell D'Marco and Thailand's Nethnapada Kanrayanon who bagged the first and second runner-up places respectively, Ohio told reporters after the event held in Pattaya on Friday that she hoped her win would encourage the transgender community.

"This is my message to transgenders everywhere: don't give up, believe in yourselves. Someday the world will understand," she says (LIN, 2013)¹²².

Estas foram as primeiras palavras da matéria do *The Nation*, que conferia uma dimensão política àquele evento, que aparentemente não se apresentava como algo muito além de um concurso de beleza. A matéria fazia ainda uma breve caracterização do concurso e destacava a Tailândia como um país bastante tolerante com a comunidade transgênero: “[...] *transgenders in Thailand are generally accepted by society and many have found successful careers in various sectors, including government service. “It is in our character to be tolerant. We are free here, and we are a service-oriented people,”* pageant organiser and Tiffany's Show Pattaya manager Alisa Phanthusak says (Lin, 2013). A ideia da Tailândia ser um país que aceitava travestis e transexuais também foi reafirmada por mais duas candidatas nesta matéria. A malaia Nur Sajat Fariz afirmou que “*Here through this pageant, we are not discriminated against but celebrated. It gives us a sense of worth. We get to meet people just like ourselves from all over the world, and we don't feel cast aside or like the odd one out,*” (Lin, 2013). E uma participante de Myanmar, que ganhou um breve perfil histórico sobre a mudança de seu país de origem para estudar em Bangkok, onde teve coragem para se assumir como uma transexual e realizar sua transição do gênero masculino para o feminino.

¹²² Tanto esta matéria como diversos outros materiais referentes ao *Miss International Queen* de 2013 saíram com o nome Marcelo Ohio ao invés de Marcela Ohio. A organização do certame tailândes cometeu este erro em todo material interno e de divulgação do concurso, o que em certo momento acabou aborrecendo a candidata brasileira nos bastidores do evento. Ao perceber tal erro, fui procurado por Marcela para alertar a organização sobre tal confusão, já que não necessariamente o uso das letras O ou A significaria generalização do nome naquele contexto. Na ocasião, a organização do concurso pediu desculpas à ela, mas afirmou que não havia mais como alterar seu nome nos materiais do concurso, o que significou um desconforto para a brasileira, mas que foi minimizado pela pronúncia de seu nome que em sotaque inglês (língua oficial também utilizada no concurso) efetivamente não indicava muito bem se seu nome terminava com a letra O ou A.

EXPRESSION



YOUTUBE GETS WEIRD AS IT HOLDS ITS FIRST MUSIC AWARDS >> 14B
TAKE A SEAT - HOSPITAL HAS A NEW CANCER TEST TO TELL YOU ABOUT >> 15B

THE NATION Tuesday, November 5, 2013 nationmultimedia.com/life

More than a CROWN

TRANSGENDERS FROM ALL OVER THE WORLD POUR IN FOR TIFFANY'S MISS INTERNATIONAL QUEEN

YVONNE LIM
SPECIAL TO THE NATION
ASIA NEWS NETWORK
PATTAYA

WINNING THE Miss International Queen 2013 crown was a significant milestone in Brazilian Marcelo Ohio's mission to bring an end to discrimination against transsexuals. The 18-year-old from Sao Paulo says that winning the title will spur her on in her efforts to raise greater awareness about the transgender community and champion equal rights for them.

"I want to put an end to the perception that transgenders are all criminals and prostitutes. We are not. We are normal people who deserve to enjoy the same rights as everyone else," she says firmly.

Still looking slightly dazed from her win over the USA's Shantell D'Marco and Thailand's Nethnapada Korayranon who bagged the first and second runner-up places respectively, Ohio told reporters after the event held in Pattaya on Friday that she hoped her win would encourage the transgender community.

"This is my message to transgenders everywhere: don't give up, believe in yourselves. Someday the world will understand," she says.

Earlier during the question and answer session with the top three finalists, Ohio was asked, "If you could use one thing to bring change into the world, what would it be?"

To this she responded with the aid of a translator, "I would use love to make the world more beautiful." Drawing roaring applause from the audience.

Apart from her crown, placed on her head by last year's winner, Kevin Baitot from the Philippines, Ohio also takes home B\$300,000, gift certificates and one free surgical intervention "for anything" at a leading Bangkok cosmetic surgery clinic.

Ohio is particularly grateful for the support and acceptance from her family which, she says, has given her strength and confidence.

"It was very difficult at first, especially for my father, to see his son turn into a woman. But he never stopped loving and supporting me, and even paid for my breast implants," says the Brazilian beauty, who won a transgender pageant in Brazil earlier this year.

This year's pageant on the theme "Shine like a Diamond" is the ninth edition of Tiffany's Miss International Queen and saw 25 contestants from 16 countries, including three from Brazil, and a first-timer from Myanmar.

From their arrival in Thailand on October 27 right up to the crowning ceremony on Friday, the ladies were kept busy with various activities and mini-tv-mag petitions organised as part of a "beauty camp".

Spanish contestant Carolina Medina won the Miss Congeniality award, while Nethnapada and Singapore's Anne Patricia Lee won the Miss Photogenic and Miss Ripley's Popstar Vote titles respectively.

This year, part of the proceeds from the event will go to the Thai Red Cross Society for HIV patients.

Pattaya's famous Tiffany's Show was started four decades ago as a tourist attraction, as well as to offer safe and legitimate jobs for the transgender community.

In 2004, the show started hosting the pageant to provide a platform for transgenders from all over the world to showcase their



beauty and talents. Recognised as one of the nations most tolerant of the lesbian-gay-bisexual-transgender community, transgenders in Thailand are generally accepted by society and may have found successful careers in various sectors, including government service.

"It is in our character to be tolerant. We are free here, and we are a service-oriented

people," pageant organiser and Tiffany's Show Pattaya manager Alisa Phanthusak says. Like Ohio, some contestants see the pageant as more than an avenue to showcase their beauty and ability to sing and dance. "It's them. It is integral to their efforts to strive to be accepted as part of society."

"Here through this pageant, we are not discriminated against but celebrated. It gives us a sense of worth. We get to meet people just like ourselves from all over the world, and we don't feel out of place or like the odd one out," says Malaysian contestant Nur Sajat Fariz.

The 28-year-old, 1.80-metre tall beauty who won the Best Talent competition for her traditional "Amaradana" dance perfor-

mance, adds that she joined the competition not just to win a crown, but also to send a message, especially to her fellow Malaysians, that "transgenders are people too". According to Nur Sajat, life is hard for transgenders in Malaysia where they are mostly shunned by society. With most job opportunities closed to them, many have no choice but to work on the streets.

Against the odds, a Myanmar transgender joins the pageant

MYANMAR NATIONAL Tanya Muang took a great leap of faith by joining this year's Miss International Queen 2013 competition.

The 28-year-old is the first participant from Myanmar to join the transgender pageant contest hosted and organised by the Tiffany's Show Pattaya and now in its ninth edition.

Raised in a traditional family, Muang says that over five years ago, she wouldn't have dared speak openly about her desire to become a woman never mind join the competition. "I've lived as a man for most of my life, as cross-dressers and transgenders are generally not accepted as part of Myanmar society. Finally, I moved to Bangkok, where I made the decision to become a woman."

"Even then I didn't have the courage to tell my family. But now that Myanmar is on the road to democracy, I felt I could take another step forward in my life as a woman and join this international competition."

"I've also told my family about my transformation, and they are slowly starting to accept it," she adds.

Muang, who came to Bangkok to study at the Hankamhaeng University, and who is working as a programme officer at a non-governmental human rights organisation, recalls her family's shock when she told them she wanted to undergo a sex-change operation.

"The last time I went home to visit my family



Myanmar contestant Tanya Muang, second from right, is flanked by contestants from Japan and Spain at the Miss International Queen pageant.

was in 2011 and that was when I told them. But I think they are starting to understand that this is who I am and accept it," she says. The only son among the siblings, Muang says

transgender issues remain taboo back home. "People look down on us and judge us because we are considered different. Gays and lesbians cannot openly talk about their sexual

preferences either," she says. She does however see the first glimmers of hope for the lesbian-gay-bisexual community (LGBT) in Myanmar, with the country becoming increasingly open and working towards democracy.

"Maybe someday we will be accepted as a part of society, just like here in Thailand. Until then, I have to stay here where it is safe and where I don't face discrimination," she says, adding that she has met many fellow transgender Myanmar nationals in Thailand, and they support each other.

Despite her fits with her family and country, Muang says her decision to become a woman is the best she has ever made.

"At least now, I am comfortable in my own skin. This is who I am, and I am more confident and more secure."

"From here I will do whatever it takes to show the world that being a transgender does not make me a bad person. I am a good woman, just as I was a good man," she said.

Muang joined 25 other contestants from 16 countries in the competition. More than just an avenue for transgenders to showcase their beauty and talents, the pageant also aims to raise awareness and acceptance of the transgender community.

YVONNE LIM
SPECIAL TO THE NATION/ASIA NEWS NETWORK

You can be famous and furious at the same time

THAT BIT OF a do-over the blanket-amnesty bill has drawn an unprecedented number of celebrities. The show business being so reliant on political connections, the stars usually regard it as "inappropriate" to take a political stand, but the current hue and cry has jumbled up shirts of all colours like a washing machine set to "bleed".

Of course these days we have the convenience of the social media, which basically begs people to share their opinions. And it's trendy. And you sound smart if you have a political opinion. So a lot of celebrities may have slipped out of their comfort zones to stand up and be counted.

More often than not, it takes the form of posting the anti-amnesty "Korlan Por Por Nirathossakam" logo on their Instagram

SOOPSP
ntsoosp@gmail.com

accounts, as actresses Betsakorn "Noi" Wongpaiboon and Pimrada Boriruksapakorn have done. Facebook and Twitter avatars have likewise been replaced.

Makeup artist Juchit "Pet" Norsaethaporn, filmmaker Paj Arnon Apinuj and singer-beauty blogger Napassorn "Momey" Buranair have also signalled "no blanket for me, thanks". No added a link to a petition at Change.org. Another actress, Sinjai "Nok" Pongpanich, broadcast the message, "Wrong is wrong, corrupt is corrupt, no need to analyse and no need to be neutral. I don't want amnesty" and signed a quick "50/50" "likes".

The celebrities attending the rallies have of course been uploading photos like crazy. Singer

Natee "Dui Buddha Bless" Akewit offered a self-portrait among the Siom "whistle mob" yesterday.

Not that you need a social network to mount your social conscience. Actress Anusree "Pie" Desingee, actor Kriangkrai Uhanahan and veteran director Euthairat Mukdasorn have been regulars at the Samsen railway rally and get shout-outs from the stage. "Who Pie is here among us and many other stars," BlueSky TV host Anchalee Pateerak, enjoining the instruction, informed the crowd. "Are you going to believe they were hired for B\$50 a day to be with us?"

Pro-government voices have said the rallies are padded with protesters-for-hire, but surely

singer Tul Waihoonka of Apartment Khunpa's getting paid far more than that to keep reviving the Urupong intersection rally.

Survey of the stars
And what are the famous saying online?

Composer and record producer Bivert Kosiyabong: "As a Thai citizen who has the right to express my opinion, I'd like to express my stand against the Amnesty Bill."

Composer and Music Union co-founder Nilpaeng Horak: "I'm so confused watching the news because it doesn't make sense of all. The bill that has just been passed by some 300 people in an unusual manner. Not

only it is strongly opposed by Democrats but also leftists. It looks like they don't give a damn but to aim at benefit of one person... It's confirmed that it is not part of reconciliation process but just to bring someone home."

Yuthana "Pa Te" Boonorn: "Never stuck to any [political] party, never chose any colour, but today I choose to be on the anti-amnesty side."

Dui Buddha Bless: "If the majority can decide without taking right or wrong into account, I believe the majority of people want to stop paying taxes. If you don't believe me, do you want to try it?"

Voice TV host M. Natarkorn "Khun Plum" Deekulak: "To sum it up, if the Amnesty Bill doesn't clear the Constitutional Court, Thailand will be doomed for a long time, and it will be the end of the Phi-Ul Party. If it does clear the court, thanks to a deal, it means the justice and other systems crumble."

Figura 104 - Matéria do jornal The Nation sobre a vitória de Marcelo Ohio no Miss International Queen 2013.

A ideia da Tailândia como um lugar que realmente respeita e aceita travestis e transexuais foi reiterada de diversas formas. O discurso do Miss T Brasil sempre projetava tal país como local onde pessoas trans são efetivamente integradas à sociedade, possuindo então “cidadania”. A antropóloga Serena Nanda (2000) afirma que o Budismo tailandês concebe a existência da figura de um terceiro gênero, *kathoey*, o que acabou sendo generalizado para todas as figuras transgênero no país: “*Buddhist views that kathoey were natural phenomena, whose condition was a result of karmic fate, preordained from birth and thus beyond their capacity to alter*” (Nanda, 2000, p.72). Ainda de acordo com Serena Nanda (2000), esta visão budista acerca de pessoas transgênero foi, a partir da década de 1950, ao encontro da visão biomédica que concebia a transgeneridade como algo alheio à vontade do sujeito, uma condição ou uma patologia, como definida pelos manuais psiquiátricos ocidentais. Isso talvez possa ter contribuído para que a Tailândia se tornasse um dos principais centros no mercado nas cirurgias que compõem o processo de transição de gênero (Aizura, 2009).

Raewyn Connel (2012) afirma que esta tradição budista/*kathoey* na concepção de gênero e transgeneridade na Tailândia, juntamente com o baixo custo e falta de controle estatal acerca das intervenções cirúrgicas visando à transição de gênero, contribuíram para a construção da imagem do país como grande destino para a tão popularmente proclamada “mudança de sexo”. Esta suposta aceitação da transgeneridade na figura das *kathoey* ou das mais diversas pessoas trans que regularmente chegam à Tailândia para procedimentos cirúrgicos e/ou estéticos parece ser algo que também inscreveria o país numa certa ideia de modernidade ocidental (muitas vezes vista como universal, como no caso da beleza)¹²³. Como afirma Mark Johnson (1997) acerca da diversidade sexual e de gênero no sudeste filipino, noções e práticas tidas como locais serão tanto mantidas e referidas como “tradicional”, como também podem ser reinscritas em noções e práticas tidas como “modernas”, presentes no cotidiano de muitas cidades ao redor do globo, em especial das grandes metrópoles. Esta modernidade pode ser entendida aqui, por exemplo, pela entrada no mercado biomédico das cirurgias plásticas e de redesignação sexual (Aizura, 2009), sendo possível encontrar desde clínicas baratas sem muitos equipamentos (Figura 104) até hospitais de luxo, altamente equipados para diferentes procedimentos inseridos no rol das modificações corporais visando a construção do gênero.

¹²³ Autores como Martin Manalansan (2003), Niko Besnier (2002) e Mark Johnson (1997) também analisam estratégias “locais” visando inserção em um mundo “global”.



Figura 105 - Foto da sala de cirurgia de uma clínica tailandesa que, segundo reportagem do site *Bloomberg*, realiza semanalmente a cirurgia de transgenitalização (MTF) por aproximadamente US\$2000,00. Fonte: <http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-10-26/transgender-tourism-for-2-000-a-new-life-begins>

LeeRay Costa e Andrew Matzner (2007) em um trabalho que articula observação etnográfica realizada na cidade de Chiang Mai, ao norte da Tailândia, e narrativas autobiográficas, também trazem para a cena as *kathoeys* e outras denominações presentes no contexto tailandês, como as *sao braphet song*, literalmente “segundo tipo de mulher”. Costa e Matzner afirmam que a palavra *kathoe*y é um termo guarda-chuva para se referir tanto às práticas sexuais não heterossexuais como às identidades e construções de gênero fora do binarismo masculino/feminino. Nas narrativas apresentadas por eles, vemos uma diversidade de pessoas e relatos, que, em sua maioria, também reafirmam a possibilidade de se ser uma pessoa trans incluída na sociedade, ainda que aqui reconheçam preconceitos de que são objeto na busca por emprego e trabalho.

Afirmo anteriormente que fiz rápida incursão ao campo nas cidades tailandesas de Bangkok e Pattaya em 2013 e 2014. Em 2013, com a vitória de Marcela Ohio, pude permanecer por um período um pouco mais longo acompanhando-a nos eventos e momentos que faziam parte de sua agenda de Miss (geralmente visitas de agradecimento a patrocinadores e apoiadores e participação em programas de rádio e TV). Durante este curto período, era notória a presença de mulheres trans na rua, trabalhando em farmácias, supermercados etc. Parecia haver efetivamente uma maior integração social das pessoas

trans, que davam a impressão de serem consideradas e tratadas com indiferença naquele contexto social.

Em janeiro e fevereiro de 2015 visitei novamente a Tailândia e alguns países do Sudeste Asiático em meu período de férias. Foi impossível desligar-me de meu trabalho de doutorado e, nestas férias, também estive atento à presença de pessoas trans no cotidiano das localidades tailandesas por onde passei: novamente na capital Bangkok, em Chiang Mai ao norte do país, em cidades centrais, como Phimai e Phanom Rung, ou nas turísticas e paradisíacas praias do sul, próximas à Krabi e às ilhas Phi Phi. Em todos estes locais encontrei com pelo menos uma mulher trans em situação cotidiana. Era notória a diferença com relação a contextos como o brasileiro, no qual as pessoas que identificamos como trans acabam transitando apenas por locais determinados na cidade.

Esta talvez seja uma imagem de certo modo estereotipada da Tailândia e da presença e/ou inclusão de mulheres trans em seu cotidiano. Porém, como os trabalhos de Serena Nanda (2000) e LeeRay Costa e Andrew Matzner (2007) afirmam, há uma presença cotidiana de mulheres trans na sociedade tailandesa como talvez não haja em nenhum outro local. E esta característica foi reapropriada pelo discurso do Miss T Brasil construindo a Tailândia como uma espécie de “paraíso trans”, local onde seriam efetivamente respeitadas e teriam cidadania, termo repetido por Majorie Marchi para caracterizar a situação de mulheres trans naquele país. A Tailândia e toda esta mística acerca das mulheres trans era uma espécie de outro constitutivo do Miss T, como o lugar a que suas candidatas almejavam chegar e onde tanto elas, como o projeto Miss T Brasil seria reconhecido e legitimado plenamente. Neste sentido, a Tailândia e seu *Miss International Queen* eram espécie de estágio final a que o ritual Miss T Brasil pretendia que suas candidatas (e o próprio Brasil) chegassem.

A ideia da Tailândia como o objetivo final do Miss T Brasil apareceu em diversas falas ao longo das edições do certame nacional, como as seguintes menções feitas por participantes, em especial quando respondiam sobre suas expectativas com relação ao Miss T Brasil ou sobre como se sentiriam no momento em que ouvissem que tinham sido escolhidas como a Miss T Brasil: “É idealizar um sonho que pra mulheres ou homens existia, mas para nós transexuais não existia ainda. O único lugar que a gente podia pensar que ia existir alguma coisa era na Tailândia. Mas pra gente sair daqui pra Tailândia é um grande custo. Então eu acho que a representante do Brasil vai tá super bem...”; “Ai, como

uma felicidade enorme e de representar o Brasil na Tailândia também, né? Ficaria muito feliz se eu vencesse. Vou dar o melhor, me esforçar bastante”; “[risos] Eu ia ficar alegre e surpresa. Iria dar o melhor de mim pro concurso na Tailândia. E é isso”; “Olha, eu ia ficar muito feliz, lógico, né. E eu ia correr atrás, ia mudar, ia me esforçar o máximo possível pra fazer bonito no Miss International Queen. Porque eu não queria fazer feio na Tailândia, queria dar o melhor de mim lá, com certeza”; “Bom, sobre concurso de Miss Trans, especialmente, eu só conheço [...] o da Tailândia, o concurso mundial, eu conheço a Haruna Ai [ou Ai Haruna, vencedora do Miss International Queen 2009] que é uma cantora, atriz, humorista japonesa. [...]. Eu sempre achei, assim, pelo menos os vídeos que eu vi que acontece do Miss da Tailândia eu acho formidável. Assim, é um espetáculo”.

Interessante que diversas candidatas mencionavam uma possível participação e representação do Brasil na Tailândia quando perguntadas sobre suas expectativas em relação ao concurso nacional. Assim, a vitória no Miss T Brasil foi vista como absolutamente relacionada à participação na competição tailandesa. Além de as candidatas reiterarem esta relação e revelavam suas expectativas em viver o sonho do concurso da Tailândia, a organização do Miss T também fomentava esta ponte entre os dois certames e seus contextos, como nesta piada feita por Majorie Marchi para diversas candidatas em 2014: “Gente, das regras: não pode desmaiar porque a gente não tem ambulância; morrer de jeito nenhum, porque tem a papelada da morte e nem ficar maluca porque o custo de internação de louco em hospital a gente não tem. Só pode ficar boa e ir pra Tailândia!”. Ou esta orientação passada por uma das Misses T que participou de uma das edições do *Miss International Queen*:

[É importante] aprender onde foi que errou, onde você poderia ter se destacado mais. Sabendo do peso que é na Tailândia, porque aqui o concurso ele é um pouquinho estressante para as candidatas, mas multiplica por muito muito mais na Tailândia, que você tem pouco tempo pra se maquiar; pouco tempo pra escovar; tem que tá linda o dia inteiro; tem que tá em cima do salto o dia inteiro; pouquíssimas horas pra dormir... duas, três horas, uma hora pra dormir. Como que você vê essa responsabilidade, como você se prepararia...

Implícito aqui estava a ideia do *Miss International Queen* como uma superprodução, o que é condizente tanto com a imagem que o certame tailandês constrói para si, como com o que ele efetivamente mobiliza, como por exemplo, apoio do Ministério do Turismo tailandês e agenda das candidatas com representantes deste Ministério.



Figura 106 - De acordo com a legenda original da foto: “Miss International Queen 2013, Marcelo Ohio from Brazil hold krathong before to float it into the Chao Phraya River, for the Thai annual Loy Krathong festival, in Bangkok [...] The Loy Krathong, festival of lights is held according to the Thai lunar calendar at full moon on the twelfth month across Thailand and dates back more than 700 years”. Fonte: Gettyimages. Disponível em: <http://www.gettyimages.com/detail/news-photo/miss-international-queen-2013-marcelo-ohio-from-brazil-hold-news-photo/458540070>.

No contexto do *Miss International Queen*, ao mesmo tempo em que há a eleição de uma Miss, há a produção de um espetáculo exibido ao vivo pela TV para vários países asiáticos, o que exige uma série de ensaios e adequações. Por isso, as candidatas participam de ensaios à exaustão, principalmente das marcações que serão feitas na noite da eleição da Miss e de transmissão do show pela TV e internet. Além disso, muitas visitas a patrocinadores, sessões de fotos, almoços e jantares fazem parte da intensa programação de quase uma semana para as candidatas, de modo que esta é tida por todas como uma experiência única em suas vidas. Se no Miss T Brasil, fazer parte do *casting* já é ser considerada vitoriosa, esta ideia é ampliada no contexto do *Miss International Queen*, pois é um concurso mundial no qual as candidatas se creem sendo avaliadas em todos os momentos que antecedem a noite da coroação, nos moldes do Miss Universo (Batista, 1997).

Neste sentido, não apenas a coroa importa, mas sim a participação neste “trono da beleza universal” (Batista, 1997, p.143), para utilizarmos a mesma expressão com a qual o Miss Universo para mulheres cisgênero construiu seu imaginário social. A necessidade

de uma “boa” participação em um concurso mundial, antecedida de um ano de preparação com a missóloga Majorie Marchi, era deste modo reiterada pela organização do Miss T Brasil. A vencedora e quem mais fosse enviada à Tailândia pelo certame brasileiro teria um ano para “aprender” como participar do *Miss International Queen*: como se comportar, que perfil encarnar, que roupas usar e com quais maquiagens e cabelo, além da insistência em se portar de forma profissional e com total disponibilidade para o concurso tailandês. Como uma das participantes brasileiras certa vez frisou: “É atividade o dia inteiro, um calor infernal, mas você tá ali sempre linda e sorrindo. Você pode estar lá com a neça [pênis] queimando, mas tem que continuar sorrindo e linda num salto alto”.

Uma cena do Miss T Brasil que ilustra a seriedade com a qual a participação no *Miss International Queen* era tratada foi aquela protagonizada por Majorie Marchi após a palestra feita pela equipe do *Kamol Cosmetic Hospital* no ano de 2013, mencionada em capítulo anterior. A presença de representantes do patrocinador tailandês que presentearia a vencedora com um *voucher* de alguns milhares de dólares para ser utilizado em procedimentos estético-cirúrgicos em sua sede em Bangkok já garantia certo peso ao Miss T Brasil e à trajetória ainda por vir de sua vencedora, de modo que Majorie aproveitou este momento para falar incisivamente com todas as candidatas acerca de burburinhos que estavam circulando de que alguém tinha entrado na competição após seu início, podendo estar sendo privilegiada por isso.

O que tinha acontecido de fato era que uma das candidatas havia pensado em desistir do Miss T, mas decidiu por participar após a data da chegada das candidatas ao hotel do concurso. Ela estava inscrita e teve seu nome e foto divulgado no *casting* regular, de modo que aquilo consistia, então, em apenas um atraso seu no início das atividades do Miss T Brasil. Mas foi o suficiente para algumas candidatas questionassem sua participação, talvez em um momento em que efetivamente entravam em contato com a materialização da premiação do Miss T. Majorie, então, aproveitou o momento em que todas estavam reunidas após a palestra com a equipe do *Kamol Cosmetic Hospital* e em um tom repreensivo, mas dotado de afetividade e emoção, afirmou às candidatas o quanto ela havia lutado por uma oportunidade como a que estava sendo dada agora às travestis e transexuais envolvidas no concurso. Afirmou que o concurso era importante para ela, mas principalmente para as participantes, já que muito mais do que eleger uma vencedora, o que contava ali era aquilo ser uma grande experiência para todas. Que ali elas estavam

tendo experiência de “melhorar” e “crescer”, em especial naquilo relacionado às feminilidades por cada uma construídas.

Após a calorosa fala de Majorie Marchi, uma candidata tomou a palavra e disse que: “É um compromisso nosso também e vamos nos esforçar pra fazer um ambiente bacana sim”. Jéssika Simões, participante do Miss T Brasil no *Miss International Queen 2012* (no qual sagrou-se segunda colocada) estava ali presente e aproveitou para relatar para o grupo sobre sua experiência na Tailândia, reafirmando que lá: “O tempo todo você tá sendo avaliada, então não tem tempo de relaxar. Você tem que estar arrumada o tempo todo. Tem que ter muita disciplina, estar linda e sorrindo o tempo todo. Mas é uma experiência que vale muito a pena e uma das maiores que tive na vida”.

Majorie pegou este gancho para dizer o quanto isso era uma grande experiência de vida, envolvendo uma viagem internacional “para o outro lado do mundo” e a participação em um concurso de beleza que possui uma grande estrutura, um espetáculo televisionado ao vivo naquele país. Nesta experiência na Tailândia, as participantes estariam em evidência como nunca teriam estado em suas vidas. Esta cena revela o quanto, em diversos momentos dos bastidores e do espetáculo do Miss T Brasil, a experiência e objetivos do certame brasileiro se confundiam com o futuro projetado no *Miss International Queen*: uma experiência em si, o Miss T também era a preparação e eleição de uma representante brasileira para a participação na Tailândia.

Desde seu início, o Miss T Brasil trouxe como referência a imagem do *Miss International Queen* como aquilo que o certame brasileiro também seria. O segundo lugar de Jéssika Simões em 2012 e a vitória de Marcela Ohio em 2013 instituíram em definitivo o *Miss International Queen* no imaginário produzido pelo Miss T, de modo que os dois concursos só podem ser pensados em uma relação constitutiva. O *Miss International Queen* criou um espelho para o Miss T Brasil ao passo que este criou um lugar para as “brasileiras” e em menor grau para as “latinas” naquele concurso, como discutirei na próxima seção deste capítulo.

Ainda sobre a edição de 2013 do Miss T Brasil e sua ligação com o *Miss International Queen*, Majorie havia dito nos bastidores: “eu selecionei muito bem as candidatas que vão competir, então qualquer uma que ganhar vai ter um ano de preparação comigo e vai competitiva pra Tailândia”. O *casting* do Miss T Brasil havia sido composto por um grupo diverso, pois isso tanto representava uma maior diversidade da população

trans brasileira como também dava margem para Majorie trabalhar com diferentes perfis para a competição na Tailândia que, depois das já mencionadas conquistas de Jéssika e Marcela, era tida ainda com mais força como a plataforma internacional de reconhecimento e legitimação do projeto Miss T. Fortalecia-se ali ainda mais a ideia do Miss International Queen como o “ponto de chegada” do certame brasileiro, conforme a análise ritual aqui empreendida. A mencionada conquista pioneira de Jéssika Simões¹²⁴, que nos dias da segunda edição do Miss T Brasil estava presente em seus bastidores contando e recontando sua experiência de participação no certame tailandês e a preparação empreendida e expectativa vivida pelas duas vencedoras de 2012 que, em poucos dias, embarcariam para a Tailândia, dava talvez a materialidade necessária e o efetivo suporte para que o Miss T passasse a ser visto não apenas em si mesmo, mas em efetiva relação com o *Miss International Queen*. Em alguns momentos, era como se o Miss T fosse concebido tanto pela coordenação como pelas candidatas como uma pré- etapa que as alçariam individual (como aquela beleza específica) e coletivamente (como representante da população trans brasileira) ao *Miss International Queen* e, conseqüentemente, ao mundo.

O Miss T projetou como um de seus grandes objetivos a conquista do *Miss International Queen*, fosse isso a conquista de um título como a de um lugar de legitimação para si e para a beleza trans brasileira. Conquistar este reconhecimento internacional parecia ser visto quase como uma legitimação automática do projeto Miss T Brasil. E esta relação entre os dois certames era tida como uma história vitoriosa. O sucesso, mensurado através das matérias jornalísticas e divulgação da imagem de travestis e transexuais como o Miss T Brasil pretendia, também era atualizado com a divulgação das “brasileiras” feita pelo *Miss International Queen*¹²⁵. O que importava era que as travestis e transexuais brasileiras haviam sido visibilizadas positivamente perante o mundo. Elas tinham alcançado o sucesso, ainda que este não pudesse ser plenamente definido, da mesma forma que aquele sonho reiterado pelas candidatas do Miss T Brasil.

¹²⁴ Cabe ressaltar que antes desta conquista de Jéssika Simões, outras brasileiras já haviam ficado no Top 3 do *Miss International Queen*, a saber, Aleika Barros que em 2007 foi a *1st runner up* e Daniela Marques, premiada como *2nd runner up* em 2009. A história contada pelo Miss T não ignora tais conquistas, porém enfatiza Jéssika Simões como a pioneira das conquistas do projeto Miss T Brasil em solo tailandês.

¹²⁵ Lembrando, como discutido no Capítulo 3, que esta pretensão só pode ser considerada como relativa ao concebermos a relação entre imagem e público como dinâmica e sempre renovada no momento mesmo do espetáculo ou contato com a produção imagética.

No ano de 2014, o concurso tailandês comemorou 10 anos de existência e, por isso, apresentou um número de dança e dublagem com a grande maioria das vencedoras dos anos anteriores performando uma canção intitulada justamente *Success*, hino composto por Paul Jabara e Bob Esty e lançado no início dos anos 1980 pela dupla de cantoras norte-americanas *The Weather Girls* (as mesmas que fizeram estrondoso sucesso com a canção *It's Raining Men*). Com versos como “*Success, we've got success / Won't settle for less / We've got it all / Always on call / And we're having a ball*”, “*We reach the top, the cream of the crop / And nothing is gonna make us stop*”, “*Watch this vision queens come true*”, “*I try to find the way to be a star*” ou “*Cause we are the biggest, we're the best, we're the best, beautiful women staring the sky to the last*” a apresentação desta canção no palco do *Miss International Queen* destacava a eleição de cada uma das vencedoras participantes e afirmava alegremente como elas tiveram sucesso. Elas eram o sucesso!



Figura 107 - Na legenda original publicada na foto postada pela organização do *Miss International Queen* na rede social Instagram: “*Miss International Queen Performance of Success -Treechada Malayaporn, Thailand 2004 -Thunyarat Chitpraphachin, Thailand 2007 -Ai Haruna, Japan 2009 -Mini Han, Korea 2010 -Sirapatsorn Jomwong, Thailand 2011 -Kevin Balot, Philippines 2012 -Marcela Ohio, Brazil 2013 Miss International Queen 2014 Friday, 7th November 2014*”. Disponível em: http://www.online-instagram.com/media/856164936895163399_309964602.

Alguns dias após esta cena do *Miss International Queen*, *Success* foi novamente ensaiada e levada ao palco, mas agora na abertura da terceira edição do Miss T Brasil, realizado na Casa das Beiras, no bairro da Tijuca. Reapropriando-se da reapropriação tailandesa da canção *Success*, Majorie Marchi e as participantes do Miss T Brasil, que já haviam participado e se classificado para o Top 10 do *Miss International Queen*, dublaram tal canção como uma forma de dizer, “nós também tivemos sucesso, nós também somos verdadeiras *queens*”. E este sucesso era ter participado e conquistado o

palco do *Miss International Queen*, como frisou Majorie Marchi em seu discurso de abertura da edição 2014 do Miss T Brasil, logo após a performance de *Success*:

Boa noite. E mais uma vez emocionada, sem voz, me perdoem, eu só posso dizer muito obrigada a todas as ganhadoras. Bem-vindos ao Miss T Brasil 2014. [palmas] Por favor minhas *queens*. É um orgulho poder começar esse evento... as *queens*... com amigas, com pupilas, com companheiras de trabalho. Essas lindas meninas em anos diferentes formaram o meu time que representou o Brasil na Tailândia. Graças a Deus todas consagradas com colocação. É muito importante esse momento, muito caro pra nós, mas eu queria apresentar a minha constelação particular:

Senhoras e senhores, Miss T Brasil 2012 e Miss International Queen 2013, Marcela Ohio [palmas].

Em 2012 eu enviei a primeira candidata ao Miss International Queen e de cara abocanhei a segunda colocação. Senhoras e senhores, recebam a beleza carioca de Jéssika Simões [palmas]. Segunda colocada no Miss International Queen 2012.

Um grupo muito lindo, muito diverso, bonitas, disciplinadas e educadas, meninas que muito me orgulharam e orgulharam a todos nós neste país. Em 2012 [...] Bianca Silva¹²⁶.

Ela foi a Miss T Ceará 2012, foi a segunda colocada no Miss T 2012 e Top 10 no Miss International Queen 2013. Beleza cearense, Roberta Holanda [palmas].

Em 2014, eu tive a oportunidade de mandar uma grande amiga minha [pra Tailândia]. Terceira colocada no Miss T Brasil 2012 e Top 10 no Miss International Queen, Rafaela Manfrini, Miss T São Paulo 2012 [palmas].

Bom, eu tive a felicidade de ter eleita ano passado a segunda Miss T Brasil. [...] , mas é um orgulho trazer a minha segunda Miss T Brasil, Raika Ferraz [palmas e ela desfila]

[...]

Meninas, eu acho que qualquer missólogo, qualquer empresário, qualquer preparador de miss sonharia em ter um time assim. Aliás, não sonharia não porque nem eu sonhei. Legítimas representantes da diversidade da beleza feminina brasileira. Entrando pela porta da frente em todos os veículos de comunicação, sejam bem-vindos ao Miss T Brasil, *a maior festa transexual das Américas* [grifos meus] (Majorie Marchi no MISS T BRASIL, 2014).

As *queens* do Miss T Brasil foram todas classificadas para o Top 10 do *Miss International Queen*, concurso que validou o Miss T Brasil, que neste discurso de abertura, nomeou-se como “a maior festa transexual das Américas”. Não há nenhum tipo de medida para classificar este concurso como o maior do Brasil ou das Américas, porém fomenta-se um imaginário que dotaria o Miss T de uma grandiosidade e uma representatividade que se quer oficial para as travestis e transexuais brasileiras. E o *Miss International Queen* é crucial neste processo, já que as brasileiras enviadas pelo Miss T sempre conquistaram alguma colocação ali, além da institucionalização feita pelo

¹²⁶ Bianca participou representando o Brasil no *Miss International Queen 2012*, figurando no Top 10. Até então, ela não possuía nenhuma relação com o Miss T Brasil. A partir de 2013 e do processo de participação de Marcela Ohio no certame tailandês, Bianca tornou-se “produtora internacional” das candidatas do Miss T, estando presente nos bastidores edições de 2013 e 2014 do *Miss International Queen*.

concurso tailandês de que duas vagas são oficialmente reservadas para candidatas enviadas pelo Miss T. Cada país pode ter até três representantes naquele certame, inscritas de forma independente ou por algum concurso local ou nacional, e duas das três vagas reservadas ao Brasil foram reservadas às candidatas indicadas pelo Miss T Brasil, ou seja, havendo financiamento, a participação da representante do Miss T no *Miss International Queen* é dada de antemão como certa.

Legitimada pelo *Miss International Queen*, a “beleza feminina brasileira” do Miss T Brasil ganhava ali seu palco. Cabe agora discorrer sobre como esta “beleza brasileira” era construída e percebida no contexto do *Miss International Queen*.



Figura 108 - Captura de tela da apresentação de *Success* no Miss T Brasil 2014. Imagens cedidas pela equipe do filme "Terceiro Sexo". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8JRKJFLLGTI>

6.1 O *success* da “beleza feminina brasileira”

Da mesma forma que, no contexto do Miss T Brasil, havia um discurso público que politizava a beleza enquanto esta era construída nos bastidores através de inúmeras

intervenções cosmético-cirúrgicas (como discutido no capítulo anterior), na participação das brasileiras no *Miss International Queen* tivemos a reapropriação de uma representatividade e legitimidade para o Miss T Brasil no palco do certame tailandês enquanto em seus bastidores as participantes brasileiras produziam noções de corpo, beleza e brasilidade ao entrar em contato com as outras participantes de diversas partes do globo.

Neste jogo de aproximação e diferenciação entre as participantes brasileiras e as de outros contextos, dois tópicos ganhavam destaque: a construção de gênero das brasileiras, marcado pela não realização da cirurgia de redesignação sexual; e a incorporação de um modelo de beleza dotado de características próprias. Tudo isso compunha um processo de encarnar determinada corporalidade e feminilidade, que seguia tanto ditames sociais mais gerais, como pedagogizações presentes no contexto de um concurso de beleza, com um perfil específico.

Exemplo desta trajetória de encarnar um corpo para um concurso de beleza foi Raika Ferraz, enviada para participar do *Miss International Queen* em 2014, juntamente com Rafaela Manfrini (terceira colocada no Miss T de 2012). Eleita Miss T Brasil 2013, Raika sofreu diversas críticas na época por ter sido considerada pelo público e outras participantes como acima do peso ou simplesmente “gorda” para uma Miss. Raika não fazia o perfil esbelto e longilíneo de muitas Misses como o de sua antecessora, Marcela Ohio, de modo que após sua vitória no concurso nacional iniciou-se sua preparação para participação no *Miss International Queen*, segundo um perfil tido como mais “gostosona” ou *bombshell*.

Raika se submeteu à exercícios físicos e dietas para esculpir seu corpo, porém tudo foi planejado para que, a partir de seu biotipo, pudesse ser construído um perfil de Miss competitivo. No palco do Miss T Brasil 2014, já após a participação de Raika no certame tailandês, Majorie Marchi versou sobre este processo da construção do corpo de Raika Ferraz:

E ela, todas são muito especiais, mas prepará-la, cuidar dela, foi uma missão que eu tomei como algo pessoal. Às vezes nós nos empolgamos com as emoções e podemos ser desrespeitosos e não respeitar o sonho de uma menina. As pessoas contestaram, disseram que ela não tinha o perfil do Miss T Brasil porque ela tava um pouquinho gordinha, porque ela tinha algumas coisas a serem acertadas quando venceu. E é incrível a disciplina, o talento e hoje ela pode chegar, um ano depois, olhando de cima e dizendo: “Além de ser a mais bonita do país, eu sou uma das 10 mais bonitas do mundo”. E como eles só divulgam até o terceiro lugar, a gente não sabe em que colocação[...] A Raika

além de tudo ganhou um valor muito importante nesse concurso, é autoestima, cuidado, empoderamento e você consegue chegar aonde você quer (Majorie Marchi no MISS T BRASIL, 2014).

Este processo de emagrecimento no encarnar de Raika foi considerado uma “melhora de si”, também reiterada por ela neste mesmo palco logo após esta fala de Majorie Marchi: “Hoje em dia eu sou feliz com meu corpo, até porque [...] eu emagreci e fiz vários tipos de recursos estéticos pra ter esse corpo perfeito que eu tenho hoje. Mas assim, eu de coração tô bem feliz e tenho certeza que levo isso pro resto da minha vida, certeza mesmo”.

Raika fez bastante sucesso nos bastidores do *Miss International Queen* e a equipe brasileira ali presente, eu incluído, achou que ela provavelmente teria ficado no Top 5 deste concurso, apesar destas colocações não serem assim divulgadas. A experiência de Raika no *Miss International Queen* construiu para ela a imagem da *bombshell* e da amante latina: corpo curvilíneo e pele bronzeada. Raika tanto assumia este lugar ao olhar pra si ao reiteradamente dizer “tô bonita, né? latina, né?”, como também foi vista desta forma pelas outras participantes e seus acompanhantes (Figuras 108 e 109).

O corpo de Raika era motivo de admiração, bem como seu sorriso e cabelos, que causavam surpresa ao se revelarem “naturais” (no caso, sem implantes ou apliques) e, novamente, como algo que compunha este seu corpo brasileiro e latino. Se, por um lado, seu corpo era motivo de admiração; por outro, era matéria de preocupação, principalmente com a desenvoltura com que as “brasileiras” mostravam partes de seus corpos e comportamentos muitas vezes vistos como sensuais demais para o contexto tailândes.

Este tipo de diferenciação e possível conflito aparecia na hora do desfile em biquíni, já que os das brasileiras sempre eram vistos como menores que das outras candidatas e até “imorais”, na quantidade de pele ou carne que deixavam à mostra. Para as brasileiras, nada mais normal e desejável, mas para as outras candidatas parecia ser um pouco chocante e, para a organização, uma grande preocupação, em especial na forma como isto apareceria ao vivo na transmissão televisiva do *Miss International Queen*. Novamente Raika Ferraz, a *bombshell* brasileira, foi orientada que seu traje típico estaria por demais cavado em suas nádegas e, por isso, deveria usar algum tipo de meia calça ou outro recurso para cobrir um pouco mais seu corpo (Figura 110). Não havia um tom de

repreensão nisso, pois se entendia que tal fato era uma característica brasileira. De todo modo, não era possível mostrar essa peculiaridade nacional na TV tailandesa.



Figura 109 - Raika Ferraz com seus vestido de gala nos camarins do *Miss International Queen 2014*. Ao seu lado, uma profissional tailandesa que a auxiliava a se vestir e pentear os cabelos (e aparentemente tentando não sair na foto). Foto: Aureliano Lopes.



Figura 110 - Raika Ferraz nos bastidores do *Miss International Queen 2014*, com traje utilizado em sua apresentação no Show de Talentos. Ao fundo, cartaz de divulgação do espetáculo com foto da vencedora do ano anterior, a brasileira Marcela Ohio. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 111 - Raika Ferraz com seu traje típico que, à contragosto, ganhou uma meia calça para seu desfile no dia do Show de Talentos do *Miss International Queen 2014*. Foto: Aureliano Lopes.

Mas não era apenas sua beleza que chamava a atenção. Era digno de nota, por parte de algumas candidatas, a desenvoltura com que afirmava não desejar fazer a cirurgia de redesignação sexual. Assim como afirmou momentos após a conquista do título de Miss T Brasil 2013 (como mencionei no Capítulo 3), Raika disse novamente não desejar fazer tal cirurgia, o que foi motivo de real surpresa para muitas participantes. Para aquelas que insistiam em saber o porquê de não desejar passar por este procedimento, Raika respondia que era muito nova e ainda não tinha certeza.

Ao longo dos anos no *Miss International Queen*, a presença de outras brasileiras que também não desejavam a redesignação sexual acabou por inscrever o não desejo pela cirurgia como uma característica nacional, criando para aquele público a figura da travesti (tipicamente brasileira) em oposição à transexual (global). Outras latinas também “não operadas” vieram somar-se às “brasileiras”, de modo a efetivamente materializarem a figura da travesti como um fenômeno destas bandas da América do Sul. Ainda que candidatas hispanohablantes não utilizassem o termo travesti, este era orgulhosamente ostentado nos bastidores por algumas brasileiras em certas situações e, assim como no Miss T Brasil, o termo trans ou *transsexual* era o guarda-chuva para nomear toda e qualquer construção transgênero. Em certo sentido, esta ideia da travesti como algo particular do Brasil e da América Latina parecia dotar a experiência da travestilidade como bastante marcada pela genitalidade, que simplificada era o que a diferenciava de outras categorias como transexual ou transgênero (*transgender*). Nos bastidores do *Miss International Queen* a travesti e a brasileira eram aquelas que não queriam fazer a redesignação sexual e pronto, não havendo espaço (até pela barreira da língua) para maiores discussões sobre corpo, gênero, prazer, contexto social, etc.

Movimento contrário também era feito e as brasileiras se surpreendiam com o grande número de participantes que haviam feito a cirurgia de transgenitalização. Era motivo de estranheza e chacota, por exemplo, na constatação de que “até aquela com cara de macho tem buceta”, como categoricamente afirmou uma participante brasileira em momento em que estávamos em um pequeno grupo em seu quarto. Como afirmado no Capítulo 3, há uma maior oferta de serviços voltados para pessoas que gostariam de passar pelo processo transexualizador e a efetiva possibilidade de acessá-los em locais como a Tailândia e outros países asiáticos (Aizura, 2009). Isto acabava por possibilitar que o processo transexualizador se iniciasse com a cirurgia de transgenitalização, ao contrário do que ocorre no Brasil, em especial no serviço público, onde a cirurgia de redesignação

sexual pode demorar muitos anos ou nem chegar a acontecer devido à longa fila de espera (Santos, 2015; Murta, 2013; Murta e Almeida; 2013, entre outros)¹²⁷. E, nos bastidores do *Miss International Queen* a diversidade da experiência transexual parecia só poder aparecer como diversa quando nomeada como característica étnica-racial e/ou nacional, característica de terras distantes e construções de gênero diferentes do que era reiterado como comum na Ásia e Sudeste Asiático, ou seja, a grande prevalência da cirurgia de transgenitalização na definição da própria transexualidade.

Outro tópico a partir do qual se produziam diferenças entre brasileiras, latinas e asiáticas era relacionado ao padrão de beleza do qual partilhavam em suas vidas ordinárias e que também levavam ao palco do *Miss International Queen*. Enquanto no contexto asiático valorizavam uma beleza extremamente embranquecida – ainda que, a população tailandesa de modo geral seja considerada não branca – e corpos considerados não curvilíneos, uma cor de pele não branca e corpos curvilíneos eram aceitáveis para as brasileiras e latinas. Marcela Ohio e Roberta Holanda (Figuras 111 e 112), que participaram do certame tailândes em 2013, seriam classificadas como brancas desde uma perspectiva brasileira. Porém, ali, elas eram abrasileiradas e racializadas, seja pelo corpo *bombshell* de Roberta Holanda ou pelos traços faciais mais “brasileiros” de Marcela Ohio, ainda que esta, segundo concepção dos bastidores, possuísse uma beleza tida como a mais “universal” dentre as candidatas daquele ano¹²⁸.

¹²⁷ Como afirma Daniela Murta, “ao mesmo tempo em que a cirurgia de transgenitalização pode se apresentar como uma tábua de salvação frente à extrema vulnerabilidade proporcionada pela condição transexual pode também não ser um evento essencial para a construção de si, o que torna fundamental o reconhecimento da diversidade da experiência” (Murta, 2013, p.74).

¹²⁸ Analisando a presença de mulheres brasileiras no mercado sexual espanhol, Adriana Piscitelli (2009) afirma que, mais do que uma “sexualização” da raça (no caso, cor de pele e traços que poderiam ser considerados negros), no caso das brasileiras parece haver a sexualização da nacionalidade. Marcada por gênero (e também raça), a ideia de uma brasilidade sexualizada seria o que classificaria as brasileiras como “tendo saída” no mercado sexual espanhol. Assim como em contextos de concursos de beleza, esta “brasilidade” só é vista como positiva desde que não extrapole o ideal da beleza, da construção corporal e do comportamento sexual exigido no mercado sexual local. Nas palavras de Piscitelli, “nesse cenário, permeado por uma lógica que exige diversidade e novidade, proprietários de clubes e *pisos* escolhem as trabalhadoras sexuais procurando nacionalidades e estilos corporais tidos como atraentes, mas evitando ‘extremos’. O jogo da diversidade remete mais à valorização de uma variedade controlada do que ao privilégio concedido à diferença no sentido de valorização da singularidade. Nesses espaços, as brasileiras são incluídas no leque de nacionalidades que, entre as latino-americanas, ‘tem saída’ no mercado” (Piscitelli, 2009, p.190).



Figura 112 - Marcela Ohio e Roberta Holanda, respectivamente 1º e 2º lugar no Miss T Brasil 2012, nos bastidores do *Miss International Queen 2013*. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 113 - Marcela Ohio e Roberta Holanda com seu *Follower* Aureliano nos bastidores do *Miss International Queen 2013*. Foto: Bianca Silva.

Hua Wen (2013) em sua etnografia sobre cirurgias plásticas na China postula que um modelo de beleza fomentado para mulheres na Ásia é do mesmo tipo daquele estereotipado na ocidental “*fantasy of unrealistic female beauty*” (Wen, 2013, p.175) da figura da boneca Barbie. Assim, cirurgias plásticas para “correção” dos característicos olhos asiáticos podem se fazer presentes, em especial através de técnicas cirúrgicas e cirurgiões identificados como coreanos. Porém, o padrão de beleza que me pareceu mais presente no imaginário tailandês e do *Miss International Queen* era de um tipo que valorizava de forma bastante incisiva a pele branca em traços faciais e corporais tidos como asiáticos, de modo que parecia haver um embranquecimento de certo modelo romântico asiático presente no imaginário ocidental. Este corpo encarnava-se, com caracteres locais, em uma beleza nobilitada como universal.

Apesar disso e visto que o que chamamos de Ásia constitui-se como uma diversidade de países, culturas e regiões, pode coexistir um misto de modelos de beleza, no qual modificações mais gerais que incluem o apagamento de caracteres vistos como raciais (como os “olhos puxados”) convivem com modelos que valorizam certo ideário local asiático e/ou oriental de beleza. Porém, o que parece se fazer presente em todas estas possibilidades é aquilo identificado por Aren Aizura (2009) para a Tailândia: “*pale skin may be one of the range of attributes necessary for a Thai woman to be considered beautiful*” (2009, p.311).

Eric Li e colaboradores (2008) analisaram anúncios de produtos cosméticos presentes em revistas de moda em quatro países asiáticos (Japão, Hong Kong, Korea e Índia) e afirmaram que o imperativo de uma pele branca e viçosa – talvez uma pele que *shine bright like a Diamond*, como proclamava o slogan da edição de 2013 do *Miss International Queen* – se faz presente fortemente nestes contextos. Seria uma apropriação de ideais de beleza ocidental e noções de prestígio social presente na diferenciação entre uma beleza tida como ocidental e universal e aquela tida como oriental e local. E esta beleza universal poderia ser alcançada através de intervenções cirúrgicas e, no caso por eles analisado, pelo uso de cosméticos que supostamente produziriam um embranquecimento da pele. Segundo suas palavras acerca do que tais produtos e anúncios destacam como uma boa ou má pele, “*skin care advertisements in each country emphasized that ‘good skin’ should be smooth, young, pore-less, line-free, bright, transparent, white, full, and fine. ‘Bad skin’ is referenced in the ads as skin with fine lines,*

wrinkles, aging marks, pores, or yellow spots, and skin that is dark, scratchy, dry, dull, loose, or rough” (Li et al, 2008, p.446).

A diferenciação entre uma pele embranquecida e “boa” e outra enegrecida e, por isso, “ruim”, faz-se também como uma diferenciação moral, através da qual o possuidor da pele branca também seria dotado de caracteres morais valorados e partilharia de bens que possuidores de pele negra não acessariam de forma tão direta. No Brasil, em um campo mais diretamente relacionado à beleza e estética, tal lógica foi incorporada na figura racista da boa aparência, como postula Caetana Damasceno (2001). Nos anúncios de emprego das décadas de 1940 e 1950 analisados por Damasceno (2001), ofereciam-se ou buscavam-se mulheres de cor branca ou “parda clara” para empregos diversos, de modo que o “parda clara” aqui parecia expressar de forma mais óbvia o processo de embranquecimento de mulheres negras, do qual a figura sexualizada da mulata (Giacomini, 1994) parece ser o ápice.

Caetana Damasceno (2001) brinca no título de seu texto com a expressão popular “Em casa de enforcado não se fala em corda”, estendendo-a à lógica e preconceitos raciais que não são e nem deveriam ser verbalizados, pois “em terra de democracia racial não se deveria falar em racismo” (p.193). E talvez seja este racismo velado à brasileira que explica o estranhamento das candidatas brasileiras (e o meu próprio) no contexto do *Miss International Queen*. Chamava a atenção a forma ostensiva ou explícita como o embranquecimento era buscado, através do uso de maquiagem, de roupas de mangas longas quando ao sol (mesmo no extremo calor que fazia na Tailândia) e de todo um mercado de produtos de beleza voltados para o embranquecimento da pele, como nas imagens abaixo (Figuras 113-115):



Figura 114 - Anúncio do medicamento *Seoul Secret* em ônibus na cidade de Bangkok, 2015. Foto: Thalles do Amaral.



Figura 115 – Creme embranquecedor da pele *Snail White* sendo vendido em farmácia na cidade tailandesa de Krabi, 2015. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 116 - Produto *Snail White* sendo anunciado em outdoor na cidade de Bangkok, 2015.

Foto: Thalles do Amaral.

Enquanto o *Snail White* (Figuras 114 e 115) apresentava-se como um creme dermatológico que garantiria o embranquecimento da pele, o *Seoul Secret* (Figura 113) eram pílulas a serem ingeridas visando este mesmo resultado. Ambos produtos poderiam ser anunciados em qualquer lugar, sendo que o primeiro era facilmente encontrado em farmácias (muitas vezes em destaque nestes locais, como mostra a Figura 114) e o segundo, utilizado por algumas pessoas com quem tivemos contato nos bastidores do *Miss International Queen*. O estranhamento a que me referia, se relacionava ao fato de a busca pelo embranquecimento não ser velada como no Brasil. As candidatas brasileiras afirmavam que as tailandesas e asiáticas eram “loucas pra ficar brancas” ou se surpreendiam com o fato de “com este calor e as tailandesas tudo tampadas do sol”. Nas ruas e nas embalagens de tais produtos e em outros anúncios, a figura de uma pálida mulher oriental reiteradamente se fazia presente (Figuras 116 e 121), como também ganhava destaque em eventos públicos no país (Figuras 117-120).



Figura 117 - Exemplo do tipo de beleza geralmente presente em anúncios tailandeses, como este anunciando um produto alimentício em passarela do metrô de Bangkok, 2012. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 118 – Modelo de beleza feminina tailandesa na tradicional parada do anual Festival das Flores da cidade de Chiang Mai, 2015. Foto: Thalles do Amaral.



Figura 119 - Modelos no Festival das Flores de Chiang Mai, 2015. Foto: Thalles do Amaral.



Figura 120 - *Miss Thailand Universe*, em desfile no Festival das Flores de Chiang Mai, 2015. Foto: Thalles do Amaral.



Figura 121 - *Miss Thailand Universe*, 2015. Foto: Thalles do Amaral.



Figura 122 - A *Miss International Queen* 2004, Poyd Treechada, em capa da revista de moda *Bazaar* tailandesa, janeiro de 2015. Poyd é tida como o maior sucesso do *Miss International Queen*, possuindo uma sólida carreira no meio artístico tailandês e sendo reconhecida como um modelo de beleza feminino na Tailândia. Sua presença na capa desta revista constituiu-se como a primeira vez que uma transexual figurou na capa de uma grande publicação nacional na Tailândia (e talvez seja a primeira transexual na capa de uma *Bazaar* ao redor do mundo).

Ressalto que este embranquecimento, presente no contexto tailandês e no *Miss International Queen*, não é estranho ao *setting* de concursos de beleza de modo geral. O exemplo de Jaqueline Hurtado, candidata negra surpreendentemente eleita Miss Esmeraldas 1997, uma das seletivas regionais para o Miss Equador, após sua vitória conformou-se em ser uma figura embranquecida, com o uso de lentes de contato verdes e alisamento dos cabelos. Sobre isso, afirmou à Jean Rahier Muteba (2001) que “se na vida alguém tem a oportunidade de melhorar-se intelectual ou fisicamente, por que não fazê-lo? A esposa do governador me deu a oportunidade de melhorar-me fisicamente e eu fiz. [...] Sei que algumas pessoas se aproveitaram desta mudança para me criticar. [...] Servirei à minha província da melhor forma possível, cuidando das crianças e dos idosos. Isso é tudo” (Rahier, 2001, p.236).

Como afirmado anteriormente, a necessidade de preparação para o concurso tailandês foi reiterada pelo Miss T Brasil, o que significava conformação a um perfil tido como brasileiro, no qual caracteres étnico-raciais eram transmutados em estratégia para participação no certame tailandês. Exemplo disto aconteceu no palco do Miss T Brasil 2014, quando minutos antes do anúncio do Top 3 e da vencedora daquela edição, Majorie Marchi afirmou que “essa menina vai assinar um contrato de um ano com a ASTRA-Rio, vai tá sendo preparada por uma equipe de missólogos, cabeleireiros, preparadores para representar o Brasil bem na Tailândia [e] pra representar as travestis e transexuais internamente na cena cultural brasileira”. Este “representar bem” dizia tanto da conformação à determinado tipo corporal, quanto à uma brasilidade que poderia fazer a diferença no contexto asiático do *Miss International Queen*.

O objetivo da Miss T ganhar representatividade na “cena cultural brasileira” e na Tailândia foram novamente reafirmadas, como em muitos outros momentos e ocasiões das edições deste certame. A ideia da Miss T encarnar determinado perfil ganhava mais força quando se tinha como norte a participação no *Miss International Queen*, como frisou Majorie nos bastidores, ao comentar a trajetória que poderia ser desenvolvida a partir da vitória no Miss T Brasil: “Se ganhar X, a gente pode transformar ela numa amante latina. Se ganhar a outra, ela pode ser a loira mais recatada. Se ganhar aquela, ela é a alta e magra padrão internacional. Se ganhar Y, ela será a mignon [com comportamento] mais fofinha”.

Todos estes perfis de Miss poderiam se tornar competitivos no *Miss International Queen* e ganhariam toques de brasilidade objetivando serem ainda mais competitivas naquele certame mundial. Na criação do perfil de uma Miss há uma comunidade imaginada (Anderson, 2008) que ela encarna e representa. Exemplos desta brasilidade corporificada foram os corpos e perfis de Roberta Holanda no *Miss International Queen* de 2013 (Figura 122) e Raika Ferraz em 2014 (Figura 126), além de Jéssika Simões em 2012 (Figura 123).



Figura 123 - A curvilínea Roberta Holanda nos bastidores do *Miss International Queen* 2013. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 124 - Jéssika Simões, a representante brasileira do Miss T Brasil no Miss International Queen 2012, em seu traje típico que representava a luta contra a AIDS. Foto: Divulgação. Disponível em: http://men.mthai.com/uploads/manager/imadd/mq12_05_jpg.jpg

Já Rafaela Manfrini (Figuras 124 e 125), que participou junto com Raika Ferraz do *Miss International Queen 2014*, encaixava-se mais em um perfil de beleza “universal”, o que poderia funcionar estrategicamente como um espelho para a brasilidade encarnada por Raika Ferraz, dando mais chances para uma possível vitória para o Brasil, que então oferecia perfis diferentes a serem escolhidos pelo júri tailandês.



Figura 125 - Rafaela Manfrini em traje típico que representava a cidade de São Paulo nos bastidores do *Miss International Queen 2014*. Foto: Aureliano Lopes.



Figura 126 - Rafaela em traje de gala junto com Majorie Marchi nos bastidores do *Miss International Queen 2014*. Foto: Aureliano Lopes.

Se a beleza e corpo das brasileiras foram construídos segundo o padrão tido como universal de belo, caracteres vistos como brasileiros eram estrategicamente alocados em suas corporalidades e perfis. Exemplo disto foi o modo pelo qual a figura da mulata brasileira (bastante problematizada na literatura, como em Giacomini, 1994), foi encarnada por Jéssika Simões como representante da “cultura negra brasileira” em 2012 e de certo modo embranquecida e exaltada no corpo de Raika Ferraz em 2014 (Figura 126). Tomando as palavras de Sônia Giacomini (1994), em sua análise de um show de mulatas para turistas estrangeiros na cidade do Rio de Janeiro, parecia que as mulheres negras ou não brancas “não representam, mas se apresentam. Elas vão apenas mostrar a sua verdade, que, em última Instância, é a verdade da autêntica mulata brasileira. O locutor [...] chama a atenção para a beleza e voluptuosa perfeição das formas, para a contagiante energia e sensualidade” (Giacomini, 1994, p.94). Não havia um locutor narrando as formas das candidatas do *Miss International Queen*, mas estes ideais presentes no imaginário da sexualizada mulata brasileira estavam estrategicamente presentes nos corpos das “brasileiras” e de uma noção de brasilidade que as destacava em um contexto no qual uma beleza e corpo tido como asiático talvez fosse considerado o favorito naquela competição.



Figura 127 - Raika Ferraz encarnando sua brasilidade em sessão de fotos oficiais com traje típico, Miss International Queen 2014. Foto: Aureliano Lopes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Talvez você nem saiba que eu exista, ou talvez nem leia o que eu vou escrever, mas não poderia deixar esse momento passar em branco. Na verdade a cor em si, é a negra, a cor da raça, da luta e da determinação. Eu acompanhei de longe toda o seu empenho em tornar a Miss T Brasil a mais completa possível. Acredito que ninguém saiba o quanto você batalhou, o quanto foi difícil conseguir apoio e o quanto de “não” você recebeu, mas como após um dia de chuva o arco-íris sempre vem, a sua vitória foi consagrada, a sua e a da nossa grande representante. Foi um show de qualidade, era visível o crescimento dela no palco, eu diria que foi uma das suas maiores evoluções. Espero que isso não acabe aqui, que as pessoas entendam o real propósito disso tudo e você e os seus sejam respeitados pelo que carregam dentro de vossos corações. Acredito, que digo em nome de todos que acompanharam essa trajetória, você é exemplo, e acima de tudo, um orgulho para o país! Que Valesca também tenha essa sensação, e nunca se esqueça que nem sempre quem ganha é o primeiro lugar, a torcida era algo a se ganhar, e ela ganhou, eu me arrepiei com cada grito da platéia, essa é a sua maior vitória, Valesca! Bom, acho que é isso, siga sua luta Majorie, continue fazendo a diferença na vida das pessoas, e tornando os sonhos mais improváveis, possíveis!”

As palavras que abrem esta seção foram dirigidas a Majorie Marchi e publicadas em seu perfil na rede social Facebook no dia 07 de novembro de 2015, um dia após a conquista da segunda colocação de Valesca Ferraz no *Miss International Queen* daquele mesmo ano. Valesca, a negra que saiu “da favela para o mundo”, tinha vencido o Miss T Brasil 2014, desbancando uma candidata loira, bastante próxima da beleza “universal” consagrada nos concursos de beleza femininos. A segunda colocação de Valesca no mundial tailandês representava a vitória do Miss T Brasil e a escolha acertada deste certame em ter eleito uma candidata negra, como Majorie Marchi afirmou na mesma rede social Facebook, quatro dias após ter recebido a mensagem acima transcrita:

O belo está em todas as partes, e também nos traços da nossa população que representam as classes mais pobres, vulneráveis e ou estigmatizadas.

Existem extremas belezas desconhecidas, desincentivadas e desvalorizadas que quando visibilizadas e apoiadas são capazes de encantar o mundo, deixar uma mensagem política positiva e contar lindas histórias de vitórias e superações.

Este rosto nos últimos dias representou a libertação de um grito preso na garganta da população Trans Negra e moradora de favelas que ainda são triplamente discriminadas até mesmo dentro do próprio segmento populacional dizendo **NÓS EXISTIMOS, TEMOS VALOR E O MUNDO RECONHECE ISSO, ENTÃO ABRAM SUAS MENTES TRABALHEM SEU RACISMO QUE MINHA COR E MINHA FAVELICE VÃO SUBIR E PELO ELEVADOR SOCIAL.**

Valesca Dominik Ferraz mostrou para o mundo e para nosso país ainda tão racista que **TRANS BLACK IS BEAUTIFUL !** E que ser **BELÍSSIMA** é **SER VOCÊ !**

Promover a cidadania, combater a Transfobia, democratizar o belo, valorizar biotipos, histórias de vidas e diferentes etnias é o desejo, a verdade, o compromisso e os reais objetivos do trabalho da Equipe e do projeto Miss T Brasil.

E ela não está na seara das “Negras mais Lindas”. Nossa Miss T Brasil está entre **AS MAIS LINDAS** e ponto , ela derrubou este marcador de negra linda pois provou que é a segunda Miss mais linda competindo com outras negras, loiras e orientais !

Filha que Amo! Negrinha Abusada! Crioula icônica! Queen!



Figura 128 - Valesca Ferraz no palco do *Miss International Queen 2015*. Foto: Richard Barrow. Disponível em: https://twitter.com/RichardBarrow/status/662682070217420800/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw



Figura 129 – Top 3: a brasileira Valesca Ferraz, 1st runner up no Miss International Queen 2015, entre a tailandesa Sopida Siritattananukoon, 2nd runner up, e a filipina Trixie Maristella, Miss International Queen 2015. Foto: Richard Barrow. Disponível em: <https://twitter.com/RichardBarrow/status/662667829238325250/photo/1>

Assim como explicitado no desabafo de Majorie Marchi acima reproduzido, tenho reafirmado ao longo desta tese que o grande objetivo do Miss T Brasil talvez tenha sido o de utilizar-se do belo e de um concurso de beleza de forma estratégica para produzir um regime de visibilidade positiva para travestis e transexuais, visando à promoção de sua cidadania e ao combate dos preconceitos e violências que cotidianamente as acometem. Temas como prostituição, marginalidade, modificações corporais, racismo, empoderamento, entre outros diversos estiveram transversalizando o projeto Miss T Brasil e a construção e visibilização dos belos corpos das travestis e transexuais que

desfilaram no palco do Miss T nas edições aqui analisadas. Corpos belos, não, belíssimos, termo muito presente no contexto do Miss T Brasil.

Talvez possamos entender o Miss T Brasil como um grande projeto cultural de visibilidade e ação política atuando ao nível de um imaginário social que insiste em contar uma única história de exclusão e violência sobre e para travestis e transexuais. E isto tanto no âmbito coletivo pretendido pelo concurso, ao forjar a noção de uma “população trans”, como também pessoal, já que a participação no Miss T certamente teve um impacto nas vidas profissionais, familiares, de amizade etc, de cada uma das candidatas. Certamente também impactou de diversas formas a vida de inúmeras outras travestis e transexuais, talvez afirmando e concretizando a possibilidade de se ser uma pessoa trans fora do registro da marginalidade e inferiorização social.

Ou, quiçá, podemos entender o Miss T Brasil apenas como um momento único e extraordinário na vida das candidatas, mais próximo da festa de debutantes, como uma participante do primeiro ano o nomeou. Talvez não seja menos político por isso, seja apenas um outro tipo de política, mais micro, cotidiana e mais aberta à possíveis reapropriações e entendimentos. Um concurso de beleza, revestido do caráter de uma festa de debutante, pode ser visto como a reiteração máxima de uma feminilidade hegemônica, como autores como Jean Rahier (1998), Sarah Banet-Weiser (1999), Naomi Wolf (1992) ou mesmo Ana Maria Batista (1997) afirmam. Como veementemente me afirmou em entrevista àquela aspirante à candidata, em fala anteriormente citada, “muita coisa no concurso passou a me parecer fútil ao ponto de ser nocivo. De fato, toda a questão de beleza ali reforça estereótipos sobre pré-requisitos da aparência trans feminina para a pessoa ser considerada uma ‘mulher de verdade’” (aspas no original).

A visão desta candidata, que se autoproclama feminista, traz provocativas reflexões acerca do Miss T Brasil, que em sua pretensão de desconstruir estereótipos negativos associados às travestis e transexuais, poderia acabar reafirmando uma norma de beleza para este coletivo, cuja atualização seria a única possibilidade de aceitação social. E isto seria por demais violento também, já que, assim como todo concurso de beleza visa a eleição do raro, raras também seriam as travestis e transexuais consideradas belíssimas, e portadoras de uma feminilidade tida como *standard* ou universal. Poucas teriam possibilidade de se constituírem como belas, sendo que aquelas consideradas não belas e/ou com caracteres tidos como masculinos ainda correriam o risco de serem vistas

como não esforçadas, não corajosas, enfim, como não merecedoras do respeito e cidadania que o Miss T objetivaria para todas.

Talvez possamos fazer aqui um paralelo com o que afirma Bourdieu (1993) sobre o processo de seleção (e exclusão) das “*Grandes Écoles*” francesas. Nelas, ao mesmo tempo em que haveria um processo de seleção elitista que privilegia a entrada de pessoas das camadas médias e altas e que, portanto, produz a distinção destas em relação àquelas que ficaram de fora, também se oferece uma formação técnica de qualidade superior, potencializando ainda mais a produção da distinção. De modo análogo, no casting do Miss T Brasil, há a produção da distinção das belas misses perante às demais travestis e transexuais que compõem a “população trans” que ela deve representar, como também no *setting* do concurso circulam informações e se oferecem serviços “técnicos”, extremamente valorizados e avançados, que potencializam a conformação de um corpo belo e feminino. Segundo as palavras de Bourdieu, “*por medio de las operaciones magicas de separación e agregación [...] tiende a producir una élite consagrada, es decir, no sólo distinta y separada, sino también reconocida y que se reconoce a sí misma como digna de ello, em uma palavra ‘distinguida’*” (Bourdieu, p.113).

Ainda de acordo com Bourdieu, a produção da distinção, através de ritos que poderiam ser nomeados como de passagem, faz com que estes sejam mais do que isso, tornando-se verdadeiros ritos de consagração, legitimação ou instituição da diferença entre um “eu” e um “outro” (Bourdieu, 1993, p.113-115). Novamente, o Miss T Brasil não se constituiria apenas como um evento que possibilita às candidatas a participação em um rito de passagem, como em uma festa de debutantes, mas como um atecnologia que promove a literal encarnação de um sujeito moral para travestis e transexuais, instituindo-o em sua imagem, consagrando-o com uma coroa e lugar de representação e legitimando-o como o modelo ideal perante a “população trans” e a sociedade em geral. A distinção aqui produzida se encarna nos corpos que se constituem através da beleza nobilitada dos concursos, segundo caracterização de Rahier (1998).

Neste sentido, a distinção foi produzida tanto pelo discurso público como pela figura das Misses T. O discurso público do projeto Miss T Brasil o instituiu como dotado de uma história, vista como de glória e sucesso no passado; como parte de uma “cultura trans”; como partícipe da “beleza feminina brasileira”; e, finalmente, como uma ação política legitimada por uma “ideia de estado” (Mitchell, 2006), divulgando uma desejada

“visibilidade positiva”. Utilizando-se da tecnologia dos concursos de beleza, produziu ainda a distinção encarnada na figura da bela Miss T, como um sujeito exemplar; uma cidadã politizada em comparação a não-cidadania e marginalidade que caracteriza(va) travestis e transexuais; portadora de um corpo magro, saudável e reflexivo que, construído a partir de práticas e serviços de saúde geralmente mais acessíveis às camadas médias, orienta-se por padrões de um tipo de beleza tida como universal, em contraste com corporalidades tidas como “feias”, “exageradas” e/ou “vulgares” das camadas populares. Em um âmbito subjetivo, o concurso difunde a noção de um sujeito reflexivo, interiorizado e voluntarista. Paradoxalmente, produz esta distinção para um grupo restrito de misses, mas que, de algum modo, deve representar toda a “população trans”, incluindo aquelas travestis e mulheres transexuais que não se encaixam e nunca se encaixarão nesse perfil.

Em síntese, parece que o projeto Miss T Brasil se constituiu como um dispositivo que trouxe à cena, no palco de um concurso de beleza, de forma literal, a “pessoa trans” que vem sendo projetada pelo movimento social e político de travestis e transexuais (Carvalho e Carrara, 2013). Ao se constituir como este dispositivo aglutinador de tais identidades trans e suas pautas políticas, o Miss T não só produziu e legitimou uma noção de “mulher trans” cidadã, como a instituiu em um sujeito moral ideal, encarnado através de certa corporalidade bela. Este ideal de sujeito e beleza se aproxima ao sujeito moral ideal da “beleza feminina brasileira” das camadas médias e altas. A “pessoa trans” projetada e instituída pelo Miss T Brasil desfilou nos palcos brasileiros e ganhou ainda mais legitimidade e visibilidade ao chegar à “estação Tailândia” e, também ali, afirmar e consagrar sua corporalidade bela e seu discurso político.

O ritual Miss T Brasil atingiu seu objetivo maior ao, nas palavras de Pierre Bourdieu, dar “*al menos la apariencia de un sentido, de una razón de ser, a esos seres sin razón de ser que son los seres humanos [...] y librarles así de la insignificância*” (1993, p.123). Cabe agora lançarmos mão do mesmo questionamento reconhecidamente metafísico deste autor de que, juntamente com tal distinção, “*debido a uma especie de maldición, la naturaleza esencialmente diacrítica, diferencial, distintiva, del poder simbólico, hace que el acceso de la clase distinguida ao Ser tenga como contrapartida inevitable la caída de la clase complementaria en la nada o en el ser menor*” (1993, p.123). A partir desta sua noção moral ideal de pessoa e construção de determinado regime de visibilidade, o que agora quer e para onde vai o projeto e a Miss T Brasil?

Assim como na canção de Rita Lee, transcrita na abertura desta tese, “será que ela vai continuar uma tradição? Será que ela quer modificar uma geração?”. Como se estabelecerá, para além da pretensa representatividade postulada pelo Miss T, uma efetiva relação entre as belas Misses T e a “população trans”, não tão “distinta” como elas? Quais os efeitos possíveis e concretos deste regime de visibilidade na efetivação da conquista da desejada cidadania cotidiana? No momento, acredito não ser possível arriscarmos uma resposta para tais questões, pois o projeto Miss T Brasil ainda se encontra em seu início e os movimentos sociais e políticos trans e LGBT, que de muitas formas o sustentam, constituem-se em múltiplas movimentações e distintas articulações, o que torna este cenário ainda mais complexo. Sendo impossível arriscar uma resposta, talvez no momento só nos caiba assistir a este espetáculo que desenha um futuro ansiado ou sonhado, como o imaginado por Rita Lee para “a primeira Miss Brasil do século XXI”, que já se encontra em meados da segunda década do reinado desta utópica “Miss Brasil 2000”.

REFERÊNCIAS

- AGUIÃO, Sílvia. 'Fazer-se no “Estado”': uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direitos no Brasil contemporâneo'. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.
- AIZURA, Aren Z. Feminine transformations: Gender reassignment surgical tourism in Thailand. *Medical anthropology*, v. 29, n. 4, p. 424-443, 2010.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Corpo Presente*—treze reflexões antropológicas sobre o corpo. Oeiras: Celta, 1996.
- ALMEIDA, Guilherme Silva de. *Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do —corpo lésbico na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e AIDS*. 2005. 307 f. Tese. (Doutorado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005
- _____; MURTA, Daniela. Reflexões sobre a possibilidade da despatologização da transexualidade e a necessidade da assistência integral à saúde de transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 380-407, 2013.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAN, Márcia; MURTA, Daniela. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às novas descrições da experiência da transexualidade. *Physis*, Rio de Janeiro, v.19, p.15-40, 2009.
- ARÉCHAGA, Ana Julia. El cuerpo em tensión. Una análisis sobre la reproducción de las desigualdades sociales a través del cuerpo. In: GALAK, Eduardo e D'HERS, Victoria (Org.). *Estudios sociales sobre el cuerpo: prácticas, saberes, discursos en perspectiva*. Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, 2011.
- ARILHA, Margareth; LAPA, Thaís de Souza; PISANESCHI, Tatiane Crenn. (orgs.). *Transexualidade, travestilidade e direito à Saúde*. São Paulo, Oficina Editorial, 2010. (Coleção Democracia, Estado Laico e Direitos Humanos).
- ARTGAY. Concurso Rainha da Beleza Praiana é resgatado. Acesso em: 20 out 2015. Disponível em:
<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/artgay/conversations/messages/4353>
- ASTRA-RIO. Associação das Travestis e Transexuais do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em 10 set 2015. Disponível em: <http://astra-rio.blogspot.com/>
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALOGUN, Oluwakemi M. Cultural and Cosmopolitan: Idealized Femininity and Embodied Nationalism in Nigerian Beauty Pageants. In: *Gender & Society*, v.26, nº3, p.357-381, 2012.

BALTHAZAR, Adriana Maria Shad e. O lugar do silêncio na violência homofóbica: o dizível e o indizível nas narrativas de sofrimento. Dissertação (Mestrado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BANET-WEISER, Sarah. *The most Beautiful Girl in the World: Beauty Pageants and National Identity*. Berkeley, Los Angeles, Londres: University of California, 1999.

BATAILLE, Georges. *A parte maldita*, precedida de *A noção de despesa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

BATISTA, Ana Maria Fonseca de Oliveira. *O telefone sem fio, a sobrinha do presidente e as duas polegadas a mais – concepções de beleza no concurso Miss Universo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. *A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: GARAMOND/CLAM, 2006.

_____. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*, v. 3, p. 95-112, 2009.

BENTO, Berenice e PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Revista Estudos Feministas*, 20 (2), 2012. pp. 559-568

BESNIER, Niko. Transgenderism, locality, and the Miss Galaxy beauty pageant in Tonga. *American ethnologist*, v. 29, n. 3, p. 534-566, 2002.

BLOUL, Rachel AD. Ain't I a woman? Female landmine survivors' beauty pageants and the ethics of staring. *Social Identities*, v. 18, n. 1, p. 3-18, 2012.

BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004

BORRUSO, Marinella Miano. Gays tras bambalinas. Historia de belleza, pasiones e identidades. *Sociología*, v. 102, n. 1, 1991.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A delegação e o fetichismo político. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. A força do direito: elementos para uma sociologia do campo jurídico. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. Los ritos como actos de institución. In: PITT-RIVERS, Julian Alfred; PERISTIANY, John George. *Honor y gracia*. Alianza Editorial, 1993. p. 111-123.

_____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. *Pro-Posições*, v. 25, n. 1, p. 247-256, 2014.

BRAGA, Gibran Teixeira. “Não estou cobrando o que eu não posso dar”: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 21, p. 225-261, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate a Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos/ Ministério da Saúde. (2004) Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos humanos. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: http://bvms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em 14 out 2015.

BROWN, Elizabeth; PERRETT, David. What gives a face its gender. *Perception*, v. 22, p. 829-840, 1993.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANESSA, Andrew. ‘Sex and the Citizen: Barbies and Beauty Queens in the Age of Evo’, *Journal of Latin American Cultural Studies*, Vol 17, No. 1, pp. 41-64, 2008.

CAPITÁN, Luis et al. Facial Feminization Surgery: The Forehead. Surgical Techniques and Analysis of Results. *Plastic and reconstructive surgery*, v. 134, n. 4, p. 609-619, 2014.

CARDOSO, Cristiane. ‘Amo ser assim e não quero operar’, diz vencedora do Miss T, no Rio. *G1 Rio de Janeiro*. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/amo-ser-assim-e-nao-querer-operar-diz-vencedora-do-miss-t-no-rio.html>. Acesso em 23 out 2013.

CARRARA, Sérgio Luís. Direito e saúde: Introdução. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. *Antropologia e Direito: Temas antropológicos para estudos jurídicos*. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/Laced/ABA, 2012.

CARVALHO, Mário Felipe de Lima. Que mulher é essa? Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Dissertação (Mestrado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

_____. “Muito prazer, eu existo!: Visibilidade e Reconhecimento no Ativismo de Pessoas Trans no Brasil. Tese (Doutorado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

_____; CARRARA, Sérgio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana*, n. 14, p. 319-351, 2013.

CAVALCANTI, Maria Laura. Carnaval, ritual e arte. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

CELLERINO, Alessandro; BORGHETTI, Davide; SARTUCCI, Ferdinando. Sex differences in face gender recognition in humans. *Brain research bulletin*, v. 63, n. 6, p. 443-449, 2004.

CFP. Despatologização das identidades trans e travesties. *Conselho Federal de Psicologia*. Disponível em: <http://despatologizacao.cfp.org.br/> . Acesso em 15 jan 2016.

COHEN, Coleen Ballerino; WILK, Richard; STOELTJE, Beverly. Introduction: Beauty Queens on the Global Stage. In: _____. *Beauty Queens on the Global Stage*. New York, London: Routledge, 1996.

COLLINS DICTIONARY. *Fashion-forward*. Disponível em: <http://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/fashion-forward> . Acesso em 03 out 2015.

CONNELL, Raewyn. Transsexual women and feminist thought: Toward new understanding and new politics. *Signs*, v. 37, n. 4, p. 857-881, 2012.

CONRAD, Peter. *The medicalization of society: On the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007.

COTTA, Diego. Troféu Xica Manicongo no Laura Alvim. *Overmundo*. Acesso em 20 out 2015. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/agenda/trofeu-xica-manicongo-no-laura-alvim>

COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

COX, Laverne. *Geledes*. Se não sou uma mulher? Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questoes-de-genero/265-generos-em-noticias/10690-vamos-falar-de-outras-feminilidades-se-nao-sou-uma-mulher> . Acesso em 10 jun 2015.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMASCENO, Caetana M. Em casa de enforcado não se fala em corda. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.; HUNTLEY, Lynn (Org.). *Tirando a Máscara*. Ensaios sobre a Racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DE MORAES, Dênis. Notas sobre imaginário social e hegemonia cultural. *Revista Contracampo*, n. 01, p.93-102, 1997.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. A outra saúde: mental, psicossocial, físico-moral. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 83-90, 1994.

DUQUE, Tiago. Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por. [Tese de Doutorado]. Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

EDMONDS, Alexander. Surgery-for-Life: Aging, Sexual Fitness and Self-Management in Brazil. *Anthropology & Aging Quarterly*, v. 34, n. 4, p. 246, 2014.

_____. A Right to Beauty. *Anthropology Now* 4(1):3-9, 2012.

_____. “Almost Invisible Scars”: Medical Tourism to Brazil. *Signs* 36 (2):297-302, 2011.

_____. *Pretty Modern: Beauty, Sex, and Plastic Surgery in Brazil*. Durham, NC: Duke University Press, 2010.

_____. Learning to Love Yourself: Esthetics, Health and Therapeutics in Brazilian Plastic Surgery. *Ethnos* 74(4):465-489, 2009.

_____; SANABRIA, E. Medical Borderlands: Engineering the Body with Plastic Surgery and Hormonal Therapies in Brazil. *Anthropology & Medicine*. 21(2):202-16, 2014.

FACIAL TEAM. Disponível em: <<http://facialteam.com.br/>>. Acesso em 15 mar 2014.

FANTÁSTICO. Lea T conta como se sente após cirurgia de troca de sexo. 2013. Disponível em: <http://globoplay.globo.com/v/2370829/> . Acesso em 06 fev 2016.

FARIA, João Roberto. Introdução. In: MATE, Alexandre; SCHWARCZ, Pedro Moritz (Org.). *Antologia do teatro brasileiro*. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2012.

FARIA, Larissa D. A mulher e a criminologia: relações e paralelos entre a história da criminologia e a história da mulher no Brasil. *Trabalho publicado nos ANAIS do XIX Encontro Nacional do CONPEDI*, 2010.

FELLOUS, Jean-Marc. Gender discrimination and prediction on the basis of facial metric information. *Vision research*, v. 37, n. 14, p. 1961-1973, 1997

FERRARI, Anderson. A “bicha banheirão” e o “homossexual militante”: grupos gays, educação e construção do sujeito homossexual. *Anais da 29ª Reunião Anual da ANPED - Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade* [on-line]. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-1688--Int.pdf>>. Acesso em 15 mar 2011.

FERRARIO, Virgilio F. et al. Sexual dimorphism in the human face assessed by euclidean distance matrix analysis. *Journal of Anatomy*, v. 183, n. Pt 3, p. 593, 1993.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência; O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: *Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade e Política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, Lucas. *A máquina da cidadania: Uma etnografia sobre a requalificação civil de pessoas transexuais*. Dissertação (Mestrado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE COSTA, Jurandir. Notas sobre a cultura somática. In: _____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

GIACOMINI, Sônia Maria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro: o Renascença Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2006.

_____. Beleza mulata e beleza negra. *Estudos Feministas*, p. 217, 1994.

GILMAN, Sander. *Making the body beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*. Princeton: Princeton University Press, 1999.

GREEN, James. *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

GRUPO ARCO-ÍRIS. 9º Prêmio Arco-Íris de Direitos Humanos. *Grupo Arco-Íris*. 2011. Disponível em: <http://www.arco-iris.org.br/noticias/9%C2%BA-premio-arco-iris-de-direitos-humanos/> . Acesso em 10 fev 2016.

HOJE MAIS. Natália Molina: seguindo os passos de uma estrela. *Hoje Mais*. 2014. Disponível em: <http://www.hojemais.com.br/andradina/noticia/geral/natalia-molina-seguindo-os-passos-de-uma-estrela> . Acesso em 16 jan 2016.

HUA, Wen. *Buying beauty: Cosmetic surgery in China*. Hong Kong University Press, 2013.

JOHNSON, Mark. *Beauty and power: Transgendering and cultural transformation in the Southern Philippines*. Bloomsbury Academic, 1997.

KAMOL COSMETIC HOSPITAL. Disponível em: <<http://kamolhospital.com/>>. Acesso em 15 mar 2014.

KULICK, Don; WILSON, Margaret (Orgs). *Taboo: sex, identity and erotic subjectivity in anthropological fieldwork*. Routledge: London and New York, 1995.

_____. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LA BARCA, Pedro Calderón de. *A vida é um sonho*. Tradução de PALLOTTINI, Renata. São Paulo, 2007.

LANZ, Leticia. *Arquivo Transgênero*. Disponível em: <<http://www.leticialanz.org/>>. Acesso em 22 set de 2015.

LAVENDA, Robert H. “It’s Not a Beauty Pageant!”: Hybrid Ideology in Minnesota Community Queen Pageants. In: COHEN, Coleen Ballerino; WILK, Richard; STOELTJE, Beverly. *Beauty Queens on the Global Stage*. New York, London: Routledge, 1996.

LE BRETON, David. *Antropologia del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

- _____. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.
- LEITE, Vanessa Jorge. "Impróprio para menores?" Adolescentes e diversidade sexual e de gênero nas políticas públicas brasileiras. Tese (Doutorado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- LEWIN, Ellen; LEAP, William L. (Org). *Out in the field: reflections of lesbian and gay anthropologists*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1996.
- LI, Eric PH et al. Skin lightening and beauty in four Asian cultures. *Advances in consumer research*, v. 35, p. 444-449, 2008.
- LIM, Yvonne. More than a crown. *The Nation* (Thailand). 2013. Disponível em: <http://www.nationmultimedia.com/life/More-than-a-crown-30218723.html> . Acesso em 12 jan 2016.
- LIMA, Daslan Melo. Sessão nostalgia - Maria Augusta Nielsen e a lenda de uma bengala. *Passarela Cultural*. 2009. Disponível em: <http://passarelacultural.blogspot.com.br/2009/11/sessao-nostalgia-uma-lenda-do-miss.html> . Acesso em 07 jan 2016.
- LOMBROSO, Cesare; FERRERO, William. *The Female Offender*. New York: D. Appleton and Company, 1898.
- LOPES, Aureliano. Agora é que são elas?: alguns apontamentos sobre travestilidade e espaço artístico. *História Agora* , v. 01, p. 05-28, 2013.
- _____. "Em desfile nossa terra, nossa gente?: a construção de corporalidades e belezas em concursos femininos diversos. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios Atuais dos Feminismos, 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384955923_ARQUIVO_AurelianoLopes.pdf . Acesso em 25 set 2015.
- LUCON, Neto. Miss T Brasil tem sua primeira vencedora negra e é alvo de comentários racistas. *Nlucon*. 2014. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2014/12/miss-t-brasil-2014-tem-primeira.html> . Acesso em 20 jan 2016.
- MACHADO, Ingrid Maria. 'Ela não nasceu mulher', diz baiana em protesto contra transexual. *G1 Bahia*. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2012/08/ela-nao-nasceu-mulher-diz-baiana-em-protesto-contratransexual.html> . Acesso em 18 mar 2013.
- MANALANSAN IV, Martin F. *Global divas: Filipino gay men in the diaspora*. Duke University Press, 2003.
- MACHADO, Camila; DENK, Eriksson. "Precisamos de mais mulheres trans em cima dos palcos e menos nos caixões". *Jornalistas livres*. 2015. Disponível em: <https://medium.com/jornalistas-livres/precisamos-de-mais-mulheres-trans-em-cima-dos-palcos-e-menos-nos-caix%C3%B5es-bcb59607a694> . Acesso em 28 nov 2015.
- MADI DIAS, Diego. *Gênero disperso: estética e modulação da masculinidade Guna* ('Kuna', Panamá). Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MARCHI, Majorie. Porta Retrato: KEY FRANCIS (1906-2004), a mais idosa Sra. Trans do Rio de Janeiro. In: SAMMARCO, Pedro. Quem se importa com a velhice das travestis? Conheça um pouco de Key Francis. *Mix Brasil*. 2011. Disponível em: <http://mixbrasil.xpg.uol.com.br/lifestyle/morta-aos-98-anos-travesti-key-francis-e-exemplo-de-longevidade#sthash.0ySYnKNq.dpuf> . Acesso em 05 jan 2016.

_____. A Influência da ‘BELEZA’ na formação das Identidades de Travestis e Transexuais brasileiras. In: *Revista S!*, v. 123, p.14, ago/2012.

_____. Coccinelle – A mais famosa transexual de todos os tempos. In: *Revista S!*, v. 125, p.15, out/2012a.

_____. Miss T Brasil 2012. In: *Revista S!*, v. 125, p.15, out/2012b.

_____. Concurso Rainha da Beleza Praiana 2010. *Orkut: O Boêmio Carioca*. Acesso em 20 out 2015. Disponível em: <http://orkut.google.com/c24799506-t815d8d4decfl ffea.html>

MARQUES, Fernanda. Em defesa dos direitos de travestis e transexuais. *Agência Fiocruz de Notícias*. 10 mai 2007. Disponível em: <<http://www.agencia.fiocruz.br/em-defesa-dos-direitos-de-travestis-e-transexuais>>. Acesso em 30 set 2015.

MERCER, Kobena. Just looking for trouble: Robert Mapplethorpe and fatasies of race. In: SEGAL, Lynne; MCINTOSH, Mary (Org.). *Sex exposed: Sexuality and the pornography debate*. Rutgers University Press, 1993.

MICHAELIS MODERNO DICIONÁRIO INGLÊS & PORTUGUÊS. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php> . Acesso em 17 jan 2016.

MISS BRASIL GAY. Disponível em <<http://www.missbrasilgay.com>>. Acesso em 05 dez 2013.

MISS T BRASIL. Disponível em: <http://www.misstbrasil.com.br/>. Acesso em 04 set 2012.

MISS LANDMINE. Disponível em: <http://miss-landmine.org/>. Acesso em 25 nov 2015.

MITCHELL, Timothy. Society, economy, and the State effect. In: SHARMA, Aradhana; GUPTA, Akhil (Orgs.). *The anthropology of the state: A reader*. Oxford, Blackwell Publishing, 2006.

MOON, Scarlet; MOTTA, Nelson. Linhas cruzadas. *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 07 set 1974, p.31.

MURTA, Daniela. *A psiquiatrização da transexualidade: análise dos efeitos do diagnóstico de Transtorno de Identidade de Gênero nas práticas de saúde*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Entre o “transexualismo verdadeiro” e a diversidade das experiências trans: uma discussão crítica sobre a produção da identidade transexual universal. *Feminilidades: corpos e sexualidades em debate*. SILVA, Daniele Andrade; DE GARAY, Jimena Hernández; SILVA JUNIOR, Aureliano Lopes; UZIEL, Anna Paula. *Feminilidades: corpos e sexualidades em debate*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

NAMASTE, Viviane. *Invisible lives: The erasure of transsexual and transgendered people*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

_____. *Sex Change, Social Change: Reflections on Identity, Institutions, and Imperialism*. Toronto: Women's Press, 2005.

NASCIMENTO, Marcos. homens, masculinidades y homofobia: apuntes para la reflexión desde lo conceptual y de lo político. *Revista de Psicología UNISUAM Conexões Psi*, v. 2, p. 41, 2014.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. . Entre a vida e a morte, o sexo. Labrys. Estudos Feministas. Brasília, Montreal, Paris, v. 12, n. julho/dez, 2006.

NEWTON, Esther. My best informant's dress: the erotic equation in fieldwork. . In: LEWIN, Ellen; LEAP, William L. (Org). *Out in the field: reflections of lesbian and gay anthropologists*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1996.

O PASQUIM. Miss Boneca – Noite Deslumbrante no Carlos Gomes. *O Pasquim*. Rio de Janeiro, Ano IV, nº272, 17 a 23 set 1974.

OCHOA, Marcia. *Queen for a day: transformistas, misses and mass media in Venezuela*. Durham: Duke University Press, 2014 (no prelo).

_____. A moda nasce em Paris e morre em Caracas. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

_____. Pasarelas y 'perolones:' Mediaciones transformistas en la Avenida Libertador de Caracas. *ÍCONOS Revista de Ciencias Sociales*, v. 15, n. 1, p. 123-142, 2011.

_____. Ciudadanía perversa: divas, marginación y participación en la 'localización'. *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, p. 239-256, 2004.

OLIVEIRA, Carolina dos Santos de. *Adolescentes negras: relações raciais, discurso e mídia feminina na contemporaneidade brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

PATRÍCIO, Maria Cecília. *No Truque: Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras*. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

PEIRANO, Mariza Gomes e Sousa. *Rituais ontem e hoje*. Vol. 24. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. *A análise antropológica de rituais*. Série Antropologia. Brasília: UNB, 2000

PELUCIO, Larissa. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Revista Antropológicas*, Recife/PE, v. 15, n.01, p. 123-154, 2004.

_____. Abjeção e Desejo - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. 1. ed. São Paulo, SP: Editora Annablume, 2009. BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa (Orgs.) . *Dossiê Vivências trans: desafios, dissidências e conformações* Florianópolis: Revistas de Estudos Feministas, 2012. v. 20. 83p.

- _____. Toda Quebrada na Plástica - corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. *Campos* (UFPR), Curitiba, v. 06, n.01, p. 97-112, 2005.
- PEREIRA, Isabela Scheufler. O processo de cidadanização de pessoas LGBT: uma etnografia em Centros de Cidadania do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- PERES, Wiliam Siqueira. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania*. Tese (Doutorado) – Instituto de Medicina social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- PISCITELLI, A. As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, CLAM-UERJ, p. 177-201, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- _____. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- QUIRÓS, Julieta. Por que vêm? Figuração, pessoa e experiência na política da Grande Buenos Aires. Tese (Doutorado) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.
- RAHIER, Jean Muteba. Mestizaje, Mulataje, Mestiçagem. Latin American Ideologies of National Identities. In: *Journal of Latin American Anthropology*, v.8, nº1, p.40-50, 2003.
- _____. Poética y Política de cuerpos blancos y negros: Señoras, Mujeres, Blanqueamiento y Miss Esmeraldas 1997-1999, Ecuador. In: BENÁLCAZAR, Patricio. *Diversidad: ¿Sinónimo de Discriminación?*. Quito: Comunicaciones INREDH, 2001.
- _____. Blackness, the Racial/Spatial Order, Migrations, and Miss Ecuador 1995-96. In: *American Anthropologist*, v. 100, nº2, p.421-430, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- REHNMAN, Jenny. *The role of gender in face recognition*. Tese (Doutorado) – Departamento de Psicologia, Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2007.
- REISCHER, Erica & KOO, Kathryn S. “The body beautiful: Symbolism and Agency in the Social World”. *Annu. Rev. Anthropol.*, 33, p. 297-317, 2004.
- RIO SEM HOMOFOBIA. Disponível em: <http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/>. Acesso em 10 set 2015.
- _____. Miss T Brasil 2012 elege a mais bela travesti ou transexual do Brasil. *Rio Sem Homofobia*. 2012. Disponível em: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/noticia/ver/77_miss-t-brasil-2012-elege-a-mais-bela-travesti-ou-transexual-do-brasil . Acesso em 17 out 2015.
- _____. Candidata do Distrito Federal é a grande vencedora do Miss T Brasil 2012. *Rio Sem Homofobia*. 2012. Disponível em: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/noticia/ver/78_candidata-do-distrito-federal-%C3%A9-a-grande-vencedora-do-miss-t-brasil-2012 . Acesso em 17 out 2015.

_____. Coordenador do Programa Estadual Rio Sem Homofobia recebe as concorrentes ao título de Miss T Brasil 2013. *Rio Sem Homofobia*. 2013. Disponível em: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/noticia/ver/190_coordenador-do-programa-estadual-rio-sem-homofobia-recebe-as-concorrentes-ao-t%C3%ADtulo-de-miss-t-brasil-2013 . Acesso em 17 out 2015.

RITO, Lúcia. *Muito Prazer, Roberta Close*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Marcelo Carmo. Polêmica na passarela: eventos como instrumento de comunicação alternativa. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

RODRÍGUEZ, Juana María. *Sexual Futures, Queer Gestures, and Other Latina Longings*. Nova York: NYU Press, 2014.

_____. Pornographic Encounters and Interpretative Interventions: Vanessa del Rio: 50 Years of Slightly Slutty Behavior. *Women & Performance: A Journal of Feminist Theory*, 2015 (no prelo).

ROQUETTE-PINTO, *Ensaaios de Antropologia Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

ROSA, Caroline Malvina dos Santos da. *Dá um Close nela: a imagem do transexual em revistas brasileiras através do ‘caso’ Roberta Close (1983-1991)*. Monografia (Graduação), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ROSALES, Nancy Álvarez; PÉREZ, Carmen Pérez. Identidad de género en transformistas: un estudio cualitativo-exploratorio. *Límite – Revista de Filosofía y Psicología*, Arica, v. 4, n. 20, p.123-152, 2009.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e embelezamento feminino no Brasil. *Iberoamericana* (Madrid), Berlim, v. 10, p. 143-155, 2003.

_____. História da beleza no Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Aílton da Silva. O gênero encarnado: modificações corporais e riscos à saúde de mulheres trans. Tese (Doutorado), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SCHWANINGER, Adrian et al. Processing of facial identity and expression: a psychophysical, physiological, and computational perspective. *Progress in Brain Research*, v. 156, p. 321-343, 2006.

SILVA, Pedro Pepa; VISNADI, Marcus; MOHALLEM, Gui. Diva que incomoda. *Revista Geni*. Acesso em 15 jul 2013. Disponível em: <http://revistageni.org/06/diva-que-incomoda-claudia-celeste/>

SOLIVA, Thiago Barcelos. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizade na Turma OK*. Dissertação (Mestrado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIQUEIRA, Mônica. *Sou Senhora* – Estudo antropológico de travestis na velhice. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

STP. *Campanha Internacional Stop Trans Pathologization*. Disponível em: <http://www.stp2012.info/old/pt> . Acesso em 12 fev 2016.

TAUSSIG, Michael. *Beauty and the Beast*. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

TALACKOVA, Jenna. Disponível em: <http://jennatalackova.ca/> . Acesso em 07 jan 2016.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. *Vidas que desafiam corpos e sonhos: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade*. [Tese de Doutorado]. Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

TERRY, Jennifer; URLA, Jacqueline (Org.). *Deviant bodies: Critical Perspectives on Difference in Science and Popular Culture*. Indiana: Indiana University Press, 1995.

THUM, Tássia. Travestis encaram o preconceito e o biquíni em concurso de miss no Rio. *Portal G1*, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/10/transexuais-encaram-o-preconceito-e-o-biquini-em-concurso-de-miss-no-rio.html> . Acesso em 30 nov 2012.

TURNER, Victor. *O processo ritual*. Petrópolis. Vozes, 1979.

_____. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

VENCATO, Anna Paula. *"Fervendo com as drags": corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

_____. *"Existimos pelo prazer de ser mulher": uma análise do Brazilian Crossdresser Club*. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

VENTURA, Miriam. *A transexualidade no tribunal: saúde e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

VIANNA, Adriana. Introdução: fazendo e desfazendo inquietudes no mundo dos direitos. In: _____ (Org.). *O fazer e o desfazer dos direitos: experiências etnográficas sobre política, administração e moralidades*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2013.

_____; FARIAS, Juliana. A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional. *Cadernos Pagu*, v. 37, p. 79-116, 2011.

VIP, Ângelo; LIBI, Fred. *Aurélia* – A dicionária da língua afiada. São Paulo: Editora da Bispa, 2006.

VOGEL, Katrin. The Mother, the Daughter, and the Cow: Venezuelan Transformistas' Migration to Europe. *Mobilities*, v. 4, n. 3, p. 367-387, 2009.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WATSON, Elwood; MARTIN, Darcy. *There She is Miss America: The Politics of Sex, Beauty and Race in America's Most Famous Pageant*. New York: Palgrave, 2004.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza*. Rocco, 1992.

YOKOYAMA, Takemasa et al. A critical role of holistic processing in face gender perception. *Frontiers in human neuroscience*, v. 8, 2014.

ZONA PINK. *A evolução do concurso*. Disponível em:
<<http://www.acesa.com/zonapink/missgay99/evolucao.php>>. Acesso em 22 set 2013.

ANEXO A

Tabela com as vencedoras do Miss T Brasil e suas participações no *Miss International Queen*, 2012-2015

CANDIDATA	CONCURSO	ANO	COLOCAÇÃO
Jéssika Simões	Miss T Brasil	2012	Selecionada direto do casting do Miss T para ir à Tailândia
	<i>Miss International Queen</i>	2012	<i>1st runner up</i> (2º lugar)
Marcela Ohio	Miss T Brasil	2012	1º lugar
	<i>Miss International Queen</i>	2013	1º lugar
Roberta Holanda	Miss T Brasil	2012	2º lugar
	<i>Miss International Queen</i>	2013	Top 10
Rafaela Manfrini	Miss T Brasil	2012	3º lugar
	<i>Miss International Queen</i>	2014	Top 10
Raika Ferraz	Miss T Brasil	2013	1º lugar
	<i>Miss International Queen</i>	2014	Top 10
Valesca Ferraz	Miss T Brasil	2014	1º lugar
	<i>Miss International Queen</i>	2015	<i>1st runner up</i> (2º lugar)
Nathalie Oliveira	Miss T Brasil	2015	1º lugar

ANEXO B

Premiados no “Prêmio Cláudia Celeste de Direitos Humanos”, ASTRA-Rio, 2010

CATEGORIAS	
Direitos Humanos	<p>Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República - Pela implantação do DISQUE 100 ,a mais importante ferramenta de denuncia contra violações dos Direitos Humanos .</p> <p>Governo do Estado do Rio de Janeiro -Decreto nº 43065 DE 08 de julho de 2011, Dispõe sobre o direito ao uso do nome social por Travestis e Transexuais na administração direta e indireta do Estado do Rio de Janeiro e dá outras providências.</p> <p>Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro - Decreto nº 33816 DE 18 DE MAIO DE 2011,Dispõe sobre a inclusão e uso do nome social de pessoas travestis e transexuais no âmbito da Administração Direta e Indireta.</p>
Cultura	<p>Secretaria Estadual de Cultura RJ – Apoio e incentivo à produções teatrais com artistas Travestis e Transexuais.</p> <p>Sra Brigitte Blair – Apoio e incentivo a espetáculos Trans em seu teatro mesmo durante a ditadura periodo que a mesma enfrentou a proibição militar aos espetáculos estrelados por Travestis e Transexuais, garantindo em seu teatro espaço aos mesmos.</p> <p>Sr. Luiz Garcia – Pioneirismo na realização de certames de beleza para travestis e transexuais nos anos 70 no Teatro Carlos Gomes, evento este que teve da censura a proibição de utilizar qualquer menção ao Miss Brasil e teve aprovado o nome de Miss Pop .</p>
Saúde	<p>Coordenadoria de sangue e hemoderivados da Secretaria de Estado de Saúde RJ – Atenção e apoio a prevenção a dst/aids e fortalecimento do movimento social de travestis e transexuais RJ</p> <p>Dr.Eloisio Alexandre – Setor de Reconstrução Genital e Atenção a Disforia de Gênero - HUPE</p>
Cidadania Trans	<p>Sr. Almir França - Estilista e Promotor Cultural,utiliza as Travestis e Transexuais em todas suas Obras dedicando sua última coleção exclusivamente a este universo T.</p> <p>Dra. Patricia Magno – Defensora pública,do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos (Nudedh) , pela sua atuação em prol de Travestis e Transexuais durante a gestão do Conselho Estadual dos Direitos LGBT / RJ pela Cidadania destes segmentos .</p>
Segurança	<p>Dra. Martha Rocha – Chefe da polícia Civil RJ – Antiga parceira pela Cidadania LGBT , vem desenvolvendo um importante papel e suporte a serviços como o Disque LGBT e os Centro de Referência LGBT/RJ</p> <p>Dra. Jéssica Almeida – Diretora ACADEPOL RJ – Querida parceira do Movimento das Trans /RJ responsável pela articulação para inclusão da temática Trans nos currículos de formação da ACADEPOL/RJ.</p>
Memória	<p>Sr Américo Leal – Pelo incentivo e pioneirismo em apoio aos espetáculos Trans em seu Teatro Rival tradição esta perpetuada por sua filha a Sra Angela Leal.</p>
Visibilidade Trans	<p>Sra Sharlene Rosa – Uma das mais respeitadas Travestis do Estado do RJ,responsável pela organização e chegada das políticas públicas LGBT e de Direitos Humanos à Duque de Caxias.Tem uma importante e bem sucedida atuação como Gestora pública estadual ,Radialista e Empresária.</p>
Teledramaturgia	<p>Novela Vida em Jogo – Rede Record , pelo personagem Dona Augusta e sua emocionante história que mesmo sendo ficção muitas vezes se aproxima da realidade vivificada cotidianamente pelas Travestis brasileiras.</p> <p>Novela Aquele Beijo - Rede Globo , pelo personagem Anna Girafa,que retrata a realidade das Travestis e Transexuais brasileiras.</p>
Jornalismo	<p>Série Prazer a Venda – Rede Record , Qualificada abordagem sobre o mundo da Prostituição de Travestis e Transexuais.</p>
Literatura	<p>A Viagem Solitária – João W Nery , importante publicação sobre Homens Trans.</p>
Moda	<p>Sra .Lea T – Top model Internacional</p> <p>Agência 40 Graus Models – Inclui uma Modelo Transexual em seu casting feminino.</p>
Cinema	<p>Elvis e Madonna – Emocionante filme que com maestria conta o amor entre uma Travesti e uma Lésbica.</p>
Melhor Cantora	<p>Sra . Jane DI Castro – Diva dos palcos , com 30 anos de carreira que emocionou todo o Estado do RJ ,durante a Tour estadual por 9 regiões durante as Conferencias regionais LGBT/RJ , com brilhante interpretação do Hino Nacional.</p>
Melhor Atriz	<p>Sra .Dandara Vital - Jovem atriz Trans,estrela do espetáculo TRANSTCHECOV uma das grandes alegrias descoberta no Projeto Damas em Cena uma parceria entre o Instituto do Ator e da ASTRA RIO .</p>
Melhor Ator	<p>Sr.Igor Cotrim ,ator que emocionou ao dar vida a Madonna do filme Elvis e Madonna que muito bem traduziu um tipo entre tantos tipos de Travestis existentes. Uma Travesti muito mais feminina de alma do que de corpo!</p>
Revelação	<p>Sra .Jakellyne Uschoa - um dos mais gratos presentes de 2011,dona de uma voz encantadora e uma vitalidade que vem crescendo e que é uma grande promessa.</p>
Política	<p>Deputado Federal Jean Willis</p>

ANEXO C

Regulamento Miss T Brasil 2012
(base para todas as outras edições do concurso)

Regulamento

Home

O Evento

Objetivos

Candidatas

Contato

1. Deve ter nascido do sexo masculino, ser uma Travesti ou Mulher Transexual (pré ou pós-operada, a prova do gênero natural pode ser solicitada na forma da certidão de nascimento ou de verificação genética médica)

2. Deve estar entre 17-33 anos de idade

3. Candidatas de todos os Estados são bem-vindos.

3.1 . Não é necessário a candidata ter nascida ter nascido ou residir em um Estado ,para representar o mesmo.

3.2 . Candidatas estrangeiras naturalizadas ou não, que comprovem residir a mais de três meses no Brasil estão aptas a participação no Miss T Brasil 2012.

4. As Candidatas deverão arcar com os seguintes itens de vestuário:

- 1 Traje de Abertura (Vendido pela Produção Miss T Brasil).
- 1 Maiô : Liso sem estampas na cor Preta
- 2 Biquínis :1 na cor vermelha e 1 na cor amarela.
- 2 Calças : 1 calça jeans e 1 calça comprida branca
- Vestido de Gala para final do Miss T Brasil.
- Vestuário para os 6 dias de competição.

5. As candidatas devem participar em todas as atividades que precedem o evento. Todas as participantes que não comparecerem ou se recusarem a participação em qualquer atividade organizada será automaticamente desclassificada. Não haverá reembolso de nenhum gasto da candidata neste caso.

6. O Miss T Brasil vai fornecer acomodações gratuitas e refeições no Hotel durante o concurso para todas as concorrentes (apenas as despesas discricionárias e passagens aéreas são de responsabilidade das concorrentes). Também serão de responsabilidade da Organização o Transporte e Ingressos para a Festa, o City Tour e demais agendas do concurso .

7. A Miss T Brasil 2012 irá assinar um contrato de um ano com a Associação das Travestis e Transexuais do RJ (Astra Rio) , para garantir seus direitos e deveres , onde a Astra Rio promoverá a agenda de compromissos da Miss durante seu reinado e sua aparição na mídia neste período.

8. A Miss T Brasil 2012. é obrigada a participar de campanhas de combate a Transfobia, Homofobia, Prevenção a Dst/ HIV/AIDS e Direitos Humanos durante seu reinado.

9. Se a eleita Miss T Brasil 2012 não for capaz de cumprir e executar as suas funções por qualquer motivo, uma das finalistas será nomeada como sua sucessora (tentando utilizar o critério da classificação sem que este seja obrigatório).

10. Posicionamentos Racistas, Preconceituosos, envolvimento em escândalos que contribuam negativamente para a Imagem das Travestis e Transexuais Brasileiras, Atos de Violência e ou envolvimento em ilícitos serão motivos para a imediata e irrevogável destituição da Miss T Brasil.

11. Fica estritamente proibido a utilização da marca e do Título "Miss T Brasil" pela vencedora e ou qualquer participante em produções pornográficas e ou de nudez(revistas, vídeos, DVDs, Filmes, Shows eróticos.

12. Ao inscrever-se cada candidata autoriza a utilização total de sua imagem pela Organização do Miss T Brasil.

13. Todos os vídeos e fotos dos participantes serão utilizadas como material promocional e continuará a ser propriedade exclusiva do Miss T Brasil., Ltd.



Premiação:

-O título de Miss T Brasil 2012

-Pagamento da Taxa de inscrição de 600,00 dólares para o Miss International Queen.

-Pagamento da passagem para a Tailândia

-Confecção do Traje Típico cedido a usar no Miss International Queen

-Confecção do Vestido de Gala cedido a usar no Miss International Queen

-Consultoria preparatória com especialista do Mundo Miss para o Miss International Queen

-Assessoria de comunicação durante o período do Reinado.

-Coroa Miss T Brasil

-Faixa Miss T Brasil 2012

Realização:



ASTRA RIO

ANEXO D

Regulamento Miss Brasil Gay 2011



REGULAMENTO DO CONCURSO 35° MISS BRASIL GAY

Pelo presente instrumento os signatários aderem ao regulamento de participação no concurso de beleza denominado **35° Miss Brasil Gay**, na data de **20 de agosto de 2010**, a partir das **21 horas**, no **Ginásio do Sport Club – Juiz de Fora/MG**, que tem sua sede permanente na cidade de Juiz de Fora, e coordenação da empresa **Chick's Cabeleireiros Ltda.**, com endereço na Rua Santo Antonio, 415, sala 07, Juiz de Fora, MG e aqui representada por **Mirelle Mota Ribeiro**, brasileira, CPF 975.626.616-34, residente a Rua Barbosa Lima, 287 apt. 202, Centro, Juiz de Fora – MG.

São as seguintes cláusulas que regerão o concurso:

1. Objeto:

O presente regulamento visa estabelecer regras de participação no concurso retroaludido.

2. Representação:

- 2.1 O candidato obrigatoriamente representará um Estado da Federação Brasileira, desde que tenha sido anteriormente **vencedor em 1° (primeiro) lugar** de certame para eleição do representante daquele Estado.
- 2.2 Na impossibilidade de o 1° (primeiro) lugar comparecer, a representação do estado é repassada automaticamente ao 2° (segundo) lugar do referido concurso, mediante comprovação e autorização da comissão organizadora.

www.missbrasilgay.com

20 de agosto de 2011 - Ginásio do Sport Club Juiz de Fora
A maior festa gay do país. Patrimônio da cidade de Juiz de Fora.



- 2.3** O candidato somente será admitido para participação no concurso *Miss Brasil Gay* desde que autorizado e acompanhado por coordenador responsável, previamente definido pela organização do concurso.
- 2.4** O coordenador que, por motivos alheios à organização do concurso, não comparecer com seu candidato à edição do ano vigente, automaticamente é suspenso para o ano posterior. Caberá à organização do concurso – e somente a ela – deliberar sobre este ponto.
- 2.5** Inexistindo candidato que represente determinado Estado, somente a organização do evento poderá definir sobre a nova representação.

3. Pré-requisitos para inscrição:

O candidato deverá ser:

- a) Cidadão brasileiro nato, ou naturalizado nos últimos 12 (doze meses);
 - b) Ser residente no Brasil;
 - c) Ser do sexo masculino;
 - d) Ter no mínimo 18 anos completos e no máximo 35 anos;
 - e) Não ter implante de silicone em qualquer parte do corpo;
 - f) Efetuar o pagamento relativo à taxa de inscrição de R\$ 600,00 (seiscentos reais), com vencimento até a data de 15 de julho de 2011, válido somente através de depósito bancário.
- 3.1** A prática de atos pelo candidato, que, comprovadamente, importem em descrédito ético e moral, do certame, poderá impedir sua inscrição ou importar no seu cancelamento, na hipótese do fato ser posterior a esta.

4. Documentos indispensáveis: São documentos de indispensável apresentação no momento da inscrição ao aludido concurso, no original:

- a) Certidão de nascimento do candidato;



- b) Carteira de identidade;
- c) 1ª. via deste instrumento de regulamento devidamente assinada pelo coordenador e candidato.
- d) Comprovante do pagamento da taxa de inscrição: até a data de 15 de julho de 2011.
- e) Fotos do candidato: 01 foto na versão masculina e 01 foto na versão "transformista" (resolução máxima 300 dpi, formato JPG), a ser entregue até a data de 20 de julho.
- f) Apresentação de documentação (fotos, vídeos, cobertura jornalística, cartaz, panfleto e outras peças promocionais) que comprove a realização do concurso;
- g) Descrição dos trajes: digitados, com máximo de 10 linhas (times new Roman, fonte 12) para traje típico e máximo de 10 linhas (times new Roman, fonte 12) para traje de gala, entregue até a data de 05 de agosto de 2011.

4.1 Deverão ser entregues xerox autenticados em cartório, os documentos referido nos números a e b desta "cláusula 4".

5 Validade das Cláusulas do Regulamento:

Na hipótese de qualquer cláusula, termo ou disposição deste regulamento ser declarada inválida, ilegal ou inexecutável, permanecem em vigor as demais disposições, na forma da Lei.

6 Impedimentos do Candidato:

6.1 Ficam cientes os candidatos que o candidato eleito por seu Estado e que pretenda participar do MISS BRASIL GAY, **não** poderá participar de outros concursos de âmbito nacional e com o mesmo objeto. Caso ocorra tal situação, o candidato não terá sua inscrição aceita no concurso de que trata este documento.



- 6.2** Na hipótese da participação ocorrer após a inscrição no *Miss Brasil Gay*, sua inscrição será cancelada.
- 6.3** Tal impedimento se estende pelo ano seguinte ao concurso *MISS BRASIL GAY*, até a realização do concurso seguinte, enquanto o vencedor estiver representando e divulgando o concurso, conforme pactuado neste Regulamento, sob pena de perda do título.
- 6.4** Caso ocorra uma das situações previstas nos itens **6.1**, **6.2** e **6.3**, o referido candidato fica impossibilitado de participar do concurso na edição do ano subsequente.
- 6.5** Caso ocorra uma das situações previstas nos itens **6.1**, **6.2** e **6.3**, a participação desse candidato nos anos posteriores fica condicionada à definição da comissão organizadora.
- 6.6** Caso ocorra uma das situações previstas nos itens **6.1**, **6.2** e **6.3**, o título será passado ao segundo colocado.
- 6.7** O candidato ao concurso *Miss Brasil Gay* só poderá participar por até três vezes deste certame.
- 6.8** A fraude no que diga respeito a qualquer das exigências acarretará a exclusão do candidato do concurso, podendo o mesmo responder, juntamente com o coordenador regional por eventuais prejuízos ocasionados ao concurso.
- 6.9** O coordenador é o responsável pelo seu candidato, devendo acompanhá-lo durante todo o evento.
- 6.10** Agressões, depredação de instalações e equipamentos, bem como qualquer ato que possa por em risco a segurança dos



demais participantes, comissão organizadora, equipe técnica contratada e público presente serão comunicados às autoridades policiais, com abertura de processo criminal, com imediato pagamento das despesas acarretadas, desclassificação do candidato e perda do cargo de coordenador.

6.11 Caso ocorra uma das situações previstas nos itens 6.9 e 6.10, candidato e coordenador ficarão automaticamente impossibilitados de participarem das edições subseqüentes do concurso.

7 Crêterios de Julgamento:

7.1 A comissão julgadora será composta por – máximo, 23 membros; mínimo, 12 membros - que julgarão cada um dos trajes, individualmente, compondo o júri técnico e artístico.

7.2 No dia do concurso o concorrente deverá desfilarm em 02 (dois) trajes diversos, sendo um traje t pico e um traje de gala, o que significa 02 (duas) entradas no palco, para avalia o da comissão julgadora.

7.3 Cada desfile, com o traje respectivo, será avaliado com notas que variam de 01 (um) a 03 (três).

7.4 Cada desfile, com o traje respectivo, será avaliado com notas que variam de 01 (um) a 03 (três).

7.5 Serão avaliados em cada candidato na elei o da Miss Brasil Gay, os seguintes quesitos:

- a) Beleza
- b) Elegância
- c) Postura
- d) Carisma



7.6 O candidato que obtiver o maior número de pontos somados nos desfiles, será considerado vencedor.

8 Premiação: Para o ano de 2011, ficam assim definidos os valores:

1º lugar: R\$ 2.000,00 (Dois mil reais)

2º lugar: R\$ 1.500,00 (Um mil e quinhentos reais)

3º lugar: R\$ 1000,00 (Um mil reais)

9 Uso da Imagem:

9.1 O candidato que se sagrar vencedor no concurso cederá o direito de uso gratuito de sua imagem à organização do concurso, para durante o ano que se segue e até a realização do concurso seguinte, divulgar o *Miss Brasil Gay*.

9.2 Fica desde logo ciente o candidato que deverá comparecer a todos os meios de comunicação em que a organização do concurso seja solicitada e o próprio vencedor do *Miss Brasil Gay* para divulgação de evento, no Brasil e no exterior, sem fazer jus a nenhum pagamento por tais aparições.

10 Despesas:

10.1 Corre por conta exclusiva do coordenador e/ou candidato toda e qualquer despesa com inscrição, participação no evento, despesas com viagem e trajes do concurso.

10.2 A organização do concurso Miss Brasil Gay se responsabiliza pela hospedagem e alimentação em Juiz de Fora para 02 pessoas, a saber, candidato e coordenador do referido estado.

10.3 As diárias se iniciam ao meio-dia da sexta-feira que antecede o evento (19/08/2011) e vão até o meio-dia de domingo (21/08/2011).



10.4 Cada coordenador de estado terá acesso a 04 (três) pulseiras, 04 crachás e 04 (quatro) coletes identificadores que dão acesso aos camarins. **IMPORTANTE: o acesso ao camarim será permitido somente para pessoas que estiverem utilizando, ao mesmo tempo, os três itens de segurança (pulseira + crachá + colete).**

10.5 As refeições serão assim disponibilizadas:

- Sábado: almoço em diversos restaurantes da cidade. Os tickets deverão ser recolhidos no escritório do evento;
- Sábado, serviço de camarim: haverá nos camarins 04 refrigerantes lata, 04 garrafas 500 ml de água, 04 sanduíches, 04 barras de cereal, 04 bombons;
- Domingo: almoço em diversos restaurantes da cidade. Os tickets deverão ser recolhidos no escritório do evento.

11 Disposições Finais:

Os candidatos se obrigam a cumprir todas as determinações da organização do *MISS BRASIL GAY* no que se refere a comparecimentos nos ensaios e demais eventos para divulgação o concurso, além de observar todos os horários de todos os compromissos, inclusive dos transportes de pessoal e de comparecimento ao local do evento, que são de responsabilidade da coordenação.

12 Foro:

A assinatura, do presente regulamento obriga aos signatários, que elegem o Foro de Juiz de Fora para dirimir quaisquer questões atinentes ao presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de 2011.

www.missbrasilgay.com

**20 de agosto de 2011 - Ginásio do Sport Club Juiz de Fora
A maior festa gay do país. Patrimônio da cidade de Juiz de Fora.**



Ckick´s Cabeleireiros Ltda.

Coordenador:

Estado:

Assinatura do candidato:

IMPORTANTE: coordenador e candidato deverão rubricar todas as folhas, dando ciência do conhecimento das normas e termos do presente regulamento. A assinatura deverá constar somente na última folha.

ANEXO E

Reglamento *Miss International Queen 2016*



Miss International Queen™ 2016

Friday, 4th November 2016

Tiffany's Show Pattaya Co., Ltd.

464 Moo 9 Pattaya 2nd Road, Pattaya City, Chonburi 20260, Thailand

Tel: +6638 421 700 Fax: +6638 421 711

www.MissInternationalQueen.com

General Information of Miss International Queen™ 2016:

The promoter: Tiffany's Show Pattaya Co., Ltd. 464 Moo 9, Pattaya 2nd Road, Pattaya City, Chonburi 20260, Thailand

Method of entry: Entrant agrees to be bound by the following terms and conditions:

To be eligible to enter, the entrant must complete Miss International Queen™ 2016 Application Form and send the following documents to Miss International Queen™ Organisation for pre-screening:

- One head-shot photo & one full-body photo in a white background with clear light
- Certified copy of valid passport stating nationality and citizenship
- A 3-minute Introductory Clip (in English or with Subtitle in English)

Once the entrant has passed the pre-screening, the entrant will be informed to transfer an entry fee of THB 20,000 (Thai Baht) to Miss International Queen™ Organisation by 12.00 hrs. on 1st September 2016 (Thailand Time: UTC+7). The detail of the bank account is as followed:

- Account Name: Tiffany's Show Pattaya Co., Ltd.
- Bank: Siam Commercial Bank Public Co., Ltd.
- Branch: Pattaya
- Account Number: 535-2-85820-6
- Telex Number: 20455 SIAMFX TH

Alternatively, please transfer the Enter Fee of THB 20,000 (Thai Baht) via www.PayPal.com to miq@tiffany-show.co.th.

Please send the pay-slip by email at am@tiffany-show.co.th or by fax at (+66) 38 421 711 to 2. Any domestic & international fees generated from a wire-transfer are to be solely covered by the contestants. Any difference from deduction generated from the wire-transfer may be settled in cash in Thai Baht (approximate exchange rate is USD 1 = THB 35) at Miss International Queen™ Organisation.

Rules of Eligibility: Qualifications for eligibility are that each contestant:

- a) Was naturally born genetic male
- b) Must be 18 – 36 years of age as of 31st December of the year of the contest.
Contestants may be 17 years of age provided that they reach their 18th birthday by 31st December of the competition year. Contestants under the age of 18 require parent/guardian permission to enter.
- c) Must be a pre- or post-operation transvestite or transsexual. A proof of natural genetic gender may be required in a form of Birth Certificate or Medical Genetic Verification.
- d) Must be a citizen, national or passport holder of a nation to be represented only.
A copy of passport and/or birth certificate may be used for verification. Legal documents such as a working permit and permanent resident visa are not sufficient to be used to represent a country. All documents must be officially translated into English and certified by the authorities with official stamps and signatures.
- e) Shall be of good character and possessed of charm poise personality and have beauty of face and figure
- f) Shall be a person who has never previously won the Miss International Queen™ Contest as a winner or runner-up

g) Shall be a person whose background is not likely to bring in to disrepute Miss International Queen™ Contest or Title or the Licensee or the Promoter or any person associated with them. In case the Promoter has appeared to award the prize to an ineligible person, it may require the return of the prize or payment of its value to the Promoter to be dealt with as an unclaimed prize.

Eligibility limitations:

All issues as to eligibility shall be determined solely and exclusively by Miss International Queen™. Contestant agrees to produce an original copy of a birth certificate and passport to verify age, gender, nationality, and citizenship upon request.

Miss International Queen™ Organisation reserves the right to refuse entry into the Miss International Queen™ to anyone for any reason. Miss International Queen™ Organisation reserves the right not to disclose any reason for its decision. All decisions are final.

Conditions for entry:

1. Contestant agrees to participate in all Miss International Queen™ Activities required by Miss International Queen™ Contest and the Promoter. Failing to participate in any of the required activities on 26th October – 4th November 2016 will automatically result in the entrant being disqualified from the contest. The Promoter has a full right to require the return of a prize or payment of any award the contestant has received to the Promoter to be dealt with as an unclaimed prize.
2. Contestant agrees that they are required to participate in Miss International Queen™'s Talent Quest in October 2016. Each contestant is required to perform on stage. The duration is limited to 2 minutes and 30 seconds for each performance. Costumes and equipment used for the performance are to be solely arranged by the contestant. The Talent Quest prohibits any display of nudity, foul language, innuendo, political, and transgendered & gay statements. Contestants are solely responsible to prepare their own costume, make-up, props, dancers, assistants and any item required for their performance.
3. Contestant agrees that they are solely responsible for their own medical and accident insurance to be valid throughout their stay in Thailand both before and during the Miss International Queen™ 2016 contest. Medical and accident

- insurance certificates are to be provided to Miss International Queen™ 2016 Organisation on arrival to the camp.
4. Contestant agrees that their followers such as dancers and assistants are to be solely responsible for arranging their own accommodation, transportation, and meals during the contest period. The Promoter does not provide any accommodation, transportation, and meals to the followers.
 5. Contestant agrees that international round-trip tickets to Bangkok, Thailand must be flexible for the contestant to change the departure date from Bangkok, Thailand without fees. Should the contestant wins the contest, the contestant is fully responsible to pay for any fees generated from changing the departure date from Bangkok, Thailand. Winner of Miss International Queen™ is required to stay in Thailand for at least 15 days after the date of the Final Round.
 6. Contestant agrees that Miss International Queen™ Organisation and the Promoter will provide complimentary shared accommodations & breakfasts at a registered hotel. Meals during activities will be organised. Miss International Queen™ Organisation will also provide complimentary domestic transfers to contestants from Suvarnabhumi Airport to an assigned hotel and vice versa from 25th October – 5th November 2016 only. Airfares and personal expenses including extra hotel expenses are to be solely covered by each contestant during Miss International Queen™ Contest. Contestants may check-in at the

assigned hotel on a complimentary basis on 25th October 2016. All contestants are requested to check-out from the hotel on 5th November 2016.

7. Contestant agrees to prepare the following outfits for the contest:
 - a. Extravagant national costume (colour to be confirmed)
 - b. Beautiful swimming suit (colour to be confirmed)
 - c. Classy evening gown (colour to be confirmed)
 - d. Glamorous short cocktail dress (colour to be confirmed)
 - e. Creative talent-quest costume (colour to be confirmed)
 - f. Casual white pants or white jeans for 8 days

8. Contestant agrees that the winner of Miss International Queen™ 2016 will perform the winner's duties for 12 calendar-months and to abide by all the required services, rules and regulations governing this contest if selected as the winner in the pageant and further. Some requirements for the winner are as followed:
 - a. to stay in Thailand for at least 15 days after the contest,
 - b. to return to Thailand 15 days before the end of the reign to perform her duties and present the crown to the next Miss International Queen™ in order to receive the remaining prizes,
 - c. to return to Thailand for the day of Miss Tiffany's Universe™ onstage contest, and

d. to return to Thailand, upon request, for Miss International Queen™ Press Conference of the following year.

Please note: Complimentary domestic transportation, accommodation, and meals will be provided to the winner and runners-up by the Promoter during these periods.

9. Contestant agrees that the winner and runners-up of Miss International Queen™ 2016 will be solely responsible for any fee generated from changing/amending any air ticket in order to perform the duties for at least 15 days after the contest. Contestant is advised to book for a flexible ticket to allow a convenient change of flight should the contestant becomes the winner or runners up of Miss International Queen™ 2016.

10. Contestant agrees that the winner of Miss International Queen™ 2016 will be awarded the first forty percent (40%) of the Winning Cash Prize on 4th November 2016, the second twenty percent (20%) on the night of Miss Tiffany's Universe™ 2017 contest, and the final forty percent (40%) at the end of the Miss International Queen™ 2016 reign.

11. Contestant agrees that the Miss International Queen™ crown remains with the Miss International Queen™ Office and will be used for an annual crowning of the next Miss International Queen™ winner. A rhinestone crown will be awarded to the winner of Miss International Queen™ at the end of the reign.

12. Contestant agrees that, if for any reason, the winner of Miss International Queen™ 2016 cannot fulfill the obligations; the first runner-up will become Miss International Queen™ 2016, and be awarded the remaining prizes.
13. Contestant agrees that the judges' decision is final and no correspondence will be entered into. The winners' name & any photos taken during the Miss International Queen™ 2016 contest and any event associated to the contest will be used in promotional material by the promoter, without compensation to the contestant. All contestants acknowledged that the Promoter has the right to publicise and publish their names, characters and likeness.
14. Contestant agrees that by entering Miss International Queen™ 2016 Contest, contestants' information and any photos taken can be used by the Promoter for Promotional purposes. All entries become and remain the property of the Promoter and will be used only for the purposes of conducting and promoting the Contest (including but not limited to determining and notifying the winner). The names and addresses of all contestants will not be shared or distributed to other parties unless notified and agreed.

Prizes:

Miss International Queen™ 2016

- THB 400,000 + Miss International Queen™ 2016 Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors
- Accommodations with modern amenities and friendly service in a tropical environment at Woodlands Hotel & Resort for the duration of her reign
- A life time access to Tiffany's Show Pattaya

First Runner-Up

- THB 100,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Second Runner-Up

- THB 75,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Best Evening Gown

- THB 40,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Best National Costume

- THB 40,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Best Talent

- THB 30,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Best Talent First Runner-Up:

- THB 15,000

Best Talent Second Runner-Up:

- THB 10,000

Miss Photogenic

- THB 20,000 + Trophy + Gift Voucher from Pratunam Polyclinic and other sponsors.

Most Popular Introductory Video

- A Trophy & a free roundtrip ticket from her point of origin to Thailand and back to her point of origin
- Votes will be counted on the number of Likes on Youtube only from today until Wednesday, 2nd November 2016 at 17.00 hrs. (UTC +7: Thailand Time)



Application Form

Please complete in English (type or *print* in block letters).

First Name (as shown in Passport) :

Surname (as shown in Passport) :

Stage Name:

Nationality:**Citizenship:**

Age: **Date of Birth:**

Height: centimetres

Weight: kilogrammes

Bust: inches

Waist: inches

Hips: inches

Occupation/Job:

Contact Address:**City:**.....

Postcode:**Country:****Contact No:**

Highest Education:**Talent/Hobby:**

Spoken Language(s):

Achievements:

Preferred contact method:

By Email: **By Phone:**.....

I, [print name]....., have read, understood and agreed to the rules and conditions of the Miss International Queen™ contest. I understand that if I accept the rules I must agree to all the rules and conditions applicable. I agree that I will not commence or participate in *any type* of claim or *lawsuit* against the Miss International Queen™ Organisation and Tiffany’s Show Pattaya Co., Ltd. as well as its sponsors, associated members and institutions. If I am under 18 years of age, I will fill out a written entry form and have it signed by a parent or guardian.

Signature**Date**.....